

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

**DÉBORA MARIA BORBA**

**IDENTIDADE E ALTERIDADE EM  
*REMEMBERING BABYLON* (1993), DE DAVID  
MALOUF**

**MARINGÁ – PR  
2010**

DÉBORA MARIA BORBA

**IDENTIDADE E ALTERIDADE EM  
*REMEMBERING BABYLON* (1993), DE DAVID  
MALOUF**

Dissertação apresentada ao PLE/UEM: Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado – da Universidade Estadual de Maringá como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.  
Área de Concentração: Estudos Literários  
Linha de Pesquisa: Literatura: Teorias Críticas e História

Orientador: Prof. Dr. Thomas Bonnici

MARINGÁ  
2010

## **DEDICATÓRIA**

A todos aqueles que sonham com um outro mundo possível e que através da pesquisa ousam transformar a realidade.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Vida e da Caminhada, por me conceder a oportunidade de realizar este trabalho.

A minha família, especialmente minha mãe, por sempre me ajudar, apoiar e incentivar, em todos os momentos.

Ao tio Walter, amigo e apoiador incondicional.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudos durante boa parte da realização do trabalho de pesquisa.

Aos amigos Ivaldir, Genivaldo, Sandro, Edivaldo, Lourdes, Rodrigo, Heloísa, Gisele, Vâine, Creuza, Regina, Ana Rosa, Tônia, Wagner, Tatiane, Sidinei, Ed, João Alberto, Nivalmir, Maria Helena, Gilberto, Teresinha, José. A contribuição de cada um de vocês foi de uma importância única e inigualável.

Às amigas de graduação e de vida toda: Alessandra, Ana Paula, Cristiane, Danúbia, Eliana, Jacqueline e Juliana.

Aos colegas/amigos mestrados da turma 2008: Alessandra, Ana Carolina, Érica, Fernando, João, Karina, Líliam, Márcia, Melissa, Míriam, Rita, Sandro. Conhecimento, convivência e partilha – assim nos caracterizamos.

Aos professores das disciplinas que cursei e à Andréa, secretária do PLE-UEM.

Ao orientador, professor Thomas, que certo dia me escreveu um e-mail dizendo que “nada está perdido” e desde então me faz acreditar nisso ao demonstrar que acredita em mim. Ainda o agradeço pela paciência, persistência, sugestões brilhantes e apoio total.

A sabedoria é resplandecente, não murcha, mostra-se facilmente para aqueles que a amam. Ela se deixa encontrar por aqueles que a buscam. Ela se antecipa, revelando-se espontaneamente aos que a desejam. Quem por ela madruga não terá grande trabalho, pois a encontrará sentada junto à porta da sua casa. Refletir sobre ela é a perfeição da inteligência, e quem cuida dela ficará logo sem preocupações. Ela mesma vai por toda parte, procurando os que são dignos dela: aparece a eles bondosamente pelos caminhos, e lhes vai ao encontro em cada um dos pensamentos deles. O princípio da Sabedoria é o desejo autêntico de instrução, e a preocupação pela instrução é o amor. O amor é a observância das leis da Sabedoria. Por sua vez, a observância das leis é garantia de imortalidade. E a imortalidade faz com que a pessoa fique perto de Deus. Portanto, o desejo pela sabedoria conduz ao reino.

**Sabedoria 6, 12-20**

## RESUMO

Analisa-se no romance *Remembering Babylon* (1993), de David Malouf, a identidade e a alteridade nas personagens da obra. São verificadas as construções identitárias dos colonizadores da comunidade escocesa que passa a habitar a região nordeste do continente australiano e da personagem Gemmy, o sujeito culturalmente híbrido. A hibridização e o multiculturalismo são também abordados, apresentando as particularidades advindas para o convívio social a partir da condição híbrida do protagonista. O objetivo é apresentar teorias que abordem a identidade e a alteridade e, a partir delas, analisar as situações hierarquizantes surgidas no contexto dos primeiros anos de colonização da Austrália, apresentadas no romance objeto deste estudo. Os autores utilizados para analisar os conceitos de identidade, alteridade, outremização e hibridização são Hall, Said, Bhabha, Memmi, Sidekun, entre outros. Os resultados apontam que a colonização australiana, valendo-se de pressupostos de superioridade europeia, não foi capaz de assimilar a possibilidade de hibridização. A negação do nativo e do culturalmente híbrido deixou marcas que estão presentes na configuração étnica e cultural da sociedade australiana na atualidade.

**Palavras-chave:** identidade; alteridade; híbrido; colonização; *Remembering Babylon*

## ABSTRACT

An analysis of the identity and alterity of the characters in the novel *Remembering Babylon* (1993) by David Malouf is provided. The identity formation of the colonizers hailing from the Scottish communities which settled in the northeast of the Australian continent is investigated, with a special focus on the culturally hybrid subject Gemmy. The hybridization and the multiculturalism are also analyzed and the peculiarities caused by the social context and by the protagonist's hybrid condition are forwarded for investigation. Current research aims at examining the theories on identity and alterity which may form the basis for an analysis of the hierarchical situations emerging during the initial years of Australia's colonization period fictionalized in the novel. The theories by Hall, Said, Bhabha, Memmi, Sidekun and others foreground the concepts of identity, alterity, otherness and hybridization. Results show that when Australian colonization adopted the presupposition of European superiority, it failed in understanding and putting into practice a policy of hybridization. Denying the natives' rights and ethnic contribution and shunning all cultural hybridity left marks which are still present in the ethnic and cultural configuration of current Australian society.

**Keywords:** identity, otherness, hybridity, colonization, *Remembering Babylon*.

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 .....	9
O STATUS LITERÁRIO DE <i>REMEMBERING BABYLON</i> .....	9
1.1 Problematização.....	9
1.2 Objetivos.....	10
1.2.1 Objetivo Principal.....	10
1.2.2 Objetivos Secundários .....	11
1.3 Justificativa.....	11
1.4 Metodologia.....	12
1.5 Vida e obra do autor .....	13
1.6 História da colonização da Austrália .....	15
1.7 Literatura australiana .....	16
1.8 Fábula de <i>Remembering Babylon</i> , de David Malouf.....	20
1.9 Fortuna crítica de <i>Remembering Babylon</i> .....	24
1.9.1 Fontes Internacionais.....	24
1.9.2 Fontes Brasileiras .....	26
CAPÍTULO 2 .....	30
IDENTIDADE E ALTERIDADE .....	30
2.1 Identidade .....	30
2.1.1 Identidade e Sujeito .....	33
2.1.2 Identidade e Diferença.....	37
2.1.3 Identidade e Linguagem .....	39
2.1.4 Identidade Nacional.....	40
2.2 Alteridade .....	42
2.2.1 Subalterno.....	44
2.2.2 Outro/outro .....	46
2.2.3 Abertura ao Multiculturalismo .....	47
2.2.4 Hibridismo .....	49
2.3. Identidade e alteridade – vias de autoconhecimento e de relação .....	51
CAPÍTULO 3 .....	52
<i>REMEMBERING BABYLON</i> : ANÁLISE .....	52
3.1 Comunidade escocesa na Austrália .....	53
3.1.1 Dados.....	53

3.1.2 Discussão: Identidade e Alteridade .....	64
3.2 A hibridização cultural de Gemmy: um menino inglês por nascimento, um jovem aborígine por assimilação .....	71
3.2.1 Dados .....	72
3.2.2 Discussão .....	83
3.3 O encontro entre a comunidade de povoadores escoceses e Gemmy.....	91
3.4 Contribuição de Gemmy à Comunidade de Povoadores Europeus.....	96
3.5 Desfecho do encontro .....	98
CAPÍTULO 4 .....	100
CONCLUSÕES, RESULTADOS E POSSIBILIDADES.....	100
4.1 Passos dados .....	100
4.2 Conclusões específicas .....	102
4.3 Perspectivas de pesquisas futuras .....	105
Referências Bibliográficas.....	107



# CAPÍTULO 1

## O STATUS LITERÁRIO DE *REMEMBERING BABYLON*

### 1.1 Problematização

O romance *Remembering Babylon*, do australiano David Malouf (nascido em 1934), foi publicado em 1993 e tem como pano de fundo o período inicial da colonização da Austrália em meados do século XIX. Retrata também como se dá a relação entre os colonos num pequeno povoado, com todas as suas limitações e dificuldades. Há especial atenção a um jovem que, apesar de sua origem britânica, vivera mais de metade de sua vida com os aborígenes e em dado momento encontra os colonizadores europeus. A partir daí, se estabelece uma relação complexa, dada a condição peculiar do jovem – nem branco europeu, nem aborígene australiano, mas culturalmente híbrido – e os medos e incertezas dos colonizadores. A narrativa, com linguagem poética e vigorosa, põe em questão o pertencimento a um lugar que não lhe é familiar, o contato com o outro e a constituição da identidade numa situação na qual ocorre o confronto de diferentes realidades.

Analisar as condições do sujeito colonial no continente australiano, ainda num período inicial da colonização, levará em conta as configurações políticas e econômicas que perfizeram o país, bem como o tipo de colonização adotado. Sabe-se que inicialmente a Austrália foi uma colônia penal da Inglaterra, recebendo homens e mulheres que cumpriam algum tipo de punição por crimes cometidos. Em terras tão longínquas e ainda em formação tornaram-se mão-de-obra e instrumentos da construção do país. Mais tarde a Austrália passou a receber mais colonos, livres, para cultivar as terras e formar as cidades. No decorrer dos anos, a partir do encontro entre aborígenes e europeus, foi sendo construída a tragédia colonial: quase toda a população nativa, formada pelos “negros” aborígenes, foi dizimada. Os poucos sobreviventes foram expulsos para lugares que não apresentavam condições favoráveis à exploração dos colonizadores.

O texto também possibilita uma reflexão sobre a condição dos “negros” ante os colonos, a partir de dois pontos de vista: a visão utópica, mas também hierarquizante, de transformá-los em trabalhadores submissos e a visão radical de acabar com todos eles. A

presença dessas duas situações e a possibilidade de investigá-las é também fator relevante para este trabalho.

As condições apresentadas pelo romance conduzem a questionamentos sobre a constituição da identidade e da alteridade, tanto como fator particular e individual, numa concepção subjetiva, quanto diante das relações sociais. Como se constrói a identidade, especialmente sendo ela uma condição pautada no conjunto de características que são distintas e geram a diferenciação que existe entre um indivíduo e outro? Os indivíduos têm necessidade de pautar suas práticas dentro de determinados grupos com os quais se identificam? Tal prática ocorre pela consciência que têm de si e também através da relação que estabelecem com os demais que pertencem ao grupo? A alteridade também se apresenta como condição daquele que mantém sua diversidade, sua diferença; mas quais as condições que produzem a alteridade? A alteridade se pauta no estabelecimento da diferenciação; é esta uma diferenciação que permite o reconhecimento e o respeito ao outro e ao que ele representa? Existe alteridade diante do detrimento de uma das partes que estabelecem algum tipo de relação humana? Quais são os elementos essenciais para a construção da identidade e da alteridade? De que depende a construção da identidade e da alteridade, como elas se formam, se firmam e se mantêm? Os indivíduos estão em constante atuação dentro de um contexto político, cultural, religioso e linguístico; desta forma é possível afirmar que a comunicação, o discurso e a ideologia também participam desta construção? Quais os elementos culturais presentes para a construção da identidade e da alteridade? A questão de identidade cultural também deve ser levada em conta ante a diferenciação do indivíduo? O pertencimento a uma determinada nacionalidade contribui para a construção da identidade e da alteridade?

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Principal**

Investigam-se discussões teóricas que envolvem a identidade e a alteridade para a compreensão da construção destas duas condições dentro de estados relacionais, bem como a compreensão do processo de colonização e da construção de situações hierarquizantes no contexto do romance *Remembering Babylon* (1993), de David Malouf, que trata do período inicial de colonização da Austrália.

### 1.2.2 Objetivos Secundários

Secundariamente, faz-se objetivo deste trabalho investigar as definições teóricas para os termos identidade e alteridade, buscando a importância destas duas realidades para a teoria literária pós-colonial e análise do romance *Remembering Babylon*. Desta forma, busca-se evidenciar a importância do encontro com o outro para a construção da identidade do sujeito colonial.

É ainda explorada a situação de *in-betweenness* na qual se encontra o protagonista do romance e qual a repercussão de tal situação para a compreensão de sua configuração identitária. Algo semelhante é realizado em relação às demais personagens de *Remembering Babylon*, buscando compreender a construção da identidade das mesmas ante as condições peculiares da colônia.

Ao voltar a atenção para as ações das personagens, analisam-se as diferentes formas de exclusão promovidas pelos colonos em relação ao protagonista do romance, configuradas como medo do desconhecido e medo de se tornarem semelhantes ao protagonista híbrido.

Destarte, é apropriado a este trabalho compreender as relações coloniais apresentadas em *Remembering Babylon* como exemplo das formas de exploração e preconceito geradoras de desigualdades e injustiças dentro das sociedades.

### 1.3 Justificativa

Justifica-se o tema desta dissertação pela pertinência da identidade e da alteridade nos estudos da literatura pós-colonial.

A teoria pós-colonial apresenta várias dimensões do colonialismo que podem ser abordadas para se chegar a uma compreensão dos aspectos que constituem a situação do colonizado e de como este reage a fim de se libertar da opressão. Dentre elas pode-se destacar o feminismo, a outremização, a diáspora, a transculturação, a representação da raça, a resistência, o hibridismo, dentre outros.

A constituição da identidade do sujeito é parte inerente a todo indivíduo e diversos são os estudos desta área, tanto na psicologia quanto nas ciências sociais. Quando estes estudos se concentram na literatura, a teoria pós-colonial dá suporte ao entendimento de tal constituição através da investigação dos mecanismos, tais como a linguagem, o discurso e a ideologia,

utilizados na sociedade, para que as elites e as metrópoles, manipuladoras e donas do poder, possam manter sua supremacia.

A personagem protagonista, Gemmy Fairley, encontra-se numa situação ambígua em relação a sua identidade, pois ele não é mais considerado um inglês e nem tampouco um nativo australiano. Tal situação, chamada *in-betweenness* na teoria pós-colonial, apresenta-se como um ponto bastante original para estudo.

A contribuição e aprofundamento que esta pesquisa pode oferecer aos Estudos Culturais, especialmente à teoria pós-colonial, justificam-na, pois trata-se de um estudo teórico nesta área, no intuito que se constitua em mais um instrumento na desconstrução da visão eurocêntrica, machista, elitista, heterossexual, racista e burguesa que ainda domina o mundo.

Sabe-se que os estudos em literatura colonial e pós-colonial são relativamente recentes, mas também muito promissores, existindo pesquisadores em diversas instituições de ensino superior do mundo todo, bem como no Brasil, tais como na Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal do Piauí (UFPI). Somar forças a tais estudos e torná-los mais abrangentes também justifica o presente trabalho.

Esta dissertação quer contribuir para uma melhor reflexão sobre as condições da construção da identidade do sujeito colonial, especialmente a partir do encontro com o outro, analisando como as relações construídas podem conduzir ou ao convívio pacífico e de respeito ou a uma situação de hierarquia que gera preconceitos, insegurança, medos, rivalidade e violência.

#### **1.4 Metodologia**

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é a pesquisa bibliográfica, a partir da análise de teóricos de literatura pós-colonial, especialmente os que versam sobre os temas identidade e alteridade. Embora sob diferentes títulos, destacam-se entre os autores Freud (2005), Fanon (2008), Sartre (1994), Said (2007), Hall (2003), Ashcroft (1998), Pratt (1999), Bhabha (2005), Memmi (1977) e outros.

Inicia-se a pesquisa com uma introdução a respeito da vida e das obras já produzidas pelo autor do romance *Remembering Babylon*, bem como das críticas escritas a respeito deste

romance, objeto de análise. Ainda, enquanto introdução, são apresentados aspectos da colonização australiana e da literatura produzida neste país.

No segundo capítulo são apresentadas e analisadas as teorias que dão embasamento aos temas identidade e alteridade, assim como a relevância dos dois para a compreensão do indivíduo colonial e pós-colonial pelos demais e por si próprios, de maneira especial no que concerne à construção do “ser” a partir do encontro com o outro.

O terceiro capítulo busca analisar no romance *Remembering Babylon* as questões apresentadas teoricamente e a pertinência destas para a construção do indivíduo protagonista da obra, Gemmy Fairley, com sua condição híbrida e a dificuldade em ser aceito entre os brancos europeus colonizadores da Austrália.

Finalmente, são apresentados conclusões e resultados a respeito da investigação, da teoria e da análise realizadas.

## **1.5 Vida e obra do autor**

David Malouf nasceu em Queensland, Austrália, no dia 20 de março de 1934. Filho de pai libanês cristão, e de mãe inglesa judia. Realizou seus estudos na Universidade de Queensland, completando-os no ano de 1955.

É marcante em sua formação a coexistente ligação que o autor tem com sua terra natal e com a Europa. Embora tenha nascido e crescido na cidade de Brisbane, o autor mudou-se para Londres, criando uma forte identificação com a Europa. Em Queensland ele lecionou por um curto período de tempo, passando a viver em Londres lecionou em Holland Park, Comprehensive School e logo depois em Birkenhead, em 1962. Em 1968 Malouf retornou à Austrália e lecionou na Universidade de Sydney, permanecendo aí nos dez anos seguintes. Desde 1985 Malouf divide seu tempo entre a Itália e a Austrália.

Passou a dedicar-se integralmente à atividade de escritor em 1978, mas seus primeiros dois livros foram publicados antes disso; são duas coletâneas de poesias: *Bicycle and Other Poems*, de 1970, e *Neighbour in a Ticket: Poems*, de 1974.

Malouf, de acordo com Ross (1999, p. 391), é um talentoso poeta, mas sua reputação internacional veio a partir da publicação de seus romances. Seu trabalho apresenta a oposição de forças que determina o comportamento humano. A linguagem também desempenha um papel fundamental em seus romances, como algo vigoroso e capaz de absorver e expressar a experiência pessoal de suas personagens.

Seu primeiro romance, *Johnno*, de 1975, é uma história semi-autobiográfica sobre um jovem crescendo em Brisbane durante a Segunda Guerra Mundial, um período vivido por Malouf sobre o qual ele posteriormente escreve em suas memórias *12 Edmondstone Street*, de 1985. Seu segundo romance *An Imaginary Life*, de 1978, retrata de forma ficcional a vida do poeta Ovídio, exilado de Roma pelo Imperador Augusto em 8 d. C. e enviado a viver entre a população dos arredores do Mar Negro. *Child's Play with Eustace & Prowler* é seu romance de 1982 que fala de terrorismo em duas narrativas curtas, enquanto *Fly Away Peter*, também de 1982, contrasta o cenário idílico de um santuário de pássaros em Queensland com os horrores da Primeira Grande Guerra.

Seus romances posteriores incluem *Harland's Half Acre*, de 1985, com a história de um artista vivendo numa região remota, tentando recuperar o passado de sua família. *The Great World*, escrito em 1990, ganhador do Commonwealth Writers Prize como melhor livro e o prêmio Fémina Etranger, da França, conta a história de dois australianos feitos prisioneiros por japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. O romance *Remembering Babylon*, publicado em 1993, foi amplamente aclamado e recebeu o primeiro Internacional IMPAC Dublin Literary's Awards, em 1996, bem como o Commonwealth Writers Prize, da região do sudeste da Ásia e do pacífico sul como melhor livro. *The Conversation at Curlow Creek* é um romance, de 1996, ambientado em New South Wales no ano de 1827, centrado na relação entre um analfabeto irlandês e o oficial de polícia designado para executá-lo. A coleção de contos do autor inclui os livros *Antipodes*, de 1985, e *Dream Stuff*, publicado em 2000.

Malouf escreveu ainda livretos de três óperas, entre elas *Voss*, uma adaptação do romance de Patrick White e apresentada pela primeira vez em Sydney no ano de 1986 e *Baa Baa Black Sheep*, uma ópera com música de Michael Berkeley, com o qual também colaborou na ópera *Jane Eyre*. David Malouf é também autor de uma peça de teatro intitulada *Blood Relations*, de 1998.

Os contos de Malouf foram reunidos e publicados em um único volume em 2007 com o título *The Complete Stories*. Este livro foi indicado para o prêmio Australian Prime Minister's Literary, em 2008. Dentre seus últimos livros destacam-se *Revolving Days: Selected Poems*, *Every move you make* (contos), ambos de 2008, e *Ransom*, romance lançado no final de 2009, que coloca novas luzes sobre a Ilíada de Homero.

## 1.6 História da colonização da Austrália

O continente australiano permaneceu isolado do restante do mundo até recentemente, mesmo figurando como *terra australis incognita* em lendas alimentadas na Antiguidade, pela ausência de atributos que despertassem interesse comercial, não foi explorada no mesmo período que a América. A Austrália era conhecida por portugueses no século XVI, sendo chamada Grande Java (KENEALLY, 2007). Em 1606, o espanhol Luis de Torres explorou a costa norte do território e em 1642 foi chamada de Nova Holanda por exploradores holandeses. A presença inglesa ocorreu, em 1688, quando o pirata William Dampier esteve na costa oeste australiana. O reconhecimento do continente como tal e a posse formal aconteceram em 23 de agosto de 1770, depois que os britânicos James Cook e Joseph Banks exploraram a costa oriental da Austrália e constataram que ela era adequada à colonização. Desta forma, a Austrália se tornou uma realidade geográfica apenas em fins do século XVIII.

A Austrália faz parte do continente mais novo do mundo e parte de sua história se inicia de fato a partir do momento em que ela se torna uma colônia penal da Inglaterra. A maioria dos condenados, principalmente por motivos políticos e religiosos, eram enviados à Austrália, sendo um terço deles irlandeses. A primeira expedição formal para a Austrália ocorreu em 1787, quando onze navios, carregados com 730 presos e 350 soldados e suas famílias, comandados pelo capitão Arthur Phillip, desembarcaram na Baía de Botany, atual Sydney (HUGH, 1988).

O governo na Austrália, no período inicial da colonização, foi marcado por um despotismo militar exercido por um corpo militar criado pela Grã-Bretanha. Em 1809, com a chegada do coronel Lachlan Macquaire, a administração na colônia ganhou novas feições. Segundo a enciclopédia Larousse (1998), este coronel ordenou a construção de estradas e edifícios públicos e a continuidade da exploração do continente. A completa soberania do Reino Unido sobre o continente foi declarada em 1830. Com o objetivo de tornar a até então “penitenciária” em verdadeira colônia, foi declarada Nova Gales do Sul colônia da coroa em 1823; em 1825 a Tasmânia recebeu um governador; os estados da Austrália Ocidental, Meridional e Queensland foram fundados em 1829, 1836 e 1859, respectivamente. Em 1840 foi cessado o envio de condenados para o continente.

Em 1885 criou-se um conselho federal para elaborar um projeto de constituição; em 1899 a confederação das colônias e em 1900 o projeto definitivo de federação foi aprovado. De acordo com dados do Almanaque Abril (2000), em 1901 uma estrutura federativa e parlamentar foi adotada na Austrália, ou seja, foi criada a Comunidade Australiana. A capital

Camberra foi inaugurada oficialmente em 1927. A independência foi declarada em 1942, mas o chefe de estado formal continuava sendo o soberano britânico. Durante as duas grandes guerras o país foi aliado do Reino Unido, de forma muito engajada.

As origens remotas da Austrália datam de mais de 40.000 anos e no que se refere ao aspecto populacional, afirma-se que, quando da chegada dos colonizadores, acredita-se que existisse na Austrália uma população aborígine de 300.000 pessoas, divididas em várias tribos e falando diferentes dialetos. A inserção inicial de colonos já prenunciou o aniquilamento da população aborígine (BARSA, 1998).

A população cresce a partir da chegada maciça de imigrantes ingleses, escoceses e irlandeses. A economia se desenvolve com a transformação de vastas regiões em pastagens e com a corrida do ouro na segunda metade do século XIX, quando as comunidades aborígenes são quase dizimadas. (ABRIL, 2000, p. 121)

As condições de vida da população aborígine tornaram-se precárias, seus espaços de habitação originais foram tomados para dar lugar a produção agropecuária, a extração mineral e aos aglomerados urbanos. A descoberta do ouro em 1850 foi fator que impulsionou a migração espontânea. Segundo Luz (2008), com o final de segunda Guerra Mundial, o governo australiano incentivou a migração de brancos europeus como proposta a restaurar a cultura e o crescimento do país. A entrada de migrantes de nacionalidade não-branca só foi permitida a partir de 1973, evidenciando a discriminação da política migratória do país. Os reflexos dessa política aparecem na atualidade, pois a população é formada por aproximadamente 95% de brancos, de origem majoritariamente anglo-saxônica, 3,5% de asiáticos e apenas 1,5% de aborígenes.

O alto padrão de vida e a economia forte do país não são capazes de esconder a deficiência no trato com a população nativa, que, apesar da criação de instituições na segunda metade do século XX para melhorar a situação dos aborígenes, não foram resolvidas questões internas da condição social desta parcela da população.

## **1.7 Literatura australiana**

A literatura australiana conta com diferentes fases em sua produção. Inicialmente, ainda no período de colonização, nos primeiros anos do século XIX, surgiram alguns romances. Os principais temas da literatura australiana são a identidade colonial, o



isolamento, a relação com a terra e com os nativos, sendo marcante um sentimento de exílio, em terra estranha, hostil e muito distante de centros culturais, bem como um sentimento de orgulho diante do “novo mundo” que tal território representava, possibilitando a construção de uma sociedade justa. Keneally (2007) afirma que o encontro dos colonos com o novo mundo e as peculiaridades da nova sociedade que ali se desenvolvia foram determinantes para a natureza descritiva dos primeiros escritos.

Segundo Sampson (1982), o primeiro romance australiano foi uma autobiografia de Henry Savery chamada *Quintus Servinton: A Tale founded upon Incidents of Real Occurrence*, escrito e publicado na Tasmânia em 1831, o qual foi seguido pelas reminiscências coloniais, metade autobiográfica, metade ficcional, de Charles Rowcroft em *Tales of the Colonies* e de Alexander Harris em *Settlers and Convicts*.

Cronologicamente, a poesia precedeu ao romance e este ao teatro; em 1819 foi impressa em Sydney a primeira obra da colônia: *The First Fruits of Australian Poetry*, escrita por Barron Field.

Inicialmente a literatura na Austrália era de exílio, através dos primeiros colonos ingleses. Essa literatura de exílio existia dado o caráter de afastamento geográfico que apresentava-se aos povoadores do continente. Da mesma forma Ovídio, os autores dos salmos bíblicos e James Joyce são exemplos desta forma de criação literária, pois escreveram fora de sua própria pátria e faziam menção a tal condição em seus escritos. A partir de 1850 surgiram formas mais populares de literatura, estimuladas pelo aumento demográfico que ocorreu no período da corrida do ouro no país. Nas duas últimas décadas do século XIX surgiram alguns escritores de baladas, como Adam Lindsay Gordon, que cantava a Austrália rural. A ficção, durante muito tempo, foi feita aos moldes britânicos, pois era produzida por ingleses que estavam apenas de passagem nas terras australianas, tais como Henry Kinsley. As raízes nacionais da literatura australiana surgiram um tempo depois, a partir de escritores como Marcus Clarke e Rolf Boldrewood. Durante os anos 1880, com a eclosão de ideais nacionalistas, democráticos e campanhas pró-independência, *O Boletim de Sydney*, um semanário político e literário, passou a publicar novelas e baladas de autores que retratavam a vida australiana. Estavam entre eles Henry Lawson, o poeta A. B. Paterson, os baladistas Barcroft Boake, Edward Dyson e Bernard O’Down. O único nome notável desse período, enquanto romancista, é o de Joseph Furphy. Ao iniciar o século XX, a literatura australiana ainda se dividia entre imitar modelos da literatura inglesa e a busca de sua própria identidade, porém percebe-se que os temas nacionalistas vinham perdendo espaço para a vida urbana. Alguns poetas deste período, Christopher Brennan, Hugh McCrae, J. Shaw Neilson, William

Baylebridge, foram uma fonte de inspiração diversificada. Após a Primeira Guerra Mundial observa-se uma influência da filosofia vitalista e o modelo de escrita é o da poeta Norman Lindsay.

A enciclopédia Barsa (1998) aponta a trilogia *The Fortunes of Richard Marony*, de Henry Handel Richardson, publicada em 1917, 1925 e 1929, como o romance que marcou a passagem para a “maioridade” na literatura australiana em atenção à profundidade psicológica das obras. No fim dos anos 30, surge uma nova tendência, fundada por Rex Ingamells, que procurava apresentar em seus versos um caráter autenticamente australiano, baseado na cultura e nos mitos aborígenes. É também neste período que surge o romance genuinamente australiano, que apresenta os aspectos do meio físico e social de forma realista. As mulheres foram responsáveis pelo cenário ficcional nesse período: Eleanor Dark, Katherine Susannah Prichard e Christina Stead. A única exceção foi Xavier Herbert. Após a Segunda Guerra Mundial, a produção de poesias floresce e nomes como Kenneth Slessor, A. D. Hope, R. D. Fitzgerald, James McAuleau, Douglas Stewart e os jovens Francis Webb, Peter Porter, Bruce Beaver, Rodney Hall, Les Murray, Robert Adamson, Michael Dransfield são destaque. A poesia feminina do pós Segunda Guerra também merece destaque, por seu vigor. Judith Wright, Rosemary Dobson, Dorothy Hewett e Katherine Walker são os nomes mais evidentes, sendo a última delas a primeira escritora aborígene a ganhar ampla popularidade. Entre os romancistas do pós-guerra está o prêmio Nobel de 1973, Patrick White, com obras de feição existencialista, como *The Living and the Death* e *Voss*, e o também importante Martin Boyd, que analisou a vida na Inglaterra e na Austrália. Ambos exploraram questões espirituais e morais. A geração seguinte repudiou o realismo da década de 30 em favor de uma interpretação imaginativa da realidade. Os representantes deste período são Randolph Stow, Thomas Keneally e David Ireland. Morris West, Arthur W. Upfield e Collen McCullough difundiram através de suas obras, tais como *As sandálias do pescador* (de autoria do primeiro) e *Pássaros Feridos* (de autoria do terceiro), o romance popular australiano. Num período posterior, a literatura australiana contou com escritores engajados, influenciados por obras de autores norte-americanos e latino-americanos, marcados pelo ideário de liberdade e democracia dos anos 1967-1968 e pela Guerra do Vietnã. As obras apresentam originalidade, tanto os romances como as novelas e os autores que se destacam são Barry Oakley, Frank Moorhouse, Michael Wilding, Murray Bail e Peter Carey.

Segundo Sampson (1982) a opinião da maioria dos mais respeitados críticos é de que a literatura australiana está ainda em sua “infância”, mas praticamente documentada e antologizada. Tal tarefa já realizada poderá muito bem vir a contribuir na distinção entre a

produção de maior qualidade e as demais produções literárias australianas, mais do que já vem sendo feito.

A escrita literária que envolve questões de identidade abarca autores e obras, como Miles Franklin e seu romance *My Brilliant Career*, de 1901; os romances românticos populares de Marie Bjelke Petersen, como *The Mysterious Stranger* e *The captive Singer*, publicados entre 1917 e 1937; *Wake in Fright*, de Kenneth Cook (1961); *Monkey Grip*, de Helen Garner (1977); *Praise*, de Andrew McGahan (1992); *Loaded*, de Christos Tsiolkas (1995).

A literatura australianas na atualidade conta com diversos nomes e tanto a produção de romances quanto de poesias é reconhecida e valorizada em todo o mundo. Entre os escritores notáveis estão Peter Carey, Kate Grenville, David Malouf, Janette Turner Hospital, Marion Halligan, Christopher Koch, Alex Miller, Shirley Hazzard, Richard Flanagan e Tim Winton. Muitos destes autores abordam com frequência em suas obras a situação vivida no contexto de colonização. Richard Flanagan escreveu seu romance *Gould's Book of Fish*, de 2001, baseado na história da Estação Penal Mcquaire Harbour, da costa oeste da Tasmânia; a compreensão da situação dos condenados à prisão na Austrália deste período acontece através da personagem William Buelow Gould, protagonista-narrador e um dos condenados que tinha dom artístico e desenhava peixes. Kate Grenville publicou, em 2005, *The Secret River*, um romance histórico sobre a vida de um homem inglês enviado à Austrália, juntamente com sua família, e que mostra tanto a vida colonial quanto a tragédia da confrontação entre aborígenes e colonizadores brancos. Também em 2005, a autora Lou Drofenik, de origem australianomaltesa, publicou *Birds of Passage*, romance que contempla, a partir do olhar feminino, a condição colonial. David Malouf, do mesmo modo, tem interesse pelo passado da Austrália em suas obras; uma delas é *The Conversations at Curlow Creek*, de 1996, que narra a comunicação de dois homens – um prisioneiro e o oficial responsável por ele – enquanto trocam memórias sobre o passado e *Remembering Babylon*, de 1993, conforme já exposto neste trabalho, refere-se ao momento inicial da colonização e do embate entre uma figura híbrida e os colonos.

Apesar da diversidade de temas tratados pela literatura, a condição de colônia inglesa, as peculiaridades – colonização tardia, espaço prisional, o embate com os povos nativos, a grande distância das metrópoles mundiais – influenciaram a literatura australianas, introduzindo o retrato das condições de colonização como matéria de grande interesse e as indagações a respeito de pertencimento, identidade e auto-conceituação ante a realidade colonial.

## 1.8 Fábula de *Remembering Babylon*, de David Malouf

Gemmy Fairley, protagonista de *Remembering Babylon*, nasceu na Inglaterra em meados do século XIX e suas lembranças mais remotas voltam-se para o período de sua segunda infância, no momento em que ele era apenas uma criança que rastejava entre vãos estreitos, juntamente com outras crianças, no chão de uma barulhenta serraria, serpeando máquinas de pernas grandes, varrendo as serragens que caíam no chão e colocando-as dentro de cuias de madeira. Ele não se recorda do momento em que se deu a mudança, em que ele passou a ser o empregado de Willett, mas foi provavelmente entre os seis ou sete anos. Ele era uma criança mirrada e subnutrida, mas ao ser o *menino de Willett* levava alguma vantagem, pois tinha abrigo e um pouco de alimento. Seu trabalho era colocar as botas de Willett para secar perto do fogo, afiar a navalha de Willett, com uma tira de couro, cuidar das doninhas que Willett possui, buscar uma jarra de cerveja para Willett e retirar do cesto as ratazanas que Willett fornece para rinhas, sendo esta última atividade arriscada, pelas mordidas que as ratazanas dão-lhe quando escapam de suas mãos. Gemmy, apesar de sua vantagem sobre outros meninos, leva uma vida totalmente limitada, voltada para o sujeito que lhe toma conta e que é fonte de pragas, insultos, pancadas e ordens inquestionáveis. Numa noite, enquanto Willett dormia embriagado, Gemmy varreu todos os ciscos da casa, juntou-os e ateou-lhes fogo. O fogo espalhou-se com rapidez e, um pouco sem se dar conta do que havia feito, com muito medo de seu “cuidador”, Gemmy foge. Em sua fuga, vai para um lado da cidade onde nunca havia estado antes, e tenta dormir no vão de uma porta. A certa altura da noite, um sujeito aparece e tenta colocá-lo dentro de um saco. Em nova fuga, sobe por uma corda e cai numa caixa, sem sentidos. Ao acordar, descobre-se num navio, é encontrado por um marinheiro e passa a ter uma nova vida, sem nunca ter planejado isso. Durante dois ou três anos ele vive no mar, Gemmy nessa época deve estar com treze anos de idade; entre um navio e outro, sofre humilhações, mas consegue sobreviver e manter-se alimentado. Os personagens de que se lembra nessa época, que lhe trouxeram castigos e humilhações, são Mosey e o Irlandês. Certo dia, muito debilitado por alguma enfermidade, é atirado para fora do navio, no mar. Acaba chegando a praia, na costa australiana, onde é encontrado por um grupo de mulheres e crianças aborígenes. É visto por elas como uma criatura estranha, frágil, de olhos leitosos. Recebe água e, apesar das condições de sua saúde aparentarem ser bem ruins, consegue sobreviver, chegando inclusive, na noite do mesmo dia em que fora achado, a rastejar até chegar ao redor da fogueira onde se encontrava o grupo de aborígenes. Ele tenta chamar a atenção das pessoas que ali estão, fazendo caretas e emitindo grunhidos.

Inicialmente constrangidos e apiedados e depois irônicos, lançam-lhe restos de comida. Na manhã seguinte, com a partida do grupo, segue-os. Inicialmente é rejeitado, tentam deixá-lo para trás, empurram-no, mas depois acaba permanecendo junto ao grupo de mulheres mais velhas, recebe alguns alimentos, surrupia outros e, depois de certo tempo, adapta-se à realidade daquelas pessoas, aprendendo sua língua e seus costumes. Decorridos aproximadamente dezesseis anos desde a sua chegada à Austrália, Gemmy passa a percorrer espaços mais afastados daquele em que o grupo de que faz parte costuma ir e descobre vários vestígios de coisas diferentes das quais estava acostumado: fezes de cavalo, casas com chaminés, criações de galinhas, crianças brancas, roupas no varal. Todas estas coisas, de alguma forma, são familiares a Gemmy e ressoam em sua memória, mas ele não as assimila com facilidade. Numa de suas incursões depara-se com três crianças: Lachlan Beattie, Janet McIvor e Meg McIvor. As crianças brincavam perto de um cercado, junto com seu cachorro, quando avistam uma criatura estranha correndo ao encontro delas. O menino do grupo empunha um pedaço de madeira que carregava, em sinal de defesa. Gemmy, que a essa hora já está bem perto, sobe no cercado e fala, em inglês, para não atirarem, pois ele é um objeto inglês. Ainda muito assustadas, as crianças percebem que ele não é uma ameaça e o menino do grupo, exercendo um tipo de dominação sobre Gemmy, ainda empunhando a madeira que tinha nas mãos, o conduz até o centro da comunidade onde vivem os colonizadores, a um espaço que poderia ser definido como a rua principal do vilarejo. Ali, Gemmy se torna o centro das atenções e acaba fazendo muitos gestos e emitindo grunhidos; com extrema dificuldade articula algumas palavras e tenta se fazer entender. Institui-se um tipo de jogo de adivinhação entre os moradores locais, para descobrir o que Gemmy quer expressar. Depois de um tempo, estruturam oralmente uma breve biografia, a respeito da idade, das origens e de como Gemmy viera parar ali. Não era um fato inédito, mas chamou a atenção de todos, especialmente pelo aspecto que ele tinha nessa época: pele escura, cabelos amarelados e secos, dentes corroídos, uma perna mais curta que a outra, uma sobancelha faltosa, marcas de cicatrizes pelo corpo, além da grande dificuldade em articular palavras em inglês. Era designado como “branco negro”. Ainda neste momento inicial, por iniciativa do pastor local, Sr. Frazer, resolveram fazer um relatório sobre a vida de Gemmy, anotando tudo que fosse possível abstrair de sua fala, sobre quem era ele, qual a sua origem e como viera parar ali. Para esta atividade reuniram-se na escola do local e, enquanto o pastor interrogava Gemmy, o professor George Abbot tomava nota das frases que o Sr. Frazer lhe ditava. Dessa entrevista resultaram sete páginas escritas e Gemmy via as palavras que continham como uma espécie

de mágica: o conteúdo, a cor da tinta, o cheiro, estes elementos representaram para ele sua vida, que havia sido drenada e ali armazenada. Sentia-se fraco e imaginava ser essa a razão.

Os colonos que o encontraram e que faziam parte dessa comunidade eram escoceses e Gemmy foi acolhido na casa dos McIvor - Jock e Ellen -, os pais das meninas e tios do menino que o encontraram. Deram-lhe um lugar pra dormir embaixo de uma colcha vermelha, num telheiro pegado à cabana que era a casa da família. Os colonos contavam com grandes propriedades, mas muitas dificuldades, como o extremo afastamento de sua região de origem, a grande diferença climática, as condições da terra, os poucos recursos e o medo do desconhecido, especialmente dos moradores nativos, os aborígenes. Tinham a sensação de estar sob constante ameaça de um ataque. O medo que sentiam também se relacionava com o que seriam eles naquela terra tão afastada, temiam tornar-se como aquele jovem que ali estava há alguns anos. O grande medo que os colonos sentiam acabou por conduzir a relação deles com Gemmy: acreditavam que ele pudesse ser um tipo de espião, que ainda mantinha ligação com os aborígenes e que estes pudessem, a qualquer momento, empreender um ataque. As relações inter-pessoais entre os vizinhos colonos eram muito importantes e Jock McIvor tornou-se alvo de muitas queixas por estar acolhendo Gemmy. Neste período em que Gemmy passou a viver junto aos colonos, começou a realizar trabalhos manuais para auxiliar Jock e Ellen, mas não tinha suficiente disposição e o garoto Lachlan realizava melhor do que ele as atividades. Ele também acompanhava as meninas Janet e Meg, ensinava-lhes algumas coisas que havia aprendido dos nativos, como trançar capim, fazer sacos de junco, escolher raízes que podiam ser assadas e comidas e pegar cerejas. Com o menino sua relação era mais estreita, porém, mais complexa, pois a personalidade forte do garoto não permitia assumir afetos em público, mas Gemmy se deixava conduzir o tempo todo por ele, embora também tenha lhe ensinado algumas coisas, como rastrear.

Entre os colonos havia diferentes posturas adotadas ante Gemmy. O Sr. Frazer, logo de início, empreendia com Gemmy excursões através da vegetação local, contando com a ajuda do branco negro para lhe informar a respeito dos nomes das frutas, flores e demais plantas do local. Tal atividade fazia parte de um relatório que o pastor estava escrevendo e para Gemmy uma maneira de se fazer útil, apesar de se incomodar e sentir medo das pronúncias do Sr. Frazer para certas palavras, pois isto tanto podia resultar numa palavra descontextualizada, quanto numa palavra proibida. Outras pessoas, como Ned Corcoran e Barney Mason, vizinhos de Jock McIvor, incomodavam-se demasiadamente com a presença de Gemmy e, muitas vezes, faziam-se próximos do rapaz para tentar descobrir se ele era ou não um espião dos “negros”. A situação criava um ambiente muito tenso e o clímax aconteceu

na ocasião em que Gemmy recebeu a visita de dois aborígenes. Já haviam se passado alguns meses desde que ele iniciara seu convívio com os colonos, Gemmy estava fraco, abatido, adoentado. Os visitantes trouxeram-lhe energia, mas a única testemunha do ocorrido, o suspeito Andy McKillop, acreditava que eles lhe haviam entregado uma pedra e disseminou tal idéia entre os colonos, causando mais medo e tensão. A partir de então ocorreram algumas coisas estranhas com os McIvor: cercas apareceram cortadas, três gansos de Ellen foram mortos e numa outra ocasião a parede de tábuas de um barracão que Gemmy consertava apareceu lambuzada de fezes humanas, estarrecendo Jock, o único, além de Gemmy, a ver tal ação ofensiva.

Alguns dias depois Gemmy sofreu um ataque mais direto: um grupo de homens, no meio da noite, agarrou-o, colocou sua cabeça dentro de um saco e tentou afogá-lo no rio. Jock, ouvindo a movimentação, saiu de sua casa para ver o que era, seguiu o grupo que, ao vê-lo, se dissipou. Conseguiu salvar Gemmy, mas percebeu que ele não poderia mais ficar com sua família. Seguindo a sugestão da mulher do pastor Frazer, Gemmy foi enviado para a casa da senhora Hutchence, uma mulher de meia idade que morava numa bela casa, num local um pouco mais afastado da cidade, junto de uma parenta chamada Leona. A casa delas era frequentada pelas filhas dos McIvor e por alguns jovens do lugar, como o professor George Abbot e Hector Gosper. Com a mandíbula e algumas costelas quebradas, além de outros ferimentos, Gemmy ficou na casa da Sra. Hutchence para se recuperar e no quartinho que lhe designaram recebia alimentos e cuidados. Apesar disso, o espírito de Gemmy estava mais perturbado do que nunca: acordava durante a noite, tinha muitos pesadelos, lembrava-se de episódios de sua infância e adolescência, como a ira de Willett e as terríveis ofensas de Mosey e do irlandês. Nesse período o Sr. Frazer, que acreditava poder ajudar Gemmy apresentando seu relatório sobre o branco negro e sua tese sobre ele – Gemmy como a representação do que todos os colonos se tornariam naquela terra –, dirigiu-se a Sir George, o governador, para ter uma entrevista com ele. Tal intento foi frustrado pela indiferença e outras limitações apresentadas pelo governador.

Num dia de queimadas na mata, sentindo-se totalmente esvaído de sua saúde e energia vital, Gemmy caminha em direção ao povoado para buscar as folhas que haviam registrado os fatos de sua vida alguns meses antes. Encontra o professor George Abbot corrigindo algumas provas de seus alunos e este lhe entrega sete dessas folhas. Gemmy as recebe como se recebesse sua biografia e vai embora. Não é mais visto.

Acredita-se que ele tenha voltado a conviver com os aborígenes e tenha morrido dois anos após seu afastamento da comunidade de colonizadores escoceses, mas as informações

nunca foram concretas, vieram de relatos que se misturavam a mitos contados por aborígenes a Lachlan, algum tempo depois, quando ele se tornou mateiro e depois construtor de estradas.

Anos mais tarde, Lachlan Beattie vai a um convento encontrar sua prima Janet (que agora é a irmã Mônica). Na conversa que estabeleceram fizeram referência a Gemmy, lembrando-se do momento em que o avistaram pela primeira vez e numa profusão de sentimentos Janet encontrou para Gemmy a definição de “alguém que amávamos”. Lachlan recorda a investigação empreendida por ele a fim de descobrir o que poderia ter acontecido a Gemmy, já que conhecia um pouco a língua dos nativos. As respostas recebidas sempre levaram a um mesmo fim: Gemmy teria sido morto pouco tempo depois de sair do povoado, num ataque que um grupo de “negros” sofreu, sendo perseguidos e abatidos com golpes de estribos de ferro. Lachlan chegou a ver os embrulhos de ossos das vítimas e, mesmo sem sentir nada de especial, acreditou que num deles estavam os ossos de Gemmy.

## **1.9 Fortuna crítica de *Remembering Babylon***

### **1.9.1 Fontes Internacionais**

Embora tenha sido publicada no ano 2000 uma tradução do romance, a fortuna crítica mais evidente sobre esta obra está fora do Brasil. A maior parte do material escrito e divulgado sobre o livro aponta-o como uma leitura muito interessante, com uma narrativa intimista. Evidencia-se também nas críticas a valorização atribuída às diversas personagens da trama. São ainda destacadas as condições do protagonista Gemmy, como indivíduo híbrido e as reações de preconceito, exclusão e violência ocorridas na comunidade de colonos a partir da aproximação de Gemmy.

O Kirkus Reviews, de 1993, apresenta crítica sobre o romance:

A quietly masterful tale from Australia's colonial past, depicting the savage and painful nuances of racism evoked when a white youth raised by aborigines returns to his own people: from award-winning novelist and poet Malouf. When Gemmy Fairley encounters the children of Jock McIvor as they play on the fringe of their mid-19th-century settlement in the Outback, a chain of events is set in motion that changes all their lives. Gemmy, cast ashore as a child after a brutal life in the streets of London and at sea, joined the natives who found him, spending 16 years with them before seeking out other whites to find answers to questions about his origin still tormenting him. Adopted by McIvor's family, proud Scottish immigrants, he is accepted by them but not by the community, which views him with distrust as his otherness remains intact--and when native visitors are seen with him, fears of an attack turn the whites violently against him. Saved by Jock--who finds his own growing estrangement



from his neighbors a disturbing development that he's powerless to change- - Gemmy is removed to more secure lodgings, but he wishes only to escape and vanishes soon after. Meanwhile, his presence among the McIvor children has proved a turning point for them, as they witness both Gemmy's innocence and the barbarity of others, and in the process the whole family becomes increasingly open to the subtle natural wonders of their new homeland. Delicate but relentless in its focus on the manifestations of racial intolerance, this is enhanced by a naturalist's keen eye for detail, bringing landscape and states of mind together in a probing, resonant vision of discovery and despair (KIRKUS, online, 1993).

O jornal *The Toronto Star* assim refere-se ao romance de Malouf:

A dazzling novel...The story has moments of such high intensity that they remain scorched in memory. As the story moves forward to its conclusion, we go unwillingly with it, not wanting this book, with the wisdom it contains, to stop speaking to us (AMAZON, online, 1996).

O site de notícias *The Globe and Mail* também lançou nota sobre o romance:

*Remembering Babylon* is another rare chance to read a work by one of the few contemporary novelists who examines our constantly battered humanity and again and again brings out its lingering beauty (AMAZON, online, 1996).

*The New York Times* (1993) cita *Remembering Babylon* em três notas no jornal, todas com críticas positivas ao romance:

There are passages of aching beauty in *Remembering Babylon*, and passages of shocking degradation. Mr. Malouf has written a wonderfully wise and moving novel, a novel that turns the history and mythic past of Australia into a dazzling fable of human hope and imperfection.

In the mid-1840s, a 13-year-old British cabin boy is cast ashore in the far north of Australia and taken in by aborigines. Sixteen years later, he moves back into the world of Europeans. "Wonderfully wise and moving... a dazzling fable of human hope and imperfection."

Breathtaking...To read this remarkable book is to remember Babylon well, whether you think you've been there or not. (THE NEW YORK TIMES, online, 1993)

Da mesma forma é apresentada uma resenha, juntamente com uma crítica do livro, quando do recebimento do International IMPAC Dublin Literary, em 1996 (from the Inside Flap Winner of the IMPAC Award and Booker Prize nominee). É um texto que figura na maior parte dos sites que apresentam o livro:

In this rich and compelling novel, written in language of astonishing poise and resonance, one of Australia's greatest living writers gives and immensely powerful vision of human differences and eternal divisions. In the mid-1840s a thirteen-year-old British cabin boy, Gemmy Fairley, is cast ashore in the far north of Australia and taken in by aborigines. Sixteen years later he moves back into the world of Europeans, among hopeful yet terrified settlers who are staking out their small patch of home in an alien place. To them, Gemmy stands as a different kind of challenge: he is a force that at once fascinates and repels. His own identity in this new world is as unsettling to him as the knowledge he brings to others of the savage, the aboriginal (AMAZON, online, 1996).

Um site intitulado *Contemporary Writers*, que oferece a biografia, a bibliografia, as indicações, as premiações e uma perspectiva crítica de boa parte dos escritores contemporâneos, traz o seguinte sobre o romance:

*Remembering Babylon* (1993), arguably Malouf's best known novel is set in 19th-century Australia, and tells the story of a young boy (Gemmy Fairley), a castaway who is rescued and taken in by aborigines. As an adult, Gemmy comes into contact with a group of European settlers and is taken in by the McIvor family. However, he is never completely accepted by the settler community: both insider and outsider, familiar yet foreign, he arouses both the desires and distrust of his people. Most disturbing of all, Gemmy no longer feels at home in his own body. He has become an in-between figure; a hybrid (PROCTER, online, 2002).

Verifica-se que as fortunas críticas aqui apresentadas, todas oriundas de sites, voltam-se para o aspecto de divulgação da obra e utilizam adjetivos grandiosos para qualificá-la, no intuito de tornar a obra um best-seller, ou seja, focam-se meramente na propaganda para alavancar as vendas, cativando os leitores. Desta forma, não podem receber a qualificação de textos de crítica literária e muito menos validar de forma consistente a qualidade da mesma. Apesar disso, verifica-se que todos os textos destacam o caráter original do tema da fábula e a forma de escrita de Malouf.

### **1.9.2 Fontes Brasileiras**

No Brasil, as críticas feitas a respeito do romance referem-se a sua tradução, realizada por Rubens Figueiredo e publicada pela editora Companhia das Letras no ano 2.000. A revista *Veja* publicou uma pequena nota sobre o romance em sua coluna de recomendações:

*Lembrando Babilônia*, de David Malouf: Separe este livro para ler durante as Olimpíadas de Sydney. Não, ele não tem nada a ver com práticas esportivas. Mas se trata de um ótimo romance sobre o período de formação

da Austrália e o encontro de culturas que se deu ali. Malouf conta a história de um grupo de colonos escoceses que, em meados do século passado, constroem seu vilarejo numa das regiões mais isoladas e inóspitas do país. Um dia, um homem surge dos pântanos. Europeu, ele foi abandonado na infância e criado por uma tribo de aborígenes. "Paródia de um homem branco", nas palavras do autor, esse novo personagem causa inquietação e perplexidade entre os moradores do vilarejo e traz à tona todas as contradições do processo colonizador. Malouf, o mais importante escritor australiano da atualidade, explora os conflitos que se seguem e ainda oferece descrições detalhadas das paisagens de sua terra natal (VEJA, online, 2000).

De forma semelhante, o jornal *Folha de Londrina* publicou uma breve resenha sobre a obra traduzida, indicando-a. Tal texto encontra-se publicado no site da editora Companhia das Letras.

*Lembrando Babilônia* não é um romance que pretende representar o universo aborígene dos nativos do continente australiano. Procura apenas, de maneira poética, mostrar o sentimento conflituoso do estrangeiro branco, o civilizado europeu, frente às diferenças humanas. O próprio autor declarou que sua incapacidade nesse sentido: "O mais difícil foi conseguir o que eu queria dizer sem parecer pretensioso, sem fingir que sabia algo que não sabia. Nenhum branco compreende suficiente o mundo dos aborígenes para escrever sobre ele" (LOSNAK, online, 2000).

Outro site de relacionamentos, pesquisas e vendas no Brasil, chamado *Livra*, publicou nota sobre o romance:

Este sétimo romance do autor australiano flagra o nascimento de um país, ao dramatizar o grande conflito da sociedade australiana - o choque dos nativos, de um lado, e o colonizador branco, de outro. O escritor ambienta o romance no século XIX. O protagonista foi um dia um adolescente londrino miserável que embarcou como clandestino num navio. Abandonado pelos marinheiros numa praia da Austrália, foi recolhido por aborígenes e viveu dezesseis anos com eles. Quando reaparece entre os colonos brancos, torna-se uma fonte de confusão e de pânico. É olhado como uma mistura de criança e animal. Chamam-no 'o homem branco negro'. A coragem e a covardia são representadas nesta obra com todos os matizes, à medida que se formam em cada personagem. David Malouf faz um retrato vigoroso da violência e da intolerância racial (LIVRA, online, 2003).

No jornal *Folha de São Paulo*, no ano 2000, em sua coluna de indicações dos *Dez +* do caderno *Mais*, encontra-se outra nota sobre o romance:

*Lembrando Babilônia*: O premiado autor australiano David Malouf constrói um poético relato sobre um garoto que passa 16 anos entre aborígenes, durante o século 19. Em busca de suas origens, ele se vê mais uma vez adotado, agora por uma família de imigrantes escoceses (MAIS, online, 2000).

A editora Companhia das Letras, numa realização em comemoração aos vinte anos da editora, produziu um site com títulos específicos que são recomendados. Entre eles está a tradução da obra objeto de estudo deste trabalho. Além de um breve parágrafo sobre o tema do livro, o site apresenta algumas das premiações que ele recebeu:

*Lembrando Babilônia* flagra o nascimento de um país, ao dramatizar o grande conflito da sociedade australiana: o choque entre os nativos e o colonizador branco. Em seu sétimo romance, David Malouf faz um retrato vigoroso da violência e da intolerância racial. Premiação: Los Angeles Times Book Prize (1994); International IMPAC Dublin Literary (1996); Neustadt (2000); Lannan Literary (2000) (LETRAS, online, 2006).

A fortuna crítica apresentada sobre a obra destaca, além da situação de conflito do encontro do jovem Gemmy com a comunidade de colonos, evidencia ainda a originalidade do tema e a maneira diferenciada com que o autor o trata, através de uma linguagem que carrega nuances poéticas e da focalização que leva em conta os pensamentos e sentimentos da maior parte das personagens.

Apesar das qualidades da obra, a fortuna crítica feita sobre ela no Brasil, assim como a internacional, não é capaz de apresentá-las adequadamente. As notas publicadas em sites e jornais parecem ater-se mais a aspectos superficiais da obra e que possam evidenciar o caráter relevante da aquisição do produto para uma leitura agradável, sem aprofundar-se na densidade e qualidade literária da obra.

*Remembering Babylon* até agora não foi objeto de estudo e análise acadêmica por parte de nenhum pesquisador no Brasil. É ainda a única obra que foi traduzida para a língua portuguesa. Nenhuma outra obra de David Malouf figura em pesquisas nacionais, de modo que a fortuna crítica da obra só esteja presente em resenhas de jornais e textos informativos. Este fato pode ser explicado pela pouca atenção dada à literatura australiana no Brasil, seja por sua relativamente recente existência ou pela pouca divulgação feita por aqui. Tais fatos salientam o ineditismo da presente pesquisa.

Internacionalmente, tanto *Remembering Babylon* quanto as demais obras de David Malouf foram objeto de pesquisas acadêmicas. O que há de mais recente sobre o autor e a referida obra encontra-se no livro *David Malouf*, de Don Randall, publicado em 2007. Randall cita e comenta dezenas de artigos publicados sobre *Remembering Babylon*, desde 1993, de pesquisadores e críticos australianos, franceses e belgas. Alguns posicionamentos presentes nos referidos artigos serviram de mote para pontos abordados na análise desta pesquisa.

Por tratar-se de um romance escrito originalmente em língua inglesa, e esta pesquisa ter por proposta o estudo da literatura em língua inglesa, as citações da obra *Remembering Babylon* feitas durante o trabalho serão apresentadas no original, em inglês, com posterior citação da tradução em português, que no Brasil é oferecida numa edição de 2000, da editora Companhia das Letras, com tradução de Rubens Figueiredo. A bibliografia consultada que se apresentar em inglês, a partir de agora, também será traduzida, mas desta vez pela autora.

Os dados proporcionados até o momento referem-se ao status literário da obra, a uma breve contextualização e a algumas informações que possam contribuir para a compreensão desta dissertação. A partir do próximo capítulo, a proposta do trabalho é apresentar os aspectos que se relacionam a identidade e a alteridade a partir da análise da obra *Remembering Babylon*. Para que seja possível realizar tal intento, faz-se necessário teorizar a respeito dos conceitos de identidade e alteridade, tanto definindo-os, buscando a origem dos termos e o emprego e utilização que alguns pensadores fizeram deles, quanto buscando elementos, definições e discussões da teoria e crítica literária, em especial a pós-colonial.

# CAPÍTULO 2

## IDENTIDADE E ALTERIDADE

### 2.1 Identidade

O ser humano é fundamentalmente relacional – a vida em sociedade é marca de todos os indivíduos desde tempos muito remotos. A condição relacional se apresentou inicialmente como necessária à sobrevivência; a dependência dos seres humanos recém-nascidos de seus pais ou outros adultos que possam alimentá-lo e protegê-lo confirma o exposto. De acordo com as transformações sofridas pelas sociedades e apesar das modificações das condições de vida, os indivíduos mantiveram o caráter relacional e de dependência mútua.

A dependência e a relação é que garantem a possibilidade do indivíduo “marcar-se”, “situar-se”, “identificar-se”. É a partir do encontro com o outro que passa a existir aquilo que é sua marca, que lhe é próprio – as características, os condicionantes físicos, psicológicos, sociais – e que é capaz de constituir sua identidade.

Conceituar identidade e buscar suas origens é tarefa que exige uma investigação através do tempo, buscando pensadores que teorizaram a respeito. O termo nunca obteve uma compreensão única, a história sempre apresentou diferentes compreensões para a terminação identidade e sua aplicação. A história da filosofia, desde a Antiguidade, já apresenta uma tentativa de definição daquilo que é próprio do indivíduo, mas nesse período ainda não se emprega o léxico identidade. Talvez a origem dessa construção situe-se quando os filósofos da Antiguidade desejavam definir a alma, aquilo que é a situação primeira do indivíduo, aquilo sem o qual não existe vida.

Segundo Bock et al (2002, p. 202), ao observarmos uma pessoa, ela tem além de seus traços físicos, uma série de indicadores em seu modo de vestir, se embelezar, usar uma cor de sua preferência, defender o partido ou a religião pela qual tem predileção.

Esta pessoa jamais seria assim se vivesse isolada das demais. Logo, o ambiente cultural, social, econômico, entre outros, cria condições para tais comportamentos. Todas as pessoas, mesmo aquelas que fazem parte de um mesmo grupo apresentam-se, pensam, agem e reagem de diferentes formas. Por mais semelhança que possa existir entre os integrantes de um mesmo grupo, cada ser humano é único e constrói sua identidade própria.

Ademais, o dicionário Houaiss aponta diferentes acepções para o léxico *identidade*, definindo-o como: **1** estado do que não muda, do que fica sempre igual; **2** consciência da persistência da própria personalidade ; **3** o que faz que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra; **4** conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la. O dicionário Aurélio apresenta o termo com a seguinte definição: do latim tardio *identitate*; substantivo feminino. **1** Qualidade de idêntico: **2** Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc.

Através das definições dicionarizadas é possível afirmar a identidade como uma busca pela igualdade, semelhança. Daí surgem os termos derivados *identificação*, *identificar*, *identitário*, bem como uma relação com o léxico *idêntico*.

A identidade pode ser definida como sendo um conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma determinada pessoa. Este conceito, entretanto, está ligado às atividades da pessoa, à sua história de vida, ao futuro, sonhos, fantasias, características de personalidade e outras características relativas ao indivíduo. A identidade permite que o indivíduo se perceba como sujeito único, tomando posse da sua realidade individual e, portanto, consciência de si mesmo (SOUZA DE DEUS, online, 2007).

No sentido enfocado pelo autor, a identidade é o conjunto de características individuais, não no sentido simplesmente comportamental, como quer a Psicologia. Há algumas semelhanças com esta, porém é muito mais abrangente, pois enquanto a primeira orienta no sentido do comportamento/reação, a identidade tratada no sentido aqui posto, vai além destas condições e implica em ser o indivíduo o seu conjunto próprio de modos de viver, pensar e agir.

Discutir esta unidade que às vezes se choca com outras não é tarefa simples, a não ser mediante um estudo psicológico e antropológico, pois essas duas áreas científicas se fazem presentes nos costumes das culturas e muitas vezes condicionam o indivíduo a agir segundo o que assimilou.

Várias correntes da Psicologia (e a Psicanálise inclusive) nos ensinam que o reconhecimento do eu se dá no momento em que aprendemos a nos diferenciar do outro. Eu passo a ser alguém quando descubro o outro e a falta de tal reconhecimento não me permitiria saber quem sou, pois não teria elementos de comparação que permitissem ao meu eu destacar-se dos outros eus. Dessa forma podemos dizer que a identidade, o igual a si mesmo, depende de sua diferenciação em relação ao outro (BOCK et al, 2002, p. 204).

Pelo exposto é possível compreender a necessidade do outro para a construção da identidade. Cada indivíduo só pode reconhecer a si a partir do momento que existe um outro que lhe sirva de base para a diferenciação. É o que afirma Lacan em sua teoria dos três estágios para a formação do sujeito: o Imaginário, o Espelho e o Simbólico. O estágio Imaginário (ou Semiótico) se caracteriza pela preponderância da relação com a imagem do semelhante, ou seja, a criança não diferencia seu próprio corpo do corpo de sua mãe, o ser está misturado com tudo que o circunda. O estágio do Espelho remete ao momento em que a distinção entre o ser e o objeto ou um ser e outro passa a existir; apesar da diferenciação, o ser em formação (no caso apresentado por Lacan, a criança) passa a imitar o objeto (a mãe); salienta-se que este estágio é transitório. O terceiro estágio, conhecido como Simbólico, é o mais interessante para a teoria literária pós-colonial, pois ele remete a um condicionamento dos indivíduos; pode ser definido como um campo de reencontro, estruturação e tomada de sentido dos fenômenos como uma linguagem, “o estágio da linguagem estruturada e normatizada, ou seja, a denominação dada ao domínio da linguagem e da representação” (BONNICI, 2007, pp. 243-244); relaciona-se a adequação às condições impostas: convenções, normas, regras – que determinam a fala e o comportamento do indivíduo e o enquadram e submetem a um sistema simbólico e rígido.

O reconhecimento destas condições apresentadas pela psicanálise é de grande serventia à crítica literária pós-colonial, pois leva à compreensão dos mecanismos de dominação dos indivíduos a partir dos estágios de formação do sujeito. O sujeito colonial é então construído, surgindo como algo não natural, mas forjado para atender interesses.

A construção que se constata em relação à identidade do sujeito colonial é verificável da mesma forma e por extensão em todos os indivíduos. A identidade não pode ser compreendida como uma essência fixa, imutável que possa ser examinada, ela volta-se mais para um lugar, um contexto, uma posição. Diversos autores investigam essa mobilidade e deslocamento da identidade, permitindo assim a melhor compreensão da multiplicidade e apresentá-la como opção à hierarquização perversa que marca o contexto colonial e pós-colonial.

Exemplificação sobre a mobilidade e constante construção da identidade está presente em Said, ao apresentar as condições inerentes ao humanista:

[...] em nosso trabalho como humanistas, [o humanismo] diz respeito às transições de um domínio, uma área da experiência humana para outra. Diz



também respeito à prática de outras identidades que não as dadas pela bandeira ou pela guerra nacional do momento. O desenvolvimento de uma identidade alternativa é o que fazemos quando lemos e quando ligamos parte do texto a outras partes, bem como quando passamos a expandir a área de atenção para incluir o alargamento de círculos de pertinência. (SAID, 2007, p. 105)

O exercício de construir a identidade perpassa todas as situações humanas, desde aquelas em que está ocorrendo a colonização até as que vão ao encontro da valorização de um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana, como ocorre na prática dos humanistas.

A definição e construção do sujeito se relacionam de forma visceral com a identidade, destarte o tópico seguinte tratará de questões relativas ao termo sujeito, sua constituição e validade, a fim de levar a uma melhor compreensão da teoria relacionada à identidade.

### **2.1.1 Identidade e Sujeito**

O *sujeito* é aquele que tem autonomia até certo ponto, pois pode ser também subjugado. Embora na raiz etimológica latina (*subjectu* ‘posto debaixo’) observe-se a pertinência de tal afirmação, gramaticalmente o sujeito é um agente, aquele que faz, que age livremente.

No percurso histórico tem-se inicialmente o sujeito na antiguidade. Aristóteles apresenta-o como aquele que tem unidade e não depende dos outros. O sujeito, portanto, tinha liberdade e autonomia limitada, pois estava sujeito aos deuses e ao destino e tal leitura de sujeito prevaleceu durante toda a Idade Clássica e Medieval.

A perspectiva aristotélica de sujeito mudou no século XVII com René Descartes e sua máxima - *Penso, logo existo*. Esta declaração confirma a centralidade da autonomia do indivíduo, um preceito fundador do humanismo, um preceito que separou efetivamente o sujeito do objeto, o pensamento do mundo externo, ou o ser do outro (ASHCROFT, 1998). A partir de Descartes a razão torna-se o ponto mais importante, desmerecendo a religião e o destino. Descartes apresenta críticas e dúvidas e afirma que as dúvidas são o caminho para a verdade e quando se chega à verdade, através do pensamento, constrói-se a subjetividade e as ações do indivíduo que são o ponto de partida de todas as ações humanas.

No final do século XIX e início do século XX, a filosofia de Descartes começa a ser solapada pela filosofia de Marx e de Freud. Aquele afirma que o sujeito sofre as influências

do meio social e econômico tornando impossível a afirmação de um sujeito plenamente autônomo: “em toda ciência histórica e social em geral é preciso ter sempre em conta (...) que o sujeito está dado tanto na realidade efetiva como no cérebro; que as categorias exprimem formas de modos de ser, determinações de existência” (MARX, 2005, p. 44). De acordo com tal filosofia é impossível encontrar autonomia e liberdade num sujeito subjugado em sua condição social, numa classe subalterna. Freud (2005) apresenta as limitações à autonomia apregoada por Descartes a partir das características de cada sujeito, atribuídas três qualidades aos processos psíquicos: conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Segundo Freud, a autonomia seria limitada devido às grandes influências dos processos psíquicos; cada indivíduo se constituiria de vontades, pensamentos, desejos e uma série de outros elementos que fugiriam a seu controle racional e lógico.

O pensamento psicanalítico de Freud para a formação da identidade confere a ela algo de contraditório.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38).

Marx apresenta a ideologia como um mecanismo que reproduz relações sociais desiguais e Althusser já afirma que o sujeito se constrói pela ideologia (BONNICI, 2005). Sendo a ideologia um sistema de pensamento que uma classe dominante constrói para manter seu poder e faz com que a classe dominada seja conivente com tal sistema e o aceite como único e correto tem-se neste processo algo que colabora para a dominação colonial exercida sobre os colonizados.

A ideologia é transmitida através de sistemas simbólicos e a linguagem está entre eles. O sujeito é produzido pela linguagem e a linguagem produz significados. Tais afirmações são feitas por Lacan, continuador da teoria de Freud, que também apresenta os três estágios da construção do sujeito: Semiótico, do Espelho e Simbólico. O estágio Simbólico, já citado anteriormente, refere-se à inserção e submissão do sujeito, através da linguagem, a todas as regras e costumes da sociedade (LACAN, 1977 *apud* BONNICI, 2005). A linguagem seria o arcabouço simbólico que define o sujeito e cria sua identidade:

Entering this stage, the subject is both *produced* in language and *subjected* to the laws of the symbolic that pre-exist it. The laws of language are themselves metonymic of the cultural complex of laws and rules and

conventions into which the subject moves and through which it obtains identity (ASHCROFT et al, 1998, p. 223).

[Entrando neste estágio, o sujeito é ao mesmo tempo *produzido* na linguagem e *sujeitado* às leis do simbólico que o preexistem. As leis da linguagem são elas mesmas metonímicas do complexo cultural de leis e regras e convenções dentro das quais o sujeito se move e através das quais obtém sua identidade].

Já em Foucault tem-se a teoria sobre o discurso. Para ele o sujeito é produzido por um contexto e tem sua autonomia limitada por ele. O que mais importa não é o sujeito, e sim a forma com que foi fabricado, que em sua teoria, é igual ao processo de fabricação da linguagem. O discurso é algo mais abrangente, pois abarca a linguagem e também o sujeito. Dessa forma a teoria da subjetividade é construída pela ideologia (segundo Althusser), pela linguagem (segundo Lacan) e pelo discurso (segundo Foucault), já que qualquer ato do sujeito é consequência desses três fatores. (BONNICI, 2005).

Essa exposição sobre as mudanças na concepção sobre o sujeito, especialmente a respeito de solapar a centralidade atribuída ao *cogito* de Descartes, também é apresentada por Said, valendo-se inclusive do ideário humanista que utilizou por muito tempo esta centralidade no indivíduo pensante e soberano:

A soberania do sujeito – para usar a expressão técnica para o que o pensamento do Iluminismo fez com a noção de Descartes do *cogito*, que devia torná-lo o centro de todo conhecimento humano e, por isso, capaz de essencializar o pensamento em si mesmo – foi desafiada pelo que Foucault e Lévi-Strauss levaram adiante a partir da obra de pensadores como Marx, Freud, Nietzsche e do linguista Ferdinand de Saussure. Esse grupo de pioneiros mostrou, com efeito, que a existência de sistemas de pensamento e percepção transcendia os poderes dos sujeitos individuais, humanos individuais que estavam dentro daqueles sistemas (sistemas como o “inconsciente” de Freud ou o “capital” de Marx) e, portanto, não tinham nenhum poder sobre eles, apenas a escolha de usá-los ou serem por eles usados. Isso, claro, contradiz categoricamente o núcleo do pensamento humanista, e assim o *cogito* individual foi deslocado ou rebaixado para a condição de autonomia ilusória ou ficção (SAID, 2007, p. 28).

Zizek (2006) também problematiza a situação do sujeito, apontando para os mesmos estágios definidos por Lacan: Simbólico, Real e Imaginário; mas para este autor o sujeito não é uma realidade e sim uma construção. A essência do sujeito não existe, ele está o tempo todo representando para o “big other”, que não tem uma conotação religiosa e nem é o inconsciente, mas sim algo criado pelos indivíduos. É na presença desta “representação” do outro e para ela que agimos o tempo todo. O mesmo autor também aponta a questão da

linguagem como problemática: a ela estamos presos e através dela legitimamos nossas ações e os fatos. Algo se torna real, de fato, a partir do momento em que é enunciado. É a linguagem que constrói os indivíduos e por essa razão ela é fonte de grandes dificuldades.

A condição de ser sujeito se entrelaça com aspectos relacionais advindos do ser em si, do reconhecimento da alteridade dos outros sujeitos e das relações com situações e atitudes. A esse respeito afirma-se:

Ser sujeito envolve a autoconsciência e a consciência da história no processo da ideação do mundo, o que implica uma constante transformação do mesmo por meio da manipulação consciente, na sua situação de habitante do meio ambiente, articulando deveres, princípios, leis sociais, direitos e responsabilidades para com o outro (SIDEKUN, 2003, p. 238).

A afirmação vai ao encontro da acepção de sujeito enquanto agente, capaz de reconhecer o processo histórico e assim se saber sujeito dentro do mesmo. Essa condição não é comum como deveria, pois diversos interesses ligados ao poder, especialmente em contextos de colonização, privam o indivíduo de ser sujeito de suas ações e história.

Uma das acepções para o léxico *identidade* é conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la. A construção da identidade é um processo contínuo, que se inicia com o nascimento, segue com o passar do tempo e as diferentes experiências vividas pelo indivíduo e mesmo quando este já é adulto e autônomo continua a ocorrer, fazendo com que ele se molde às circunstâncias, se adapte aos meios e se adeque ao olhar do outro, numa constante busca de aceitação.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006, p. 13).

Este mesmo autor aponta para a existência de não apenas uma identidade, mas de “identidades”, com as quais pode o sujeito se identificar, ainda que temporariamente, a partir da representação cultural em que se insere.

O desejo de marcar a identidade como uma e estável corresponde a um ideal que contempla os objetivos de dominação colonial que se realizam através da hierarquização. Estabelecer marcas fixas para os indivíduos permite normalizações:

Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade (SILVA, 2008, p. 83).

Compreender e difundir a identidade como produto e construção é muito mais adequado para realizar a aceitação da diferença, do hibridismo, do multiculturalismo e da multiplicidade que são marcas das sociedades modernas e de maneira marcante das sociedades contemporâneas. Questionar-se a respeito de como a identidade é produzida e quais os interesses que são atendidos a partir de distintas construções e representações da identidade também faz parte das preocupações da teoria pós-colonial e indica uma alternativa às construções identitárias rígidas e fixas impostas pela colonização. Verificar-se-á no tópico seguinte as implicações do reconhecimento da diferença e de sua relação com a identidade.

### **2.1.2 Identidade e Diferença**

Diversas teorias críticas têm se debruçado nos últimos anos sobre o tema do multiculturalismo e de alguma maneira fazem referência ao tema identidade. A identidade é uma construção social e cultural, assim como a diferença. Os dois conceitos são complementares um ao outro e a existência deles ocorre através de dependência recíproca. Segundo Silva (2008) “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença).”

A identidade e a diferença são construídas através de uma positividade. Segundo Silva (2008) a identidade é “aquilo que sou” e a diferença é aquilo “que o outro é”. A aparente simplicidade desta constatação remete ao aspecto da negatividade: ao afirmar-se ser de determinada forma ou pertencer a determinado grupo o indivíduo nega todas as outras possibilidades. Não se afirma simplesmente ser branco, ser homem, ser heterossexual, nega-se ser negro, índio, pardo; nega-se ser mulher; nega-se ser homossexual, bissexual, etc. “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir” (SILVA, 2008, p. 82).

A realidade que cerca os indivíduos é ainda grandemente pautada em binarismos, desenvolvidos inicialmente na teoria do linguista Roman Jakobson a partir da oposição binária entre unidades fônicas, mas que se estendeu posteriormente, na teoria Pós-estruturalista, criando a divisão entre um termo privilegiado (centro) e outro marginalizado (periferia). Bonnici (2005, p. 17) afirma que “quando o colonialismo coloca o nativo no pólo negativo da hierarquia e o associa à categoria de não europeu, ele estabelece a sua centralidade e o seu poder”. Questionar o binarismo, inclusive em relação à identidade e à diferença, dentro da teoria literária pós-colonial, leva a discutir o poder que se gera a partir dele. Silva (2008) sugere que identidade e diferença se pautam também sobre situações binárias e que “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam”.

Como situações construídas, identidade e diferença estão o tempo todo interpelando os indivíduos e não é possível estar alheio ou ignorá-las, mas na busca de alternativas à desigualdade e preconceito, vale o questionamento sobre os interesses envolvidos no processo de construção.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença* (HALL, 2006, p. 21).

O autor identifica uma mudança na representação da identidade, que já é reconhecida como politizada, mas acrescenta que os indivíduos estão sempre dentro de um “jogo de identidades”, adequando-se ou não, de acordo com as circunstâncias. Não é possível encontrar uma motivação que alinhe os interesses e as identidades, definindo-as dentro de uma classe.

Identidade e diferença só podem fazer sentido a partir de uma representação. E a representação “é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido [...] um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2008, p. 91). Todas as afirmações vão ao encontro do reconhecimento do caráter mutável, construído e instável da identidade e da diferença.

A representação do mundo e dos indivíduos ocorre, de forma muito evidente, através da linguagem, do discurso, da fala, da língua e da linguagem, portanto o próximo tópico do trabalho irá apresentar a relevância da linguagem na construção da identidade.

### 2.1.3 Identidade e Linguagem

A linguagem pode ser compreendida como um sistema capaz de transmitir ideias e sentimentos através de signos, sendo eles gráficos, sonoros ou gestuais. A língua relaciona-se mais especificamente com a fala, o idioma e o discurso também se relacionam com a fala. Segundo Fanon (2008, p. 33) “falar é existir absolutamente para o outro [...] é assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”

A grande importância atribuída à fala, em todas as culturas, revela o poder que ela exerce e de como ela pode influenciar os indivíduos e contribuir na formação da identidade. Na teoria pós-colonial a relevância da fala – apresentada como discurso – se faz notar pela dominação exercida pelo colonizador sobre o colonizado a partir do discurso que ele emprega. Para Bhabha (1991, p. 184) “o objetivo do discurso colonial se concentra em construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais”. O discurso colonial é o responsável pela criação de estereótipos, pelas afirmações a respeito de “raça” e a consequente hierarquização, que subjuga os colonizados e permite aos colonizadores exercer plena exploração e manter seu poder e seu domínio.

A identidade fixa, já apresentada como interessante ao colonizador, reforça os estereótipos, pois se a afirmação da inferioridade do negro e do índio se apresenta nos discursos e é repetida insistentemente, marca a condição como uma verdade: “o poder colonial produz o colonizado como uma realidade fixa que é imediatamente em ‘outro’ e ainda inteiramente conhecível e visível” (BHABHA, 1991, p. 186). O autor se refere ao estereótipo que se reforça pelo discurso e que cria uma marca visível (no caso do negro e do indígena o esquema epidérmico, de traços faciais, de vestimenta) como identidade fixa e inferior em relação ao branco europeu. E assim o autor afirma logo adiante: “o fetiche do discurso colonial – chamado por Fanon esquema epidérmico – não é, ao contrário do fetiche sexual, um segredo. A pele é o significante-chave da diferença cultural e racial do estereótipo” (BHABHA, 1991, p. 196).

É através de ações, mas principalmente por meio de ações discursivas que “o poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em ‘outro’ e ainda inteiramente conhecível e visível” (BHABHA, 1991, p. 186). A fixidez imposta à identidade do sujeito colonial, criada e ratificada pelo discurso, impõe a condição de inferioridade na hierarquia criada. A afirmação é fácil de ser reconhecida através dos estereótipos que ainda são difundidos a respeito da condição de superioridade européia em oposição à inferioridade

das demais nações do mundo. Através da linguagem são construídas imagens, padrões e representações que repercutem e acabam por receber o caráter de verdade incontestável.

Além do discurso que constrói estereótipos, as questões relacionadas à língua e à linguagem dentro da teoria pós-colonial evidenciam a recusa da língua do nativo, do colonizado, a fim de que seja imposta a língua do colonizador. Tendo em vista a língua representar um poder, não dominar a língua dos colonizados significa permitir a eles um espaço de liberdade e de não-interferência, colocando em risco a supremacia do colonizador. A maior parte dos povos que foram colonizados perdeu sua língua nativa e foi forçado a adotar a língua do colonizador.

A língua materna do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos, aquela pela qual se exprimem sua ternura e seus espantos, aquela enfim que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a *menos valorizada*. Não possui dignidade alguma no concerto dos povos. Se quer obter uma colocação, conquistar seu lugar, existir na cidade e no mundo, deve, primeiramente, aplicar-se a língua dos outros, a dos colonizadores, seus senhores (MEMMI, 1977, p. 97).

O discurso vai apontar novamente para a superioridade da língua do colonizador, transformando a língua do colonizado em algo sem valor ou de valor inferior e marginal. Submeter-se a uma nova língua, de maneira forçada, é sofrer uma grave violência, é ser expropriado de algo que é depositório de toda uma cultura, um modo de expressão e de representação.

Embora a língua não seja aspecto essencial da fundação de uma identidade nacional, também se relaciona com ela. Na imposição da língua do colonizador busca-se desconstruir uma identidade e unidade nacional, que permite liberdade e autonomia aos falantes nativos e impõe-se a língua do colonizador, como maneira de dominar os indivíduos colonizados.

#### **2.1.4 Identidade Nacional**

Relacionada à construção da identidade pessoal através daquilo que o sujeito deseja representar aos outros sobre si ou é representado por eles, encontra-se a formação de identidades nacionais, aquelas que comportam uma caracterização geral de um grupo, no interior das nações.



Para que um país ou agrupamento humano em determinado espaço geográfico seja designado como nação, é preciso que tenha uma organização política, autonomia, limites geográficos definidos e cujos indivíduos respeitem as leis e as instituições existentes neste país.

A fim de exercer soberania e conquistar espaços no processo de colonização, bem como para representar algum tipo de autoridade e alcançar poder, as nações colonizadoras pautaram-se e ainda pautam-se na criação de uma identidade nacional. A necessidade da existência de uma identificação entre os membros de um núcleo, de uma comunidade, se faz necessária desde sempre, para garantir a sobrevivência, mas ganha contornos de dominação quando existe a fim de criar situações hierarquizantes.

Hall (2006, p. 48) afirma que as nações “não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Reconhecer a identidade nacional como representação confere a ela as mesmas características que são atribuídas à identidade pessoal, como algo instável e relacionado ao poder. Said (2007, p. 71) afirma que sempre baseou sua crítica na premissa “da natureza imperfeita de todas as representações, e de como elas estão intimamente atadas à mundidade, isto é, ao poder, posição e interesses”.

A representação criadora de uma identidade nacional é causadora de problemas, ainda de acordo com Said (2007), pois os nacionalismos, juntamente com o entusiasmo religioso e o exclusivismo são responsáveis pela criação dos conflitos tão evidentes no mundo, tanto no passado quanto na atualidade. O ideal de uma superioridade natural existente na nação de dentro da qual se fala e a oposição “nós” – “eles” são conflitivas, destruidoras e até trágicas – tal como foi observado recentemente, pouco depois do ataque de Onze de Setembro de 2001, na intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão.

A fixidez adotada para a identidade cultural é apontada por Hall como uma condição comum, principalmente ante a diáspora: “presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (HALL, 2003, p. 28). A relevância de tal ideário impõe a necessidade do multiculturalismo nas nações, permitindo a convivência entre diferentes culturas.

No processo de construção de uma identidade nacional surge, mais uma vez, o discurso. Para Hall (2006, p. 50) “uma cultura nacional é um discurso”. O autor afirma que no processo de construção de uma narrativa nacional, que comporta sua cultura e identidade encontram-se cinco fatores fundamentais: a narrativa da nação; ênfase nas origens, continuidade, tradição e intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; e a idéia de

um povo puro e original. Estes fatores são capazes de formar e representar a identidade de uma nação, mas são mantidos através do discurso. A compreensão de cada um deles também aponta para as inverdades que surgem, mas que são sustentadas para, no ideário da colonização, impor a superioridade do colonizador sobre o colonizado.

A necessidade ante as condições do mundo multicultural em que os indivíduos se inserem hoje exige o abandono da fixidez de posturas e avaliações e o reconhecimento da diferença, do que é diverso e múltiplo.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passear além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

As diferenças reconhecidas quando se analisa a identidade levam a descobrir indivíduos, representantes de nações, que não encontram limites em suas ambições e resolvem colonizar seus semelhantes. Trata-se de ideologias de dominação e poder, surgidas há séculos e que ainda repercutem na contemporaneidade, apesar de já terem sido proclamadas nações livres todos os países que já foram colônias.

Este conjunto de comportamentos autoritários que se soma a estratégias de dominação, precisa ser reconhecido para que os indivíduos possam combatê-lo e mudar o rumo da realidade para que todo cidadão tenha seu valor reconhecido. A esta ação dá-se o nome de alteridade.

## **2.2 Alteridade**

O termo alteridade, segundo o dicionário Houaiss indica: **1** natureza ou condição do que é outro, do que é distinto; **2** situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença [Relegada ao plano de realidade não essencial pela metafísica antiga, a alteridade adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia

moderna (*hegelianismo*) e especialmente na contemporânea (*pós-estruturalismo*). O dicionário Aurélio aponta o termo simplesmente como: do lat. *alter*, ‘outro’, + *-(i)dade*. - Qualidade do que é outro.

Alteridade é ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade. Como disse um operário num curso de educação popular: Sei que, como todo mundo, não sei muitas coisas (BETTO, online, 2003).

A normalidade dos seres racionais seria a capacidade de entender seus semelhantes, porém, a maioria da população não é capaz de ter esse discernimento: o eu predomina sobre o nós, o meu sobre o nosso, levando ao antagonismo, ao interesse limitado de grupos familiares ou seguidores de uma mesma ideologia, embora entre eles também haja divergências, numa circunstância de inerência humana.

Alteridade, o caráter do que é outro, a diversidade, a diferença. Sim, o antônimo de identidade. É preciso contemplar a diferença em todas as suas nuances. Para isso, busquemos entender que “quando eu nomeio, eu me nomeio” e sem o outro eu não sei quem sou, pois só sou em sociedade. E as sociedades devem ser múltiplas como a vida o é. O diferente é necessário, imprescindível, essencial. Respeitar o outro é querer respeito consigo. Somos todos uns em função do outro. Não nos cabe o preconceito, a intolerância, a estupidez, a barbárie (NERY, online, 2007).

Praticar a alteridade é reconhecer a condição do outro, conforme afirma Souza (1997, p. 73) “é através da alteridade que se vislumbra a identidade”, apontando que cada alteridade é também um construto de identidade e que há conexão entre os mais diversos elementos (no caso, indivíduos) que só se constroem em termos de diferenças e semelhanças com outros. Fazer valer as características particulares do outro, reconhecer a potencialidade e as limitações que constroem a diferença que se apresenta no indivíduo com o qual o “eu” se relaciona. Sem o outro, não é possível a existência do eu, pois só a partir da relação com o outro que o indivíduo se constrói.

A literatura é campo particularmente promissor para os estudos da alteridade, pois tanto nas narrativas se apresenta a construção de relações ou ao menos a percepção do outro,

bem como é através da leitura, que proporciona o conhecimento de realidades diversas, que também se constroem relações de alteridade.

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’. Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizadores ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em local da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial (BHABHA, 1998, p. 33).

A afirmação do autor leva a compreensão de que as condições existentes no mundo, especialmente reconhecidas a partir da difusão de conceitos como globalização, mundialização, hibridismo, revestem-se da necessidade da alteridade – o autor utiliza o termo “alteridade cultural”. A literatura poderia cumprir a tarefa de transmitir as narrativas que apresentam essas condições novas, que refletem maior fluidez à identidade nacional e até mesmo a condição de identidade do sujeito individualmente.

A alteridade, como reconhecimento do outro, recebe uma conotação “positiva”, ou seja, busca valorizar o que o outro representa, porém os mecanismos de dominação sempre valeram-se de construções que visavam o outro numa concepção hierarquizante. Os tópicos seguintes tratarão de algumas destas configurações hierarquizantes que foram utilizadas durante o processo de colonização, mas que ainda hoje encontram ressonância em posturas e concepções ideológicas e comportamentais.

### **2.2.1 Subalterno**

O termo subalterno foi cunhado por Gramsci e indica aquele que está subordinado às ordens de outro, que é inferior em graduação ou autoridade. Pode remeter também àquele que se sente inferior e acredita que deva estar submisso à vontade de outro. Para Ashcroft et al (1998) subalterno refere-se aos grupos da sociedade que estão sujeitados à hegemonia de classes dominantes. No contexto da criação e utilização inicial o termo aparentava estar restrito a um tipo específico – os trabalhadores, porém

cabe assinalar como o uso do conceito de “subalterno” se amplia enormemente. Parte-se de Gramsci como pressuposto, do camponês meridional particularmente, mas se vai adiante, com o mundo colonial e

pós-colonial, o migrante, o refugiado (CURTI, 2006 *apud* DEL ROIO, online, 2007).

Os subalternos, apesar da diversidade que podem apresentar em suas configurações de gênero, classe, casta, idade e raça têm em comum o impedimento de se inserir nos grupos hegemônicos que representam uma elite. O desejo de resistência e revide também é capaz de unir os subalternos, que buscam alternativas à dominação sofrida através de estratégias de resposta.

A utilização do termo subalterno nos estudos pós-coloniais ganha relevância quando alguns teóricos dos estudos culturais passaram a utilizá-lo:

The notion of the subaltern became an issue in post-colonial theory when Gayatri Spivak critiqued the assumptions of the Subaltern Studies group in the essay 'Can the subaltern speak?' This question, she claims, is one that the group *must* ask (ASHCROFT et al, 1998, p. 218).

[A noção de subalterno se tornou um problema na teoria pós-colonial, quando Gayatri Spivak criticou os pressupostos do grupo de estudos subalternos no ensaio "Pode o subalterno falar?" Esta pergunta, diz ela, é uma que o grupo *deve* fazer]

Spivak acentua a inexistência de um espaço para a fala do subalterno. Contrariamente Bhabha afirma que é possível recuperar a voz do indivíduo subalterno através das estratégias de paródia, mímica, carnavalização, cortesia dissimulada. Todas elas são ameaçadoras ao poder colonial e concedem espaço à voz do sujeito colonizado. A afirmação do autor sobre tal concepção é assim apresentada:

Não só o gentil-homem mas também o escravo, com diferentes recursos culturais e com objetivos históricos muito diversos, demonstram que as forças da autoridade social e da subversão ou subalternidade podem emergir em estratégias de significação deslocadas, até mesmo descentradas (BHABHA, 1998, p. 206).

São estratégias que visam uma eficácia política e que evidencia a ambivalência do poder, que pode ser exercido também pelo subalterno quando este encontra espaço para sua voz. Bhabha fala de uma "recolocação" e "reinscrição" da agência subalterna.

A condição de subalternidade é marcada pela oposição Outro/outro, pois se existe de um lado aquele que pertence à hegemonia (Outro) no extremo oposto encontra-se aquele que ocupa a posição inferior (outro).

### 2.2.2 Outro/outro

De maneira geral o ‘outro’ pode ser definido como aquele que está separado do ‘eu’; alguém ou alguma coisa que se encontra fora do âmbito do falante e do ouvinte. Dentro da teoria pós-colonial é parte do binarismo colonizador/colonizado; eu/outro.

A distinção Outro/outro, apresentada inicialmente por Lacan pode parecer confusa, mas se mostra muito produtiva na teoria pós-colonial, pois assinala, segundo Ashcroft et al (1998) a seguinte distinção: o ‘outro’ – com ‘o’ minúsculo – designa o colonizado que é marginalizado pelo discurso imperial e identificado por sua diferença em relação ao centro; o ‘Outro’ – com ‘o’ maiúsculo – representa o centro e o discurso imperial, o colonizador. São apontados dois caminhos para esta compreensão da supremacia do Outro: a identidade de dependência do outro se dá a partir de sua relação com o centro; a compreensão do mundo por parte do colonizado só acontece pela estrutura ideológica que centraliza tudo no colonizador.

Tanto ‘Outro’ quanto ‘outro’ são construções que se fazem pelo mesmo processo. Ao mesmo tempo em que é afirmada a superioridade de um ‘eu’ central, que contempla todas as condições para manter supremacia, superioridade e poder, um ‘outro’ é construído marcadamente pela afirmação de sua inferioridade, como uma ‘criança’, um sujeito primitivo e degradado.

A filosofia existencialista de Sartre também perpassa essa distinção. Busca-se o *cogito* de Descartes como a base moderna para a compreensão do sujeito, mas se reconhece a limitação dessa autonomia absoluta, pois é apenas pela presença do outro que se pode construir o conceito do ‘eu’ e do sujeito:

O *cogito* mesmo não poderia ser um ponto de partida para a filosofia; com efeito, só poderia nascer em conseqüência de minha própria aparição a mim como individualidade, e esta aparição está condicionada pelo conhecimento do outro. Ao invés de o problema do outro se colocar a partir do cogito, é, ao contrário, a existência do outro que faz o cogito possível como momento abstrato em que o eu se apreende como objeto (SARTRE, 1994, p.275 *apud* KAHLMEYER-MERTENS, online, 2005).

Apreender o ‘eu’ depende da existência do outro e, mais ainda, das relações estabelecidas com este. Para Bhabha (1998) a alteridade colonial não se constrói meramente pela designação do ‘eu’ e do ‘outro’, mas pela distância estabelecida entre os dois, uma distância perturbadora e que é tão enfaticamente registrada por Fanon em seus estudos sobre a condição de outremização a que é relegado o indivíduo negro.

Para conceituar a diferença cultural, principalmente como uma limitação que acaba por reproduzir os conceitos de marcação negativa e compreensão binária da realidade, Bhabha apresenta algumas afirmações sobre o outro:

O Outro é citado, mencionado, emoldurado, iluminado, encaixado na estratégia de imagem/contra-imagem de um esclarecimento serial. A narrativa e a política *cultural* da diferença tornam-se círculo fechado da interpretação. O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional (BHABHA, 1998, p. 59).

Não se nega o outro, a importância de sua existência e reafirmação para a existência de um centro é reconhecida, mas a relação de dominação é reproduzida e este outro é sempre representado por alguém e sua cultura é sempre uma diferença frente a um centro marcadamente normal, positivo e correto.

A outremização é a forma pela qual o discurso imperialista cria o outro, como tipo degenerado e inferior. Cunhado por Spivak também em sua teorização o termo apresenta três formas de representação dentro das relações coloniais. Segundo Ashcroft et al (1998), a primeira delas é o processo de *worlding*, expressão que designa a forma como o mundo do colonizado é criado pelo colonizador, que imagem da colônia é transmitida ao mundo, uma forma de tomar posse sobre o território colonizado. A segunda forma diz respeito aos estereótipos utilizados, como quando se designam os indígenas como preguiçosos, os negros como depravados, ou a qualquer nativo se atribuem falsos adjetivos de ordem pejorativa, fazendo dos colonizados objetos dos colonizadores. A terceira maneira de representar pela outremização é criar uma separação bem marcada entre colonizador e colonizado.

Outremizar é construir o outro a partir do olhar de um centro e transformar este outro numa figura inferior. Desta maneira encontra-se a oposição à alteridade, pois nesta propõe o reconhecimento e a aceitação do outro com suas peculiaridades, sem atribuir a elas uma valoração positiva ou negativa, mas em par de igualdade e respeito.

### **2.2.3 Abertura ao Multiculturalismo**

Muito comum em todo o mundo é o multiculturalismo, ou seja, a coexistência de várias culturas num mesmo território ou país. Tal condição enriquece a cultura, acrescenta

valores, opera mudanças, mas também pode gerar conflitos a partir da ausência de ações voltadas para a tolerância e o diálogo.

Semprini (1999) apresenta o multiculturalismo como “um poderoso movimento de ideias” que também recebe a aceção de “epistemologia multicultural”. Para o autor, o multiculturalismo é uma vertente que surgiu como resposta às vertentes positivistas, racionalistas e deterministas da década de vinte. Concebe-lo assim, como oposição a uma corrente epistemológica que se baseava em conceitos mais fechados e monoculturais, valoriza o multiculturalismo dentro dos estudos culturais.

A cultura, enquanto processo em construção dá abertura ao multiculturalismo, libertando-o de conceituações fixas a respeito de sujeitos, nações e identidades:

O tratado e o discurso sobre o multiculturalismo são sempre um diálogo entre culturas. Assim, não se deve esquecer que a cultura se realiza no âmbito dos sujeitos históricos concretos, como sujeitos coletivos que dão e seguem dando vida à cultura (SIDEKUN, 2003, p. 293).

O multiculturalismo não é uma situação nova, toda a formação cultural, de uma maneira ou outra, comporta a mistura e a influência de diferentes fontes:

As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) – e com crescente intensidade desde então – a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente “mistas” (HALL, 2003, p. 55).

A afirmação do autor aponta para uma realidade multicultural que é antiga, mas é possível afirmar que na realidade contemporânea está muito mais evidente e pode ser verificada em todas as nações do mundo. Juntamente com a idéia de multiculturalismo, surgem as afirmações a respeito da condição de globalização, que também são evidentes, mas não condizem com um ideário utópico de igualdade, o mesmo autor afirma que a idéia de um sistema global não se alcança ao observarmos que os efeitos de seu processo não é uniforme, não afeta todos os lugares, não opera sem efeitos contraditórios e não produz resultados iguais. A globalização é um processo de desigualdades.

A questão multicultural associada ao processo de globalização é muito evidente e apesar do interesse que despertam, segundo a maioria dos críticos, não constitui ainda uma possibilidade de aceitação, respeito e convivência. Ainda prevalecem representações que



fixam uma identidade cultural que leva a hierarquizar e subjugar povos, nações e costumes que se verificam diferentes.

Ultrapassar essas perspectivas nacionais e nacionalistas tornou-se essencial por duas razões adicionais. A primeira origina-se da obrigação urgente de reavaliar o significado do estado-nação moderno como unidade política, econômica e cultural. Nem as estruturas políticas, nem as estruturas econômicas de dominação coincidem mais com as fronteiras nacionais. [...] A segunda razão diz respeito à popularidade trágica de ideias sobre a integridade e a pureza das culturas. Em particular, ela diz respeito relação entre nacionalidade e etnia. Esta possui atualmente uma força especial na Europa, mas também se reflete diretamente nas histórias pós-coloniais e nas trajetórias complexas, transculturais e políticas dos colonos negros do Reino Unido (GILROY, 2001, p. 42).

As diferentes afirmações a respeito das condições que perpassam os conceitos de identidade e alteridade acabam por se entrecruzar. Aqui verifica-se mais uma vez a necessidade de fugir de uma conceituação fixa a respeito da identidade nacional, a fim de que se estabeleça uma abertura ao multiculturalismo, como qualidade inerente às sociedades modernas e de essencial importância ao convívio entre os indivíduos.

#### **2.2.4 Hibridismo**

O conceito hibridismo, de grande pertinência dentro da teoria literária pós-colonial, remete a quem ou o que é composto de elementos diferentes, heteróclitos, dispartados. Segundo Bonnici (2005) pode ser de ordem linguística, cultural, política ou racial.

Na ordem linguística comporta os indivíduos que utilizam uma língua que surgiu da mistura de duas ou mais línguas. Fato muito comum ante as imposições colonialistas, quando os nativos eram obrigados a abandonar sua língua. Neste processo ocorre a assimilação da língua estrangeira utilizando por base a língua materna, misturando termos e criando uma língua híbrida.

Culturalmente a hibridização gera situações em que há uma maior evidência do outro; a mistura torna-se visível e, segundo Abdala Junior (2004, p. 18) “o mundo se crioula. Isto é, torna-se cada vez mais mestiço, mesclado, abrindo-se cada vez mais sem preconceito para a mistura, para a consideração das formulações híbridas”. O aspecto positivo de tal afirmação esbarra, porém, na existência de preconceitos arraigados no interior das ideologias de dominação que ainda se valem de um mito fundacional onde predomina a pureza. A crença

nesta condição de uma cultura fixa, imutável e pura foi responsável pela perpetuação de ações de dominação e ainda hoje repercutem de maneira perversa, perpassando relações sociais e econômicas que marginalizam indivíduos e culturas.

A colonização que fez com que indivíduos tão diversos se deparassem em diferentes ambientes criou o que se pode chamar de zonas de contato. A hibridização pode acontecer dentro das zonas de contato, que são os espaços sociais onde ocorrem as fusões culturais. Nestes espaços há o fenômeno da transculturação, através de interações, empréstimos e apropriações. A ação ocorrida neste espaço tanto pode ser de hierarquização quanto de mão dupla – influências recíprocas, a fim de subverter o binarismo centro/margem; nós/eles; superior/inferior e permitir tanto a escolha da parte do colonizado daquilo que ele quer assimilar, quanto do reconhecimento do colonizador perante características do colonizado que ele é levado a assimilar.

O termo ‘transculturação’, segundo Pratt (1999), tem sido usado por etnógrafos para descrever a maneira como alguns grupos subordinados e marginais criam uma nova cultura a partir de elementos transmitidos por uma cultura dominante. Através da transculturação também ocorre a hibridização, com a criação de novos sujeitos, posturas e representações, que comportam aspectos de diferentes fontes.

Além das hibridizações já apontadas, há também aquela que é biológica, ou seja, dos indivíduos que são híbridos por sua condição biológica. São os chamados mestiços, ainda não plenamente aceitos, nem mesmo por si próprios, pois é comum a existência do mestiço que quer ser branco. Para Abdala Junior (2004) “O híbrido [...] é marcadamente heterogêneo: um processo em contínua transformação, sem um ponto de chegada” (p. 19). A qualidade de pureza, amplamente propalada pelo império europeu é, na verdade, um mito, uma construção, tendo em vista a sempre pluralidade étnica e cultural que perpassou os povos durante todos os períodos históricos.

A condição de hibridez é fator comum à realidade pós-colonial e está presente em todas as nações do mundo. Aceitá-la e valorizá-la faz-se necessário para a coexistência dos indivíduos. Questionar os construtos identitários que perfazem a ideologia histórica, apontando para situações hierarquizantes, onde existe o superior e o inferior, é também parte desta postura multicultural, de aceitação do que é diferença e reconhecimento de sua alteridade.

### **2.3. Identidade e alteridade – vias de autoconhecimento e de relação**

Ao propor uma pesquisa com objetivo de perpassar a identidade e a alteridade, em princípio como conceitos teóricos, que em si próprios possuem significado e relevância, mas acima de tudo a fim de compreender as condições relacionais presentes no romance escolhido como objeto de análise deste trabalho, era sabida a complexidade dos fatores envolvidos, pois tanto a identidade quanto a alteridade são construídas e se dão em forma de processo, suscetível a mudanças, adequações e inúmeras possibilidades.

As condições apresentadas no capítulo teórico visam contemplar as necessidades de análise propostas ao romance, com ênfase a aspectos muito evidentes na obra ou que mereceram maior atenção dada a familiaridade e empatia trazidas. Sendo assim, recebem atenção a identidade nacional, ao tratar da condição dos colonos escoceses na Austrália, da identidade do sujeito, ao configurar Gemmy. A alteridade fica reservada para a maneira com que Gemmy foi recebido, tanto de modo positivo, por algumas pessoas abertas ao diferente, quanto negativo, por aqueles que não eram capazes de reconhecer a alteridade de Gemmy e as contribuições que ele poderia trazer ou mesmo conquistou, ao conviver com os aborígenes.

O sujeito é produzido e produz a sua identidade a partir da ideologia, do discurso e da linguagem. Para o indivíduo colonizado esses fatores ganham peso, pois cada um dos três elementos se transforma em ferramenta de dominação, modificando o colonizado em ser inferior. No momento em que tal processo acontece, inexiste a alteridade. Apenas quando a condição humana é capaz de se sobrepor aos mecanismos de dominação e existe o reconhecimento do outro dentro de sua diferença, sem que se faça uma avaliação comparativa, a fim de distinguir o indivíduo, sua cultura, sua língua como melhores ou piores, é que existe a alteridade.

O que se pretende é apontar os caminhos do reconhecimento da diferença sem adequá-la a uma classificação, sem um processo hierarquizante, a fim de que a diferença seja respeitada, mais que isso, valorizada, como possibilidade de enriquecimento cultural.

## CAPÍTULO 3

### *REMEMBERING BABYLON: ANÁLISE*

A partir de agora, a análise se volta especificamente para o romance escolhido como objeto de estudo deste trabalho e procura investigar os aspectos presentes nele que levam em conta a identidade e a alteridade, em todas as personagens principais, nas convivências e relacionamentos e nas ações registradas pela narrativa.

Individualmente tem grande relevância Gemmy Fairley, o sujeito protagonista, culturalmente híbrido, nascido na Inglaterra, acolhido por uma comunidade de aborígenes australianos e, anos depois, no período de colonização, voltando a deparar-se com sujeitos europeus, falantes de sua língua materna que ele considera já ter perdido. Estes sujeitos escoceses também são fonte de análise, tendo em vista sua nova configuração nacional, a partir da convivência com uma nova terra, totalmente diversa de tudo que até então conheciam. Dentro do grupo de colonos há também grandes variações, tanto em relação à disposição dos colonizadores em adaptar-se à nova terra, quanto em transformá-la. Muito válidas para a compreensão dos posicionamentos coloniais frente ao diferente e ao novo – como ocorre ao se depararem com Gemmy Fairley e os aborígenes australianos – são as posturas, ações e reações das diversas personagens durante o percurso narrativo que apresenta como foi o convívio de Gemmy com os colonos.

O romance é muito pertinente para observar como se constrói a identidade em uma realidade colonial. Para Randall (2007), o tornar-se a si mesmo que acontece como uma responsabilidade do apelo que vem do outro é um dos principais temas em David Malouf. Segundo o mesmo autor (Randall), o romance objeto de análise deste trabalho, apresenta-se repleto de questionamentos próprios da literatura pós-colonial, tais como nacionalidade, nação e como esta se forma. As respostas, quase nunca absolutas, carregam toda a dimensão de interação entre indivíduos, luta pela sobrevivência, interesses individuais e comunitários e mitos fundacionais.

A ação de buscar no outro aquilo que constrói o eu é parte do processo da identidade, que se pauta na diferença. A alteridade, enquanto reconhecimento e respeito do/ao outro em sua diferença, com suas peculiaridades e características biológicas e culturais, é parte do

processo relacional inerente à humanidade. Ambas as dimensões são abordadas na análise das personagens do romance.

### **3.1 Comunidade escocesa na Austrália**

A atenção inicial da análise está voltada para a comunidade de imigrantes escoceses que passa a habitar a região de Brisbane, nordeste australiano e que é apresentada ao longo do romance, mas de forma muito evidente logo no início da narrativa.

Dados coletados do romance salientam a condição semelhante das pessoas: famílias pobres em busca de melhores condições de vida. Guardadas as particularidades da personalidade dos indivíduos apresentados na narrativa, são personagens que ou estão envolvidas pelo aspecto ameno e fraterno de construir no espaço colonial suas vidas, sem maiores ambições e buscando um equilíbrio com as condições já existentes, ou que possuem o desejo de destruir tudo o que lhes pareça ameaçador e diferente, a fim de modificar completamente o espaço e dominar tudo o que seja “selvagem” naquela nova terra.

#### **3.1.1 Dados**

Em meados do século XIX ocorrem os fatos presentes na narrativa, marcando no tempo o período inicial da colonização do continente australiano. As pessoas que agora formam uma comunidade não muito distante da capital Brisbane, próxima à costa leste do continente, num espaço de avanço da colonização, são em sua maioria escoceses.

Os núcleos familiares apresentados no romance, bem como suas características e ações, denotam quais eram as condições da colônia, com sua falta de recursos e suas limitações. Sempre é afirmada a necessidade que tinham uns dos outros para construir ali uma unidade comunitária, algo que poderia se tornar uma cidade no futuro.

A comunidade formada era carente de recursos e sofria para se adaptar à nova realidade, tanto pelas condições peculiares da região, tão diferentes das de sua terra natal, quanto pelo medo advindo da presença dos moradores nativos, os “negros” aborígenes.

A respeito da constituição física da comunidade, apresenta-se o seguinte:

A não ser as suas propriedades muitos espalhadas, a maior delas com quarenta acres, nada existia no povoado além de um armazém e uma agência de correio feita de tábuas sem pintura, com uma varanda e um cachorro na frente[...] (MALOUF, 2000, p. 12)

[Apart from their scattered holdings, the largest of which was forty acres, there was nothing to the settlement but a store and post office of unpainted weatherboard, with a verandah and a dog in front of it] [...] (MALOUF, 1993, p. 5)

Marcadamente precária em sua estrutura urbana, a comunidade local ainda se sentia completamente isolada: “[...] nem o mascate sírio se dava ao trabalho de ir tão longe. Eles viviam isolados, no fim do mundo” (MALOUF, 2000, p. 12) “[even the Syrian pedlar did not trouble to come so far. They were isolated, at the end of the line]” (MALOUF, 1993, p. 5). A todos eles se fazia comum o medo ante o desconhecido, ou seja, as terras ainda não exploradas e os moradores nativos não lhes permitiam a tranquilidade. Como a associação, isolamento e desconhecido são muito comuns, há vários fragmentos da narrativa que remetem ao medo sempre presente:

A terra ao sul também era desconhecida. A colonização nessas bandas se fazia aos saltos, de uma pequena localidade costeira para outra. No intervalo estendiam-se faixas de terra em que nenhum homem branco jamais havia penetrado. Era perturbador, isso: ter regiões desconhecidas tanto atrás como na frente. (MALOUF, 2000, pp. 16 e 17)

[The land to the south was also unknown. Settlement up here proceeded in frog-leaps from one little coastal place to the next. Between lay tracts of country that no white man had ever entered. It was disturbing, that: to have unknown country behind you as well as in front. (MALOUF, 1993, pp. 8-9)

Era comum aos moradores ter vindo de regiões nas quais as propriedades eram muito pequenas e tudo estava sempre próximo: colinas e campos planos eram familiares e a sensação de pertencimento que possuíam sobre a terra era muito evidente, apresentando-se sempre da mesma maneira ao olhar. Na nova terra a vastidão das propriedades aumentava ainda mais a sensação de isolamento.

Isolamento e medo relacionam-se a partir das ações que eram percebidas pelos colonos, como executadas pelos moradores nativos, os aborígenes – sons de árvores sendo cortadas, caindo no chão, ou outro som indefinível, mas que denotava uma ação humana. Para eles, estas ações não podiam ser associadas à história de vida da comunidade: “.era um acontecimento na história da terra, mas não era uma parte da história deles. Então a sensação de estar submerso, de estar isolado nas profundezas da região, mas também de estar perdido,

era muito forte” (MALOUF, 2000, pp. 16 e 17) [...that was an event in the land’s history, no party of yours. The sense then of being submerged, of being hidden away in the depths of the country, but also lost, was very strong] (MALOUF, 1993, p. 9).

A família mais evidenciada pela narrativa é a dos McIvor, por terem sido eles os que primeiro tiveram contato com Gemmy Fairley, o protagonista, e também por este ter sido abrigado na casa da família, num telheiro ao lado da choupana onde viviam. Jock e Ellen formam o casal, pais de Janet e Meg e tios de Lachlan. Os McIvor também vieram da Escócia e os detalhes de sua vida antes da chegada à Austrália são enfatizados pelas narrativas de Ellen McIvor.

O que é afirmado sobre eles sintetiza alguns aspectos da vida dos demais moradores, pois a enfatizada realidade repleta de privações na terra de origem e o grande desejo de conquistar melhores condições para si e para a família é utilizada para uma família e parece se estender às demais.

A narrativa constrói-se de maneira a evidenciar que os frequentes momentos em que Ellen McIvor reporta às filhas suas reminiscências da terra natal fazem com que Janet assimile o maior número de memórias possível, construindo em sua mente imagens para os fatos contados. Há em suas imagens, criadas a partir das falas de sua mãe, fragmentos de saudosismo pela vida que esta levava junto aos seus irmãos e a seu pai, todos trabalhadores em minas de carvão:

[...]quando sorriam, revelavam alguma brancura nas máscaras recobertas de fuligem, até que, um após o outro, no escuro reduto do quintal onde ficava o tanque, afundavam a cabeça num balde, lavavam com sabão as costas e os ombros e então, em sua brancura, muito altos para a sala de teto baixo, vinham enxugando as cabeças, brincando uns com os outros e rindo[...] (MALOUF, 2000, p. 72)

[and their teeth when they grinned, showing white in the sooty masks, till one after the other, in the dark little scullery off the yard, they ducked their heads in a tub, soaped their backs and shoulders, and too big now in their whiteness for the low-ceilinged parlour, came towelling their heads and larking about and laughing] (MALOUF, 1993, p. 53)

A terra natal constituía um tipo de “mito” e espaço sagrado para Janet, mas é perceptível que para a mãe da garota não era uma terra promissora, mas repleta de pobreza e dificuldades. Há fragmentos que denotam uma recusa de Ellen às condições que sempre vivera e o desejo de encontrar outro espaço. Jock, seu marido, tinha para ela o cheiro do capim e do sol que ela sempre desejara “ou pelo menos assim acreditava, no mundo sombrio

em que fora criada, onde tudo era sujo e manchado de pó de carvão” (MALOUF, 2000, p. 97) [“or so she believed, in the dismal world she had grown up in, where everything was smudged and smirched with coal dust] (MALOUF, 1993, p. 74). Ele se opunha aos irmãos de Ellen em sua atividade profissional, pois era jardineiro e sempre estava exposto ao sol, enquanto os irmãos dela trabalhavam nas minas de carvão e não viam o sol. Atribuir ao marido as condições que ela ansiava para sua vida é fazer uma metonímia da transformação e adaptação que Ellen desejou e a que foi submetida. Apesar das dificuldades apresentadas na terra natal e os novos desafios na terra australiana, ela apreciava o lugar no qual agora estavam e nele queria manter sua família e constituir-se como comunidade.

Jock desejara no passado morar no Canadá, mas a Austrália lhe pareceu melhor. Apesar disso, o romance refere-se às grandes dificuldades encontradas pelo casal McIvor ao chegar no continente australiano: além das privações materiais, a natureza quente e úmida do lugar. É com tom quase poético que a narrativa apresenta as percepções de Ellen sobre o novo lugar e certa decepção:

A embriaguez que eles encontraram nas ruas tinha um toque de desespero que levou Ellen a se perguntar o que poderia haver ali, uma vez que existia tanto espaço livre, capaz de enlouquecer os homens e tornar as mulheres tão abatidas e sem cor. Não era nada do que esperavam encontrar. (MALOUF, 2000, p. 98)

[The drunkenness they met in the streets had a desperation to it that made her wonder what there might be in the place, given so much space, that could madden the men and made the women so pinched and colourless. It was not what they had expected.] (MALOUF, 1993, p. 74)

Calor, umidade, lama, chuvas vaporosas, mosquitos, baratas, pagamentos atrasados, promessas adiadas, dificuldades financeiras: tudo isso constituía a nova condição do casal. Após passarem por algumas cidades, alojamentos, afastamentos e a morte de dois filhos, nascidos depois de Janet, o casal finalmente adquire a propriedade em que mora, na qual nasce a menina mais nova e para onde vai o sobrinho que ficara órfão. As diferenças desta nova terra e as grandes dificuldades não os impediram de afirmar esta terra como a propriedade na qual sonhavam constituir como lar.

A adaptação a um novo continente, com grandes diferenças em relação ao local de origem, acarretou a necessidade de uma grande disposição para aceitar as mudanças. Num espaço geográfico que se apresenta como totalmente novo é preciso adaptar-se e criar condições para que atenda, ao menos, às necessidades primeiras de seus habitantes.



O romance retrata algumas particularidades da adaptação as quais se submeteram as famílias do local, a fim de transformar aquela terra longínqua, isolada e tão diferente, em um lar. A família McIvor é apresentada constantemente na obra como exemplo desta adaptação. Jock e Ellen firmaram um tipo de pacto de sobrevivência pautado no apoio mútuo, a fim de se adaptarem e garantirem a sobrevivência.

Um tipo diferente de equilíbrio se estabeleceu entre os dois, nos primeiros anos na colônia, como se, por haverem dado meia-volta ao mundo, tivessem chegado não tanto a um lugar novo como a uma nova adaptação de suas próprias naturezas. (MALOUF, 2000, p. 98)

[A different kind of balance was established between them in these first days in the colony, as if, in coming halfway round the world, they had arrived not so much at a new place as a new accommodation with their own natures] (MALOUF, 1993, p. 75).

Esta referida adaptação da natureza relaciona-se à construção da identidade, pautada na afirmação de que esta nunca está pronta, mas em processo de construção, fazendo os indivíduos passíveis de adaptação e mudança e permitindo a diferença como possibilidade enriquecedora.

De acordo com Memmi, a condição de colonização acarreta sempre numa desvalorização da terra colonizada, “*aqui, o povo daqui, os costumes deste país são sempre inferiores, e muito, em virtude de uma ordem fatal preestabelecida*” (1977, p. 67). Com os colonos do romance é evidente o incômodo que lhes traz as dificuldades da nova terra, mas a pobreza em que viviam na terra natal e a decisão de estarem tão afastados de tudo que lhes era comum até então minimiza os efeitos dessa negação marcada por Memmi.

As mudanças apontadas pelo romance que atingiram o casal McIvor não aparentam ser agradáveis, mas foram capazes de fazer-lhes mais duros e fortes contra as intempéries. Afirma-se, por exemplo, que Jock “começou a aprimorar em si mesmo o jeito seco, fechado, da autodisciplina severa e tenaz que a terra mesma parecia exigir...” (MALOUF, 2000, p. 99) “[began to refine in himself the stringy, hard-bitten qualities of dourness and harsh self-discipline that the land itself appeared to demand]” (MALOUF, 1993, p. 75). Ellen também é apresentada pelo narrador como uma mulher que mudou, que “deixara para trás mais de si mesma do que ousava pensar” (MALOUF, 2000, p. 99) “[had left more of herself than she dared consider]” (MALOUF, 1993, p. 75). Mais do que a personalidade do casal, houve uma adequação de suas identidades a fim de sobreviverem.

Embora os fragmentos apresentados até agora apontem para uma constituição identitária individual, e voltada para a compreensão e aceitação de si no espaço, Jock constituiu para si uma identidade junto aos seus vizinhos, como pessoa de respeito e com certa autoridade; ainda como sujeito exposto aos medos presentes naquela terra tão pouco conhecida, qual o medo do isolamento e da solidão.

Uma pessoa sociável, sempre envolta por um entusiasmo comunitário que o protegia não só dos assuntos sombrios e de toda luz cegante que vinha das coisas, como também da consciência de que, em alguma parte, existia um lugar onde a sua pessoa poderia se achar sozinha. (MALOUF, 2000, p. 138)

[...a sociable self wrapped always in a communal warmth that protected it from dark matters and all the blinding light of things, but also from the knowledge that there was a place out there where the self might stand alone] (MALOUF, 1993, pp. 106 e 107)

Essa identidade, porém, viu-se ameaçada ante a postura que Jock assumiu com Gemmy e o acolhimento dado por ele ao jovem. Na verdade, Jock apenas reconheceu sua identidade sociável e de liderança quando esta esteve ameaçada. Para ele, uma boa relação com a vizinhança era fundamental: “Nas duras condições de vida ali, os vizinhos eram importantes e, ao longo dos últimos anos, ele e Barney foram bem mais do que vizinhos” (MALOUF, 2000, p. 93) [Under the hard conditions of life up here neighbours were important, and over the last years he and Barney had become more than that] (MALOUF, 1993, p. 71).

Barney Mason era um dos vizinhos da família McIvor. Casado com Polly Mason, a melhor amiga de Ellen; seus filhos eram amigos das meninas Janet e Meg e do menino Lachlan. No que diz respeito às condições de vida, era uma família semelhante à McIvor, mas a personalidade de Barney era bem diferente da de Jock. Afirma-se no percurso da trama que Jock sempre recomendava a Gemmy não se aproximar da propriedade dos Mason, pois “o Barney é nervoso” (MALOUF, 2000, p. 52) “[Barney’s nervous]” (MALOUF, 1993, p. 37). A preocupação de Jock em relação às reações do vizinho marca também a preocupação com a sua reputação frente a este, pois a amizade que eles estabeleceram garantia também a segurança das propriedades e um tipo de cuidado mútuo.

A presença de Gemmy desestabiliza a relação entre os vizinhos e mais uma vez é apresentada a contrariedade pela qual passa Barney e, pela focalização concedida pelo narrador a Jock, evidencia-se a personalidade do vizinho:

Era um atormentado, aquele Barney. Vivia criando caso e se queixando de alguma coisa. Embora não tivesse mais de trinta anos, trazia um vinco fundo e permanente na testa, como se alguém, anos antes, ou mais provavelmente alguma *coisa*, tivesse causado aquilo com uma pedrada de estilingue (MALOUF, 2000, p. 93)

[He was a worrier, Barney. He was forever growling or greeting over one thing and the next. Though not much more than thirty, he wore a permanent dent in his brow, as if someone, years back, or some *thing* more likely, had let him have it with a slingshot] (MALOUF, 1993, p. 70).

Barney queixava-se, mas Jock nem ousava utilizar o termo ‘queixa’ para as perguntas apresentadas por seu vizinho em relação a Gemmy, o respeito às fronteiras divisórias entre as propriedades e à segurança de sua mulher e suas crianças. As respostas de Jock para o vizinho sempre apontavam para a segurança e para a tranquilidade, acreditando que os receios e questionamentos apresentados em relação à conduta de Gemmy não tinham fundamento, nem validade. Apesar do discurso de Jock, seus pensamentos não eram tão convictos em relação a essa condição. Polly Mason também questionava Ellen, mas esta estava sempre segura em suas afirmações, tanto através do que falava quanto através de seus pensamentos sobre as condições a que estavam expostos e suas ações.

Barney contava com um empregado de nome Andy McKillop, um sujeito um tanto perturbado pelo alcoolismo e pela grande decepção de ter perdido sua mulher para um outro sujeito. Já havia sido preso por roubo e no momento trabalhava para Barney Mason, ajudando-o a cuidar da propriedade. Embora Andy apareça em apenas um capítulo da narrativa, este se faz importante, pois retrata uma opinião extremada de preconceito em relação a Gemmy Fairley.

Andy é a única testemunha do encontro que Gemmy teve com dois aborígenes. A narrativa informa que este encontro foi uma forma de Gemmy receber energia trazida por seus antigos conhecidos, mas Andy o interpreta como uma grave ameaça à comunidade e uma forma de provocação: “Que ofensa infame! Que descaramento! Que insolência!” (MALOUF, 2000, p. 122) “[... The bloody effrontery of it! The cheek! The gall!]” (MALOUF, 1993, p. 94). Por estar sempre em descrédito junto aos demais moradores, Andy quer aproveitar-se do episódio para receber reconhecimento dos outros e afirmar para si mesmo que, dentro de sua condição marginalizada, tem o direito de ser melhor que Gemmy. O que Andy reclama para si é “que ele possui, de nascença, uma qualidade independente de seus méritos pessoais, da sua classe objetiva: é membro do grupo dos colonizadores, cujos valores reinam e dos quais participa” (MEMMI, 1977, p 28).

Outra família vizinha era a de Ned e Gracie Corcoran, com vários filhos. Ned não era muito bem visto na comunidade, pois sua concepção de convivência comunitária não era a mesma partilhada por seus vizinhos:

Naquelas bandas, a pessoa aprendia a fazer concessões, mas Ned Corcoran não era um homem por quem tivessem grande respeito. Sua ideia de boa vizinhança era mandar um de seus garotos (ele tinha um bando de meninos), em geral o de oito anos e olhos mansos, pedir emprestada alguma ferramenta que depois acabava indo parar no seu depósito (MALOUF, 2000, p. 53)

[You learned up here to make allowances, but Ned Corcoran was not a man they had much respect for. His idea of neighbourliness was to send one of his boys across (he had a whole mob of them), usually the soft-eyed eight-year-old, to borrow some implement or other that then found its way into his store] (MALOUF, 1993, p. 38).

Ned fazia parte de um grupo mais radical em relação aos nativos aborígenes, que acreditava que a ação mais prática, eficiente e segura para os colonizadores seria acabar com todos eles. Para Jock, Ned era uma figura que incomodava, principalmente por apresentar sempre um tom de arrogância em suas falas e querer apresentar certa superioridade moral da qual não era digno. O aspecto pouco amigável dos Corcoran marca as dificuldades de relacionamento na comunidade, mesmo quando disso dependia o bem estar ou mesmo a sobrevivência dos moradores.

Jim e Millie Sweetman são mais um núcleo familiar na trama. Jim é um ex-ferreiro, uma pessoa de meia idade que era respeitado por todos os moradores. Exímio dançarino, muitas vezes era visto com sua neta de três anos nos braços e com ela brincava e dançava. Sua autoridade nunca fora imposta por palavras de reprovação, mas sua expressão facial já indicava aprovação ou reprovação para os moradores. Para o pastor local, sr. Frazer, “Jim Sweetman, com toda sua falta de imaginação, era o melhor entre eles (os outros moradores)” (MALOUF, 2000, p. 170) “[Jim Sweetman, for all his lack of imagination, was the best of them]” (MALOUF, 1993, p. 134). Millie Sweetman, esposa do ex-ferreiro, é citada uma única vez, no momento em que sugere-se um lugar mais seguro para Gemmy ficar após a agressão que ele sofreu enquanto estava abrigado junto a casa dos McIvor. A sugestão de um novo local partiu desta personagem.

O pastor Charlie Frazer, que vivia com sua esposa, é figura marcante na narrativa, especialmente por seu bom entendimento com Gemmy, bem como pela proposta de aceitação aos nativos por ele oferecida. O casal contava com mais de sessenta anos de idade e seus três

filhos, já adultos, moravam em outras cidades: a mais velha em Aldershot, outra em Poole e o filho, Edward, no Canadá. Exceto pela afirmação de que a mulher do pastor escrevia cartas para seus filhos e que recebia da filha mais velha, uma vez por mês, um pacote com livros e outros tipos de publicações, não há mais referências sobre esses filhos.

Estavam casados havia trinta e três anos. Ela o acompanhou em sua progressão – ou em seu declínio – através de meio mundo e, ano após ano, cada vez mais para longe da verdadeira vida dela, que estava, o marido sabia, nos filhos. A esposa é mais inteligente do que o marido, mas não o deixa perceber isso. Inteligência, ela sabe muito bem, nada tem a ver com aquilo que ele busca; ou seja, a revelação. (MALOUF, 2000, p. 171)

[They have been married for thirty-three years. She has followed him in his progress – or decline – halfway across the world, and further each year from her real life, which is, he knows, in their children. She is cleverer than he is but does not make him feel it. Cleverness, she knows, has nothing to do with what he is after; which is revelation (MALOUF, 1993, p. 135)]

O aspecto inteligente da esposa do pastor se evidencia na construção da trama pelas leituras que lhe aprazem, por sua apreciação pela música e seu bom senso. Mas ela decepciona as demais moradoras, que desejavam encontrar nela, que era tida por rumores como prima de um conde, aspectos de mais requinte e sofisticação.

O pastor é apresentado como uma exceção na comunidade, tanto por sua sensibilidade no trato com Gemmy, quanto pela perspectiva positiva que ele cria para a comunidade que se constrói na Austrália. Na chegada de Gemmy ele se encarregou de tentar entendê-lo e criar uma transcrição, o mais detalhada possível, da vida do jovem Fairley. Pouco depois, na companhia de Gemmy, deseja explorar a flora local, classificando folhas, flores, frutos e raízes, através de desenhos, nomes – especialmente os utilizados pelos nativos, que Gemmy lhe informava – e descrições. É ainda o Sr. Frazer que elabora um relatório sobre a terra australiana, apontando os aspectos positivos deste ambiente e distinguindo, fortemente, a necessidade de adequação dos moradores ao local, e não o contrário.

Um grupo familiar diferenciado na comunidade é o que se constitui de duas mulheres: Sra. Hutchence e Leona, ou srta. Gonzáles. A particularidade destas personagens reside no fato de elas serem mais reservadas e constituírem um mistério e uma curiosidade para os demais moradores, serem as únicas pessoas da região a morarem numa casa de verdade, e não numa choupana; são ainda muito receptivas para com todos, recebendo os jovens para tomar chá e conversar em sua casa.

A descrição da Sra. Hutchence é feita sob a focalização da personagem George Abbot, o professor local, que foi interceptado por ela enquanto fazia uma caminhada e lia um livro em francês para não desabituar-se desta língua. Ela lhe pediu que a ajudasse a levar um pesado galho até sua casa. A descrição que o rapaz faz, certamente vai além das particularidades de sua visão, mas é algo que comunga da visão que a comunidade tinha dela:

Foi surpreendido por uma voz na trilha atrás dele e, quando se voltou, uma mulher estava lá, uma velha de roupa marrom, muito atarracada, sem chapéu e de botas grandes demais para o tamanho dos pés [...] O nome dela era Hutchence. Morava a cinco quilômetros, seguindo pela estrada para Bowen, não numa choupana, mas numa casa de verdade, e constantemente tinha por lá algo pesado para ser carregado ou algum serviço que queria que os outros fizessem. (MALOUF, 2000, p. 107)

[He was hailed by a voice on the track behind him, when he turned a woman was there, an old woman in brown, rather squat, bareheaded, and wearing boots that were size too big for her [...] Her name was Hutchence. She lived three miles out on the Bowen road, not in a hut but in a real house, and regularly had a load she wanted carrying or a job out there she wanted doing (MALOUF, 1993, p. 82)].

A origem das duas mulheres, segundo diziam no povoado, eram as Índias Orientais, Macau ou Malaca. Mas ninguém saberia afirmar com certeza, assim como não sabiam qual era o grau de parentesco entre senhora Hutchence e Leona. Sobre esta se especulava sobre sua idade – vinte e cinco, ao menos, para Janet, e trinta para aqueles que zombavam das duas mulheres e se sentiam ofendidos quando solicitados a oferecer ajuda à senhora. Afirmações sobre mistérios envolvendo as duas eram, na verdade, apenas uma possibilidade de se produzir assunto num lugar onde tão poucas coisas diferentes podiam ser vistas ou aconteciam.

As reuniões sociais que as duas mulheres – especialmente Leona – promoviam, contavam com a participação das duas meninas McIvor, de Hec Gosper e, pouco depois, do professor George Abbot. Servia-se chá e Leona imprimia ironia nas conversas e jogos que estabelecia entre seus visitantes. A sra. Hutchence cuidava de abelhas e ensinou tal prática à garota Janet McIvor, sendo tal experiência, inclusive, a mais marcante na vida da jovem.

Afora os núcleos familiares, há dois personagens muito significativos no romance: Hector Gosper e George Abbot. Hector Gosper, “um jovem abrutalhado, de lábio leporino [...] um moço alegre mas muito sensível quanto a sua reputação” (MALOUF, 2000, p. 24) “[a hulking, harellipped youth [...] a cheerfull youth but very sensitive of his standing]” (MALOUF, 1993, p. 15). Hector já não era um garoto e começava a fazer parte do grupo dos

homens adultos. Na conquista de espaço, estava presente nas reuniões informais dos vizinhos Jock, Ned e Barney. Também frequentava a casa da sra. Hutchence e no jogo de Leona considerava-se alvo de interesse da moça. Possuía um veio irônico e desde a chegada de Gemmy ao povoado não conseguia vê-lo com bons olhos devido a uma breve indisposição que tiveram na disputa por um martelo. Desde então havia animosidade da parte de Hector em relação a Gemmy. A presença de Hector Gosper é constante na trama, sempre com um olhar atento às demais personagens e com muito cuidado e sensibilidade em relação a sua própria imagem.

O professor George Abbot é outra personagem que merece atenção dentro da trama. Fica evidente que ele constrói na incipiente Austrália uma nova constituição identitária, pautada no papel que cumpriria como o único professor da comunidade local. É um jovem de dezenove anos, vestindo e comportando-se de maneira a parecer muito mais velho – talvez vinte e seis ou vinte e sete anos - e garantir a integridade de sua autoridade. Nunca sonhara viver na Austrália, sua criação austera, financiada por um tio distante – o Sr. Robertson ou primo Alisdair - parente afastado de sua mãe viúva e a condição de único homem dentre cinco filhos fizeram dele um jovem que, pelo menos teoricamente, precisava corresponder em responsabilidade e cuidados para com a mãe e as irmãs. Porém, a ideia de sua ida para a Austrália foi recebida com tristeza e desdém. Projetara inicialmente ir para a África; criando então uma oposição entre o país desejado e o país para onde de fato foi. A Austrália, para George, era um ambiente desagradável, que fazia com que ele perdesse tanto o vigor natural que possuía, quanto os conhecimentos adquiridos em sua vida de estudos, considerados por ele inaproveitáveis nas condições em que vivia. Compara sua vida às mudanças do clima e da vegetação:

O país produzia suas derrotas de forma lenta. Era opressivo em todos os aspectos, em todas as suas formas, viscoso e traiçoeiramente doce – a exuberância e a rápida floração seguidas por um apodrecimento pegajoso, de modo que a alma, num momento estava intensamente agitada, irritadiça, apreensiva, e no momento seguinte se sentia apática e abatida (MALOUF, 2000, p. 68)

[The place worked its defeats in a low way. It was on every side oppressive, in all its forms clammy and insidiously sweet – lushness and quick bloom followed by a dank putrescence, so that the soul was at one moment garishly excited, brittle, overwrought, and in the next slothfully laid low] (MALOUF, 1993, p. 51).

A Austrália, na qual fora viver e trabalhar, não se enquadrava aos seus anseios, limitava seus impulsos naturais e forçava-o a uma apatia. Na atividade que exercia junto às crianças tinha ímpetos de autoritarismo e detestava detalhes com os quais se deparava, principalmente a pobreza, sujeira, sonolência e apatia de seus alunos.

A figura que George Abbot se impôs, especialmente a rigidez e a severidade em relação aos seus alunos não era condizente com a sua natureza. “Ele conhecia a falsidade de sua situação e a detestava” (MALOUF, 2000, p. 61) “[He knew the falseness of his position and hated it]” (MALOUF, 1993, p. 45).

Estas personagens são apresentadas no romance com algumas nuances de caracterização e com afirmações a respeito de suas condutas, umas para com as outras e delas para com o protagonista do romance, Gemmy Fairley. Tais condutas serão analisadas para a compreensão de como construíram suas identidades na nova terra e como se firmaram como comunidade. É a partir das ações destas personagens que se vislumbra a vida da comunidade de escoceses na Austrália que começa a se constituir como nação. As perspectivas vislumbradas em relação as suas vidas e o trato destas personagens entre si e em relação ao personagem culturalmente híbrido, Gemmy Fairley, constituem a identidade e a alteridade do grupo. Tais aspectos serão abordados no tópico seguinte.

### **3.1.2 Discussão: Identidade e Alteridade**

A chegada das famílias àquela região da Austrália significava tanto uma esperança quanto um aprisionamento. Talvez isso justifique a utilização da epígrafe inicial do romance, dos versos de Blake, que afirma: “Se isto é Jerusalém ou Babilônia, não sabemos” (“Whether this is Jerusalem or Babylon we know not”). Jerusalém na tradição bíblica é a terra prometida. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2003) “significa não o paraíso tradicional, mas, ao contrário, algo que supera toda tradição: um novo absoluto” (p. 517). Babilônia, por sua vez, no plano dos símbolos, de acordo com os mesmos autores “é a antítese da Jerusalém celeste e do paraíso. (...) Babilônia simboliza o triunfo passageiro de um mundo material e sensível, que exalta apenas uma parcela do homem e que, conseqüentemente, o desintegra” (p. 112). Observa-se através dessa simbologia a presença de ambivalência na concepção do espaço, Jerusalém é terra de realização e promessa e mudança/novidade e Babilônia pode simbolizar o exílio e também vitória material.



É ambivalência geradora de inquietação e talvez seja esta mesma inquietação que perpassa as personagens, que ao chegarem na terra desconhecida, sabem da necessidade de ali construir sua morada procurando melhorar sua condição, mas temem o que lhes pode acontecer. Que terra é essa e o que esperar da vida nela?

Medo, solidão e isolamento são parte do processo, todos os moradores consideram-se um pouco perdidos do restante do mundo. Tal condição é angustiante e a falta de elementos a que se apegar só faz aumentar o incômodo. Ante o diferente e o desconhecido passam a forjar uma nova condição de vida. É evidente que não podem mais voltar atrás, pois tomaram uma decisão que alterou o rumo de suas vidas, chegando a um lugar totalmente novo e desconhecido. Não podem mais desejar ser escoceses ou europeus, mas também não se filiam à natureza aborígene. Passam a construir uma nova identidade, como australianos não nativos, mas o apego à terra natal permanece na vida dessas pessoas. Apesar disso, o reconhecimento de uma ruptura que estava se estabelecendo em suas vidas é evidente. O romance afirma que nos momentos de maior medo e insegurança – como ante a possibilidade de se deparar com um aborígene – nem mesmo o apego àquilo que eles acreditam ser um tipo de essência, familiaridade ou identidade é capaz de lhes trazer algum conforto:

E tudo o que se pode evocar para ajudar nesse confronto, de toda uma vida do outro lado das coisas, o lado mais claro das coisas – xelins e pence, o pai-nosso, a meia dúzia de canções que os dedos conseguem arrancar das cordas de uma rabeca, os nomes e as idades dos filhos, inclusive os que estão embaixo da terra, o toque da mão da esposa na barriga nua, e a afeição tímida, mansa, que se tem por si mesmo – tudo se enfraquece e se esvai diante da aparição, vinda de lugar nenhum, de uma figura talvez mais alta do que você e de um negror fuliginoso mais negro do que o negro, absolutamente imóvel, muito perto, e no entanto tão afastada, mesmo a uma distância de um metro e meio, quase não dá para entender como pode estar ali no mesmo espaço e no mesmo momento com você (MALOUF, 2000, p. 58).

[... and all you can summon up to the encounter, out of a lifetime lived on the other, the lighter side of things – shillings and pence, the Lord's Prayer, the half dozen tunes your finger can pick out on the strings of a fiddle, the names and ages of your children, including the ones in the earth, your wife's touch on your naked belly, and the shy, soft affection you have for yourself – weakens and falls away before the apparition, out of nowhere, of a figure taller perhaps than you are and of a sooty blackness beyond black, utterly still, very close, yet so far off, even at a distance of five feet, that you cannot conceive how it can be here in the same space, the same moment with you (MALOUF, 1993, p. 42- 43)].

Incompreensível e inaceitável – assim é visto pelos colonizadores um possível encontro com um “negro” aborígene. O medo que configura a nova identidade dessas pessoas

é pautado no medo do desconhecido e na imensa dificuldade em aceitar o outro. Um dos maiores medos desta população é a hibridização cultural, temem ser influenciados pelos nativos e perder aquilo que lhes é próprio e marca sua identidade europeia.

A identidade trazida da terra natal já não encontra meios de se manter perante as condições da colônia, mas é ela que garante a separação entre os “civilizados” e os “selvagens”. Na verdade os colonos já trouxeram consigo a ideia de que os nativos lhes eram inferiores e é esta afirmação que lhes avaliza, até certo ponto, a certeza de que agem corretamente ao excluir e marginalizar os nativos ou mesmo exterminá-los.

Possuir uma ligação com a terra natal e com as origens é fator de garantia da história, pois todos têm necessidade de uma marca fundacional na história da humanidade, alguma forma de registro. O problema reside no fato de que alguns desses mitos ganhem contornos de verdade absoluta e/ou condição de superioridade que garanta a dominação de uma pessoa sobre outra, de um povo sobre outro.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2003, p. 29).

A identidade cultural que possuíam anteriormente quer manter-se de alguma forma, garantindo uma unidade ao grupo. Mas esta condição é mutável e a existência dela junto aos moradores gera alguma perplexidade. Além dos mitos fundadores a garantir unidade, há os mitos que reafirmam o preconceito. Aos moradores escoceses na Austrália é manifesta uma associação dos nativos àquilo que é assustador, desconhecido, aterrador: “o Ogro, o Carvoeiro, a Noite Absoluta” (MALOUF, 2000, p. 58). “[... the Bogey, the Coal Man, Absolute Night” (MALOUF, 1993, p. 42)].

Termos popularmente atribuídos ao desconhecido nas fábulas e contos infantis, relacionam-se a tudo que causa medo, gerado principalmente por serem “criaturas” desconhecidas e, potencialmente, ameaçadoras. Delumeau (2009, p. 74) afirma que “o estranho é visto por muita gente como suspeito e inquietante”. Na colônia, com a clara predominância do binômio “nós” X “eles”, os nativos passam a receber os atributos do “estranho”, ou seja, são eles a personificação de todas as criaturas desconhecidas e de todos os medos que povoam a mente dos moradores.

Ainda é muito forte em cada um deles a imagem da terra natal, bem como todos os elementos que constituíam suas identidades por lá. Fragmentos de patriotismo ainda são encontrados entre os moradores escoceses na colônia. Para Memmi (1977), o colonizador “confia em que a metrópole corresponda à sua esperança (...) pois só reúne positividade, a amenidade do clima e a harmonia das paisagens” (pp. 61-62). Observa-se algo que remete a essa afirmação quando Lachlan quer se sentir superior à Meg e Janet, falando sobre a terra natal e todos os aspectos que ele considera superiores. Porém, Janet sabe das privações sofridas na Escócia. Na nova terra, as mudanças são inevitáveis e a construção de uma nova identidade cultural se faz necessária. No processo de reconfiguração do espaço alguns acreditam que este precisa se adaptar aos moradores a fim de que as condições se tornem minimamente identificadas ao local de origem. Para outros são os moradores que devem se adequar.

Sentem-se isolados, tanto pela distância a que se encontravam das referências originais e “civilizadas” europeias, quanto por serem os primeiros habitantes brancos naquele lugar. Segundo algumas personagens, isso intensificava a sensação de isolamento.

Na condição de prevalência do medo e com o forte desejo de autenticar a exploração daquela terra, agora em processo de colonização, os novos moradores agarram-se à condição de proprietários, com registro documental da posse. A grandeza geográfica do espaço e a dificuldade em resguardar todos os limites e fronteiras é ainda uma causa de medo, pois percebem que os nativos podem invadir suas divisas e não respeitar os limites que estão demarcados. Os aborígenes tornam-se, neste ponto de vista, invasores e ameaças. O medo que os acomete faz com que situem todos os aborígenes, com sua língua, religiosidade, alimentação e hábitos, todo seu acervo cultural, no lado “escuro”, “desconhecido”, “negro” e conseqüentemente “inferior” da realidade. Tudo que é diferente causa espanto e é afastado, recusado. É deste ponto de vista que acontece o encontro de Gemmy com as famílias colonas. Ele é o “outro”, o que está à margem, o diferente. Aceitá-lo é, de alguma forma, aceitar a nova configuração a que todos ali estão sujeitos, porém é algo que também lhes causa medo, pois negam em si que possam tornar-se semelhantes a Gemmy ou que haja identificação entre eles. Poucas são as personagens que alcançam esta identificação sem ficarem aterrados frente a ela: pastor Frazer, professor George Abbot, Janet McIvor, Lachlan Beatie. Cada um deles, em maior ou menor grau, vive uma experiência que os aproxima da condição que Gemmy estava vivendo enquanto sujeito culturalmente híbrido.

É precisamente naquele uso ambivalente de “diferente” – ser diferente daqueles que são diferentes faz de você o mesmo – que o Inconsciente fala da forma da alteridade, a sombra amarrada do adiamento e do deslocamento. Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a aterradora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial (BHABHA, 1998, p. 76)

A não aceitação da diferença é processo comum em territórios de colonização. A imposição de indivíduos dominantes por sobre os dominados marca a hierarquização pela criação de identidades culturais nacionais que são afirmadas como superiores em relação às outras. Segundo Hall (2006, p. 51) “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”. No caso em questão, os indivíduos escoceses em território australiano temem ao desconhecido e afirmam o tempo todo uma superioridade em relação aos nativos, especialmente quando se deparam com Gemmy, o sujeito culturalmente híbrido, que conhece muito bem a vida naquele local e compreende os costumes dos nativos. Mas nada disso é reconhecido ou valorado, pois o instinto de sobrevivência e o medo resultam em fechamento, negação e exclusão do outro.

É impossível negar, apesar dos grandes receios que possuem, que estes novos moradores estão vivendo uma oportunidade de hibridização cultural e potencialmente uma hibridização biológica. Uma realidade “fronteiriça” entre o lado “civilizado” das coisas (casa) e o lado “selvagem” (exterior). O termo que adequadamente exemplifica essa condição é “varanda”.

Como lugar de transição, a varanda é a *metáfora* entre a proteção (casa, *heimlichkeit*) e o desconhecido (horizonte, exterioridade) que caracteriza o discurso pós-colonial. Ademais, como a varanda é uma zona de contato, ela é também a metonímia da transculturação onde o nativo e o estrangeiro se encontram. O espaço interior e o espaço exterior interagem e se influenciam: portanto, é o lugar onde um transforma o outro (BONNICI, 2005, p. 60)

A zona de contato possível entre os nativos e os colonizadores é este espaço privilegiado do encontro; contempla todo tipo de abertura ao outro, especialmente quando reconhece no outro características que são valiosas e que podem ser assimiladas. Também potencializa o embate e a negação daquilo que o outro é, rejeitando e diminuindo tudo que se apresenta como diferente.

Não por acaso, a sra. Hutchence e sua enteada Leona, moradoras que recebem sempre visitas, são as que possuem uma moradia “muito aberta”, com ampla varanda, de onde observam a movimentação que ocorre no espaço exterior e estão sempre dispostas a acolher

para um chá e uma conversa todos que vão até ali. São elas também que acolhem Gemmy após o ataque sofrido por ele no período em que esteve na casa dos McIvor.

The veranda can be seen as the defining metonym of transculturation. Verandas are the very model of the “contact zone” where inhabitants and strangers may meet with ease. They are the space where the “inside” and “outside” interact, and not only do they reveal the provisionality of such apparently unnegotiable boundaries but they represent that space in which the inner and outer may change and affect one another. Metaphorically speaking, verandas represents that space in which discourse itself is disrupted and the very identities of the “inner” and the “outer” become negotiable (ASHCROFT, 2002, p. 194).

[...A varanda pode ser vista como uma definida metonímia de transculturação. Varandas são um modelo de “zona de contato” onde habitantes e estranhos podem se encontrar com facilidade. Elas são o espaço onde o “dentro” e o “fora” interagem, e não apenas revelam a provisionalidade de tal aparente barreiras inegociáveis mas elas representam o espaço no qual o interior e o exterior podem mudar e afetar um ao outro. Metaforicamente falando, varandas representam o espaço no qual o discurso é rompido e as identidades do “interior” e do “exterior” se tornam negociáveis.]

Na casa da sra. Hutchence a metáfora da varanda ganha força, tanto pela condição arquitetônica da moradia, quanto pela postura dela e de sua sobrinha Leona. De fato, ambas se comportam de maneira democrática e justa com todos os moradores e estabelecem diálogo, mas acima de tudo, sem fazer distinção entre quaisquer pessoas, especialmente com Gemmy, que até então quase sempre havia encontrado tratamento discriminatório, piedoso ou que subestimasse suas capacidades.

As famílias da comunidade adquirem posturas diferentes ante os nativos e Gemmy em especial: enquanto para alguns é preciso ter muito cuidado e agir com violência, caso suas propriedades sejam “invadidas”, outras acreditam numa conciliação possível e numa convivência pacífica. Porém, a postura de convivência pacífica contém duas faces distintas – a de reconhecimento da alteridade e a de dominação, na qual os nativos se tornariam servos dos colonizadores.

A postura de plena negação está em Barney Mason, Ned Corcoran e Andy McKillop. Todos eles afirmam o desejo de liquidar com os aborígenes para que possam viver com mais tranquilidade em suas propriedades. Jock e sua família e o pastor Frazer figuram dentre aqueles que aceitam o diferente e, apesar do medo que é contagiante e atinge a todos, conseguem manter o bom-senso e permitir aberturas, exemplificadas na aceitação de Gemmy. Os indivíduos que não se mostram radicais, mas querem a convivência a partir da

subordinação dos nativos podem ser representados por alguns sujeitos moderados, tais como o ex-ferreiro, Jim Sweetman. Aponta-se para essa postura no seguinte fragmento:

O que eles almejavam era uma região colonizada onde pudessem cumprir com sucesso a dura tarefa de fundar um lar, e talvez, se tivessem sorte, uma cidade onde, no devido tempo, todas as regras civilizadas prevalecessem. Se acertassem os passos iniciais, os nativos também poderiam se integrar, como trabalhadores braçais ou empregados domésticos (MALOUF, 2000, p. 83).

[... What they looked forward to was a settled space in which they could get on with the hard task of founding a home, and maybe, if they were lucky, a town where in time all the civilities would prevail. If they got the preliminaries right, the natives too might be drawn in, as labourers, or house-servants (MALOUF, 1993, p. 62)].

Evidencia-se uma postura de outremização por parte da comunidade escocesa que se firma na Austrália. A negação e a sujeição do outro colocam por terra a alteridade, enquanto reconhecimento da condição de sujeito que pertence ao outro.

Pode-se afirmar que todo sujeito que sai de sua terra natal em busca de melhores condições para si e sua família pode ser considerado um sujeito diaspórico, ou seja, pela raiz etimológica do termo ‘diáspora’ (espalhado para todos os lugares), alguém que dirigiu-se para um lugar diferente daquele de sua origem. A diáspora propicia o encontro com o outro e a hibridização, mas também é causa de embates e violência, gerada por todos que querem impor sua cultura e que não aceitam a diferença advinda do outro.

Toda condição de diáspora, como a que é observada no romance, a partir da ida das famílias escocesas para a Austrália, relaciona-se com a potencialidade de conhecimento e relação com o outro. Existe a diferença entre as condições naturais, a língua, a cultura, mas diante da necessidade de construir um lar em novo espaço, os sujeitos diaspóricos deveriam reconhecer a diferença do outro como uma positividade. Porém, paira sobre a diferença uma dupla visão:

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade, hibridismo, sendo vista como enriquecedora. (WOODWARD, 2008, p. 50)

Negativa ou enriquecedora – a diferença assim está posta no romance. Aos que a observam como negativa acresce a potencialidade da violência, o medo e a insegurança. Os

que a observam como enriquecedora são menosprezados pelos demais, mas para si adquirem maior segurança e certo otimismo pelo futuro que os aguarda no continente australiano.

O romance, com todas as características que configuram suas personagens – medo, insegurança, busca de apoio uns nos outros, diferentes opiniões ante os nativos – podem ser identificados como uma metonímia do que seria o continente australiano no futuro. Côncios de sua definitiva decisão de formar ali uma nova comunidade, os moradores também sabem que estão a construir algo que pode se estender ao futuro, ou seja, tanto uma identidade comunitária, uma condição urbana, formas de cultivo, adaptação ao meio, quanto sua configuração biológica e cultural.

Em *Remembering Babylon* existe a oportunidade de que as famílias que ali se encontram possam aceitar o diferente, na figura do sujeito culturalmente híbrido com que se deparam, mas poucas são as que tiveram essa disposição. O que se observa em abundância é a negação da condição de “inglesidade” que Gemmy ainda possui e sua associação plena aos aborígenes, impondo-lhe marginalidade.

Ao mesmo tempo, ocorre uma identificação aterradora: Gemmy é a figura do europeu que viveu um período junto aos aborígenes e ganhou contornos de uma identidade híbrida. Potencialmente, todos os moradores estão sujeitos a tornarem-se como Gemmy e isso os assusta demasiadamente.

A seguir, serão apresentados dados sobre Gemmy, em todo o seu percurso de vida até o momento do encontro com os escoceses, bem como as relações que se estabeleceram entre ele e os moradores, com nuances muito particulares, de acordo com o grau de aceitação dos indivíduos.

### **3.2 A hibridização cultural de Gemmy: um menino inglês por nascimento, um jovem aborígene por assimilação**

Gemmy Fairley, protagonista do romance *Remembering Babylon*, é a figura insólita ante o olhar daqueles com os quais se deparou. Sua vida foi uma sucessão de mudanças radicais e grandes dificuldades. Gemmy nunca teve plena certeza de quem ele era ou qual o seu lugar no mundo. A necessidade de sobrevivência prevaleceu sobre qualquer outro valor que pudesse nortear suas ações. Apesar disso, é nele que se encontra a metonímia de uma hibridização cultural que poderia acontecer na Austrália a partir da colonização do continente.

Os detalhes da vida de Gemmy apresentados pela fábula do romance evidenciam o grande abismo entre aquilo que ele realmente foi e viveu e a conceituação que as pessoas tiveram dele, condenando-o à marginalidade. Com raras exceções, Gemmy foi sempre alijado de seus direitos e da possibilidade de expressar com clareza os fragmentos de sua vida. A construção da identidade de Gemmy, por ele mesmo, é conflituosa, chegando a personagem a afirmar que existiam dois Gemmys, um em sua infância e outro que ele se tornou depois de conviver com os aborígenes.

Fatores relevantes na construção da identidade de Gemmy são a língua, enquanto possibilidade de expressão e condição de poder, a relação de Gemmy com as diferentes pessoas que o influenciaram e os diferentes costumes assimilados para sobreviver em situações diversas.

A narrativa, no que se refere aos fatos envolvendo o protagonista, pode ser dividida em cinco momentos: a infância de Gemmy na Inglaterra; o período em que foi marinheiro em algumas embarcações; a adaptação e convivência com os aborígenes na Austrália; o encontro e o convívio com os colonizadores escoceses na região de Brisbane; e seu retorno à vida com os aborígenes que culmina com sua morte, sabida por meio de boatos.

Fragmentos do romance apresentados e discutidos salientam as nuances de cada um desses períodos, a acolhida ou rejeição a Gemmy, bem como as percepções da personagem sobre os “diferentes mundos” que lhe foram impostos.

### **3.2.1 Dados**

Gemmy nasceu na Inglaterra, provavelmente num período de acentuado desenvolvimento industrial, mas de muita exploração, pobreza e fome. Esta afirmação é respaldada pelo fragmento que remete às primeiras memórias de Gemmy, quando ele era uma criança que trabalhava:

Quando ele ainda se achava no estágio larvar, Gemmy fora membro de um exército de criaturinhas miseráveis, meros fardos de trapos e de ar, mas dotados de mãos capazes de empunhar uma vassoura e fortes o bastante para empurrá-la, criaturas cujo trabalho, durante todas as horas em que havia luz do dia, consistia em rastejar nos vãos estreitos sob as máquinas de uma serraria e varrer a serragem para dentro de cuias de madeira (MALOUF, 2000, pp. 185 e 186).



[...when he was still at the maggot stage, he had been one of an army of little shitty creatures, mere bundles of rag and breath but with hands that could clasp a broom and strength enough to push it, whose job it was, for all the hours of daylight, to crawl about in the low place under the machines in a timber mill, sweeping sawdust into wooden pans (MALOUF, 1993, p. 146)].

Não há referências a pai, mãe, irmãos ou qualquer outro vínculo que pudesse representar família ou abrigo. Os fragmentos que permitem ao leitor reconstituir a trajetória dos momentos mais antigos da vida de Gemmy advêm das reminiscências que lhe surgem quando ele se depara com o cheiro de madeira que vinha de um pequeno gaveteiro que ficava no quartinho onde ele passou a ocupar na casa da sra. Hutchence. Inicialmente ele imaginou que o conteúdo das duas gavetas do móvel era o responsável pelo desconforto que sentia no quarto, porém descobriu, quando as duas mulheres da casa tiraram de lá os lençóis que ocupavam as gavetas, que era o cheiro da madeira que lhe trazia lembranças de um passado que o atormentava. Além do cheiro, havia constituição do espaço. Gemmy havia passado muito mais tempo dormindo ao relento, junto aos aborígines, ou debaixo de um telheiro, na casa dos McIvor do que num quarto. Algo diferente ocorria na casa da sra. Hutchence:

Assim o quarto começou a operar sua mágica sobre Gemmy. Suando entre as paredes, ele enveredou por um sono distinto do que conhecera no telheiro da casa dos McIvor e em seus anos com os negros, um sono que pertencia a uma vida diferente e engendrava demônios diferentes; do tipo que habita quartos (MALOUF, 2000. pp. 186 e 187)

[...So the room began to work its magic on him. Sweating between walls he entered a different sleep from the one he had known in the lean-to at the McIvors and in his years with the blacks, a sleep that belonged to a different life and produced different demons; the kind that live in rooms (MALOUF, 1993, p. 147)].

A memória de Gemmy sobre sua infância faz com que ele traga à tona outras crianças que exerciam a mesma função que ele, limpando a serragem no chão da fábrica. Ele se recorda do hálito dessas criaturazinhas, bem como do calor que sentia quando estavam todos bem próximos. A memória olfativa aguçada de Gemmy o fez recordar o cheiro e o sabor que tinha “a sujeira oleosa que se acumulava em torno da base das máquinas e da cabeça dos parafusos que as fixava no chão, sujeira que eles arrancavam com as unhas, misturada com serragem, e comiam” (MALOUF, 2000, p. 186) “[...the oily grime round the base of the machines and the boltheads that fixed them to the floor, which they picked out with their

nails, mixed with sawdust, and ate]” (MALOUF, 1993, p. 146). A memória desta ação remete à fome que ele deveria sentir e a má alimentação recebida.

Gemmy teve um “cuidador”, Willett, um homem que poderia ser definido como um patrão ou carrasco, mas era tudo o que Gemmy conhecia. Ele não sabia precisar o momento em que deixou de ser uma “larva”, juntamente com as outras crianças, a caminhar entre as bases das máquinas, e ganhou esta nova condição; questionava sobre elas: “Em que se haviam transformado quando, aos seis ou sete anos, Gemmy desvelou a forma de uma criança mirrada e subnutrida e se tornou o Menino de Willett?” (MALOUF, 2000, p. 186) “[...What had they turned into when, at five or six, he had discovered the shape of an ancient, undernourished child and become Willett’s Boy?]” (MALOUF, 1993, p. 146). Não há menção sobre como se deu o encontro dos dois ou a “adoção” efetuada por Willett, sabe-se dele algumas coisas, pelo que é apresentado nas reminiscências de Gemmy. Willett tem como profissão caçar ratazanas e sua atividade paralela é fornecer ratazanas para disputas. Seis dias por semana saem os dois para capturar ratazanas. As posses deste homem são um quarto, um cachorro, duas doninhas, um par de botas, uma panela preta e outros minguados bens. A função de Gemmy, além de acompanhar e ajudar Willett, é secar suas bocas, alimentar as doninhas e tirar as ratazanas do cesto nos dias em que elas são oferecidas nas disputas.

Gemmy também é posse de Willett e tudo o que o menino conhecia referia-se a este homem rude e violento: as botinas, as doninhas, o jarro de cerveja, a tira de couro para afiar navalha. “Ele era o menino de Willett, como as botas são as botas de Willett. Ele não possui nada de seu. Tudo que chega a ele vem por intermédio de Willett, até mesmo seu nome, Gemmy, que é como Willett o chama, quando não é apenas ‘Menino’” (MALOUF, 2000, p. 188). “[...He is Willett’s Boy, as the boots are Willet’s boots. He has nothing of his own. Everything that comes to him comes through Willet, including his name, Gemmy, which is what Willet calls him when he is not just ‘Boy’]” (MALOUF, 1993, p. 148).

No convívio com o caçador de ratazanas, Gemmy começa a construir uma identidade pessoal no mundo, embora tudo nela seja extremamente frágil e dependente de Willett, pois é a Willett que ele deve tudo o que tem. Ele tem o título de ‘menino de alguém’ enquanto muitos garotos nem isso têm. Gemmy é ainda nesse momento uma criança e até ao início de sua adolescência vive as condições impostas por Willett, uma pobreza que garante subsistência e um cuidado que é fonte de pragas, surras e ordens que não se pode questionar.

Afirmações do romance levam a compreender a relação de Gemmy com Willett como conflituosa e cheia de penas ao garoto, porém é neste contexto que se molda sua identidade e na ausência do conhecimento de outra condição, toma essa por ideal:

Não havendo conhecido outra vida melhor do que essa, ele não pode imaginar uma vida diferente. Willett proporciona a única migalha de calor humano que jamais lhe foi oferecida e, como ele não tem nada mais para amar, ama Willett com um ímpeto ardente, e também com o temor, que é o maior que conhece, de que ele venha a se perder, ou de que Willett possa vir um dia a abandoná-lo, levando consigo o mundo inteiro, tal como Gemmy o concebe (MALOUF, 2000, p. 188)

[...Having known no better life than this, he cannot imagine one. Willett provides the only bit of closeness he has ever been offered, and since he has nothing else to love, he loves him with a fierce intensity, a fear too, which is the greatest he knows, that he may get lost, or that Willett one day may abandon him, taking with him the whole world as he conceives it] (MALOUF, 1993, p. 148).

O mundo limitado conhecido por Gemmy não conseguiu se manter plenamente, em especial por conta dos maus-tratos e surras que ele levava, notadamente nos momentos de embriagues de Willett. Gemmy é um adolescente e sente que algo está mudando dentro dele, em relação ao que sente.

Numa noite, depois de ter se embriagado com Willett e levar uma surra como tantas outras, Gemmy toma uma atitude inesperada: varre um monte de sujeira para o centro do quarto onde dormem e ateia fogo. O fogo se espalha rápido, Gemmy tenta apagar, mas não obtendo sucesso, foge. É o dia que inaugura toda a mudança na vida de Gemmy.

“Pronto, pensa ele quando vê que o fogo pegou. Gemmy não saberia dizer o que tem em mente. Talvez nada. Está com onze ou doze anos e alguma natureza mais sombria começou a emergir dentro dele. Tem rancores” (MALOUF, 2000, p. 192) [... There, he thinks as he watches it catch. He could not say what he has in mind. Nothing perhaps. He is eleven or twelve years old and some darker nature has begun to emerge in him. He has resentment] (MALOUF, 1993, p. 151). É muito natural que Gemmy não saiba a razão exata de sua ação, porém é possível afirmar que a soma de rancores alcançou um patamar elevado que, unida à embriaguez do dia e a sua sensação após outra surra, estando ele no início de sua adolescência, indica um forte desejo de mudança, mesmo que não saiba o que virá em seguida.

A fuga de Gemmy leva-o para um lugar que não conhecia na cidade, além de todos os espaços geográficos que tinha ultrapassado até então. Num momento de descanso, em meio a fuga, um homem tenta colocá-lo dentro de um saco, mas ele foge novamente e se abriga num espaço que lhe parece uma caixa. Acorda com a claridade do sol da manhã e um marinheiro que o encontra e o levanta da caixa, tirando seus pés do chão. Estranha que atrás do jovem

marinheiro que o ergue não enxergue um horizonte de construções, mas algo cinza, esfumaçado: está num navio, no mar.

A sensação que toma conta de Gemmy, ao se encontrar no navio, é de estar perdido, tanto por ter se afastado de tudo que lhe era familiar quanto por estar longe do único ser humano que lhe servia de referência, acreditava ter fugido do mundo e que o mundo tivesse fugido dele:

Gemmy não pretendia sair pelo mundo afora. Não tencionava levar a cabo coisa alguma (...) havia se lançado a solta pelo mundo e o mundo fugiu também junto com ele; Gemmy estava perdido (...) um mundo do qual Willett tivesse desaparecido completamente era lago inconcebível para Gemmy (MALOUF, 2000, p. 194)

[...He had not meant to set himself loose in the world. He had not meant to end anything (...) he had cast himself loose and the world had run away with him; he was lost (...) a world from which Willett had entirely disappeared was inconceivable] (MALOUF, 1993, p. 153).

Esta nova fase na vida de Gemmy é apresentada em poucos parágrafos, porém salienta que mais uma vez ele foi alvo de maus-tratos e gastou suas energias e capacidade cognitiva com o único intuito de se manter vivo. São novas pessoas e convívios num espaço diferente, mas Gemmy não é acolhido, nem faz questão de ser percebido ou relevante, ele simplesmente sobrevive: “ele se fazia insignificante, tinha a barriga cheia, muitas vezes era humilhado e sofria coisas ainda piores na mão dos outros” (MALOUF, 2000, p. 195) “[...he made himself small, had a full belly, was often bullied and worse by the others]” (MALOUF, 1993, p. 154).

A duração desta condição de marinheiro é de aproximadamente dois ou três anos, Gemmy se lembrava de três diferentes navios onde estivera. Junto aos marinheiros aprendera a usar instrumentos de carpintaria com o carpinteiro de um dos navios e se recordava dos seus flageladores: Mosey e o Irlandês. Não existem muitas referências sobre essas duas personagens, mas é possível notar o quão marcantes foram as penas que eles aplicaram a Gemmy no período em que ele esteve no navio, pois as mesmas passaram a fazer parte dos pesadelos mais incômodos do jovem.

Numa das viagens do último navio em que esteve, Gemmy adoeceu e foi abandonado na costa australiana. O jovem estava com a saúde severamente comprometida, a ponto de não se importar com nada do que lhe acontecia, tudo que se recorda deste momento são algumas visões e sensações, como que a marca de outro processo de passagem em sua vida, mais uma perda:

Lançaram-no para fora do navio; ele se afastou da sombra do barco que oscilava e rangia acima dele, para longe da sua frieza, para longe dos rostos na amurada. Ardendo de vida lá embaixo, Gemmy sentiu o sol ir embora de um salto, uma chama solitária. Tudo o que ele sabia se reduzia a um ponto preto que tremulava em seu crânio (MALOUF, 2000, p. 195)

[...they put him overboard; he moved out of the shadow of the ship that tilted and creaked above him, out of its coolness, away from the faces at the rails. Burning alive down there, he felt the sun leap out, a single flame. All he had known shrank to a black dot jiggling in his skull] (MALOUF, 1993, p. 154).

É desta ação impingida pelos marinheiros que emerge a nova condição de vida de Gemmy junto aos nativos. Ele foi encontrado na praia por um grupo de mulheres e crianças. Inicialmente não sabiam do que se tratava, era algo estranho: “O que era isso? Uma criatura do mar de um tipo que nunca tinham visto, saída dos abismos além do recife? Um espírito, do tipo mais fraco, que voltara dos mortos e renascera só pela metade?” (MALOUF, 2000, p. 34) “[...What was it? A sea-creature of a kind they had never seen before from the depths beyond the reef? A spirit, a feeble one, come back from the dead and only half reborn?]” (MALOUF, 1993, p. 22). Assim pensavam dada a brancura de sua pele e as “cascas” que recobriam seu corpo.

A fraqueza que sentia por conta da doença não permitia que ele esboçasse reação alguma, mesmo que seus olhos estivessem inchados, suas narinas ressecadas, seus lábios e sua garganta sem umidade; mesmo que o sol lhe queimasse a pele e os olhos, o sal do mar irritasse seus ferimentos e os siris tomassem conta de seu corpo, não havia reação da parte de Gemmy.

Nesta condição extremamente precária é encontrado e não se importa com nada, ele estava apenas vendo um grupo grande de mulheres e crianças que se dispunha ao seu redor; o que sente é que está, mais uma vez, perdido: “Ele olhou para aquela gente. Que fizessem com ele o que bem entendessem (...) O que ele pensou, foi: estou perdido outra vez, mais perdido do que nunca. Não é o que eu esperava” (MALOUF, 2000, p. 35) “[...He watched them. Let them do what they would with him (...) What he thought was: I am lost again, more lost than ever. It is not what I expected]” (MALOUF, 1993, p. 23).

Mesmo na condição inusitada vivida naquele momento, os aborígenes conseguiram notar alguma familiaridade entre seus corpos e o corpo de Gemmy; ainda assim estavam perplexos. Ofereceram-lhe água e Gemmy pouco depois estava na sombra, mas sem saber se havia se arrastado até ela ou se lhe haviam levado. Com a chegada da noite Gemmy avistou

uma fogueira ao redor da qual os nativos se reuniam. Com muita dificuldade conseguiu se mover até onde estavam e fazendo algumas mímicas conseguiu alimento.

Ele se retorceu até conseguir sentar e ficou ouvindo a respiração suspirante dos outros. Tombando para a frente, se pôs de quatro; depois, com esforço e cambaleando para se pôr de pé, estendeu as mãos para a frente e começou a se lamuriar conforme o que, muito tempo antes, aprendera ser um modo de inspirar pena (...) jogaram-lhe restos de comida em sua direção (MALOUF, 2000, p. 36)

[...He squirmed into a sitting position and heard the gasp of their breath. Dropping forward, he raised himself on all fours; then, with an effort, staggering upright, held his hands out and began to whine in what he had learned, long ago, was a piteous manner (...) they tossed him scraps] (MALOUF, 1993, p. 24-25).

Os primeiros momentos foram tensos. Para Gemmy, que se encontrava debilitado e não tinha forças para reagir ou expressar fortes sentimentos, o alarde sentido não ficou evidente, mas para a comunidade aborígine que se deparava com um ser tão diferente que os deixava intrigados havia motivo de algum receio. Os dias seguintes foram para Gemmy de tentativa de inserção ao grupo. Ainda sem saber exatamente o que fazer ou como agir, Gemmy seguia-os e tentava conseguir alimentos. A resistência vinda dos nativos foi pequena e não continha violência, expressava-se num empurrão, na recusa de partilhar alimentos ou partilhar os menos “interessantes” por pura piedade. A passagem do tempo trouxe a assimilação da nova condição:

Apoiando-se numa sagacidade que era, nele, instintiva e se havia aprimorado no confronto com circunstâncias mais difíceis do que aquelas, ele se deixou integrar num mundo que, embora no início o tenha alarmado por seu aspecto selvagem, não apresentou nenhuma diferença essencial com relação ao seu mundo anterior, pois tudo o que havia, dia após dia, eram trilhas quentes sobre pedras, picadas de insetos, noites em que se era obrigado a rastejar para debaixo de toras de madeira, enquanto a chuva empapava tudo, e longos períodos de trabalho entre uma chance e outra de encher a barriga (MALOUF, 2000, p. 38)

[...Relying on a wit that was instinctive in him and had been sharpened under harder circumstances than these, he let himself be gathered into a world which, though he was alarmed at first by its wildness, proved no different in essence from his previous one, for all that it was, day after day, hot tracks over stone, and insect bites, and nights when you had to creep in under logs while the rain slushed, and long spells between one bellyful and the next] (MALOUF, 1993, p. 26).

Superadas as dificuldades iniciais, Gemmy passou a assimilar o que era próprio da cultura nativa: língua, alimentação, formas de cultivo, religião. Havia pequenas restrições específicas a Gemmy, mas ele foi aceito no grupo, incorporando a condição de vida que era própria dos aborígenes.

Era aceito pela tribo, mas com precaução; no jeito gozador, meio apreensivo, próprio para lidar com uma criatura intermediária. Nenhuma mulher, por exemplo, queria ter alguma coisa a ver com ele, e existiam muitos objetos no acampamento que ele era proibido de tocar. A vida daquela gente era uma rede emaranhada de direitos e proibições; todos tinham objetos, e também pessoas, que lhe eram vedados; mas as restrições referentes a ele eram só suas, e o isolamento que sentia, sua posição duvidosa na tribo, mantinha vivo nele aquilo que, de outro modo, ele talvez tivesse deixado se perder (MALOUF, 2000, p. 40)

[... He was accepted by the tribe but guardedly; in the droll, half-apprehensive way that was proper to an in-between creature. No woman, for example, would have to do with him, and there were many objects in the camp that he was forbidden to touch. Their life was cat's cradle of rights and restrictions; they all had objects, people too, that they must not look upon; but the restrictions on him were his alone, and the separation he felt, his questionable status, kept alive in him what he might otherwise have let go] (MALOUF, 1993, p. 28).

Gemmy percebia sua condição, sentia-se acolhido e seguro entre os aborígenes, percebia, porém, que havia algo a mais em sua história de vida, algo que talvez pudesse ser resgatado ou trazido à tona. Para ele eram as palavras que ele sabia quando chegara ali que continham esse poder e como ele havia esquecido tais palavras, não podia fazer real a presença deste outro Gemmy que ele acreditava trazer dentro de si. Nessa visão de Gemmy, a língua é o fator principal para a construção da identidade.

Foi ante esse desejo de reencontrar algo que também fazia parte de sua vida que Gemmy resolveu sair à procura dos “espíritos de cara branca, cobertos de casca da cabeça aos pés e montados em feras de quatro patas mais altas do que um homem” (MALOUF, 2000, p. 41) “[...spirits white-faced, covered from head to foot in bark and riding four-footed beasts that were taller than a man]” (MALOUF, 1993, p. 29). A busca de Gemmy ocorreu de maneira espontânea e sem alardes, mas ele procurou ajuda para seguir por caminhos que não conhecia. Pouco a pouco ele foi encontrando algumas coisas que lhe eram familiares: peças de roupas dependuradas em varais, ferramentas, uma cabana, estrume de cavalo, restos de comida jogados para alimentar galinhas e, finalmente, pode ouvir palavras e estas marcaram definitivamente o reencontro com aquilo que lhe fora próprio anos atrás.

Os fragmentos que Gemmy foi encontrando reforçaram a ideia de que havia dentro dele uma outra pessoa ou espírito. A duplicidade de seu próprio ser, surgida a partir da hibridização cultural, trazia para ele o desejo de encontrar elementos das duas culturas, mas de uma forma instintiva e repleta de elementos da religiosidade aborígene e dos sonhos e reminiscências que o acompanhavam.

O auge das experiências de reencontro de Gemmy se deu quando ele provou da comida que foi jogada por uma mulher para alimentar as galinhas: “o sabor, a estranheza, a familiaridade o entonteceram. A criatura cujos sonhos ele compartilhava subiu à tona de um só golpe” (MALOUF, 2000, p. 44) “[...the taste of it, the strangeness, the familiarity, dizzied him. The creature whose dreams he shared came right up to the surface of him]” (MALOUF, 1993, p. 31). Era muito profundo em Gemmy o desejo de reconhecer as palavras que eram ditas pelas pessoas diferentes – porém parecidas com ele – que agora encontrara:

Se conseguisse trazer as palavras para dentro de si, como fizera com aquela papa encharcada, a criatura ou o espírito, ou o que quer que fosse, subiria à tona e as apanharia. Eram as palavras de que ele precisava tomar posse. Eram as palavras que iriam reconhecê-lo. Ele não queria ser trazido de volta. O que queria era ser reconhecido (MALOUF, 2000, p. 46)

[... if he could get the words inside him, as he had the soaked mush, the creature, or spirit, or whatever it was, would come up to the surface of him and take them. It was the words he had to get hold of. It was the words that would recognize him. He did not want to be taken back. What he wanted was to be recognized] (MALOUF, 1993, p. 32).

É nesta perspectiva do desejo de ser reconhecido e de reencontrar algo dentro de si que Gemmy sai a procura dos seres semelhantes ao Gemmy anterior. Nestas condições ele avista as crianças dos McIvor, membros da comunidade escocesa na Austrália, e vai ao encontro delas.

Gemmy corre ao encontro das crianças, que no momento brincavam perto do cercado. O garoto do grupo, Lachlan, empunha um pedaço de madeira como manifestação de defesa e Gemmy diz sua primeira frase em sua língua materna, depois de tanto tempo: “não atire – gritou. – Sou um objeto ing-g-g-glês” (MALOUF, 2000, p. 10) “[...‘do not shoot,’ it shouted. ‘I am B-b-british object!’]” (MALOUF, 1993, p. 03). A tradução não dá conta de expressar o conflito trazido pela expressão usada por Gemmy. Ele se auto-designa “object” (objeto) ao invés de “subject” (sujeito). Segundo Randal (2007, p. 129) isso propõe-no como uma versão particularmente problemática do objeto instável importado e altamente negativa dos termos de posse territorial. Tal condição é fruto da instabilidade gerada pelo encontro, no qual a



heterogeneidade dos sistemas culturais presentes é muito evidente. Gemmy não se reconhece como sujeito e sua primeira fala é o paroxismo dessa negação de si, mas dentro do romance as implicações do ser “objeto” são reforçadas a maior parte do tempo.

O medo de um ataque promovido pelos nativos povoava a mente de todos na comunidade, inclusive das crianças. Foi pensando nessa possibilidade que Lachlan resolveu criar algum tipo de defesa, mas quando percebeu que se tratava de apenas um único indivíduo, perdeu o medo e assumiu uma postura de autoridade sobre Gemmy, levando-o até seu tio Jock. Em seguida, Gemmy foi levado para a parte central da comunidade de colonos, onde todos se concentraram para ver a “novidade” encontrada pelas crianças. “Uma hora depois, a novidade havia se espalhado por todo o povoado. Uma multidão se reunira para ver aquela espécime de... de quê? O que era ele?” (MALOUF, 2000, p. 12) “[...An hour later news of the affair had spread all through the settlement. A crowd had gathered to see this specimen of – of what? What was he?]

A chegada de Gemmy à comunidade despertou a curiosidade de todos, causou espanto, admiração e, ao mesmo tempo, uma sensação de impotência, pois não sabiam o que fazer e como agir. Deparar-se com alguém tão diferente deles mesmos e ainda assim parecido, no que se refere à origem, era incômodo. Muitos adjetivos são usados para tentar definir Gemmy e em todos é reforçada a comiseração e o distanciamento:

O homem (Gemmy) continuava parado, esperando. O quê? Que algum deles começasse alguma coisa. Mas por onde se *podia* começar com um sujeito estranho e incivilizado que, afora o que Lachlan o ouviu gritar, não dizia uma palavra que se pudesse entender na língua inglesa; um desgraçado, de dar dó, com a cara coberta de lama, todo nervoso, que parecia espantado de ver aquelas pessoas ali – como se *elas* é que fossem a curiosidade – e não parava de rir e piscar os olhos. Era um homem que havia sofrido um bocado (...) Ele tinha o ar perplexo, meio na expectativa, de um vira-lata que foi chicoteado muitas vezes, mas ainda assim, movido por algum fundo de esperança tola, se volta para o mundo como uma fonte tanto de restos de comida como de tormentos. (MALOUF, 2000, p. 15)

[...Meanwhile the man stood waiting. For what? For one of them to start something. But where *could* you start with an odd, unsettled fellow who, beyond what the boy Lachlan had heard him shout, had not a word you could make sense of in English tongue; a pathetic, muddy-eyed, misshapen fellow, all fidgets, who seemed amazed by them – as if *they* were the curiosities here – and kept laughing and blinking. He was a man who had suffered a good deal of damage (...) He had the baffled, half-expectant look of a mongrel that has been often whipped but still turns to the world, out of some fund of foolish expectancy, as a source of scraps as well as torments] (MALOUF, 1993, p. 7-8).

Como alvo do olhar e da atenção de uma pequena aglomeração, Gemmy se expressa de forma a fazê-los saber algo sobre ele: nome, sobrenome, idade, de onde tinha vindo, como fora parar ali. Estabeleceu-se um jogo de adivinhação, todos palpitavam ante os gestos e as poucas palavras que Gemmy conseguia dizer e que construíram sua apresentação inicial.

A pessoa com maior facilidade em compreender o que Gemmy queria dizer era Lachlan, por sua natureza esperta e sagaz e também por um tipo de vínculo firmado entre os dois desde o primeiro instante, no encontro inicial perto da cerca. Lachlan era o “rapazinho esperto” que entendia Gemmy, porém, fazia disso um instrumento de poder e de exibicionismo ante os adultos. Seu desejo de ser notado e reconhecido incomodava.

A exposição de Gemmy gerou mudanças no comportamento das pessoas, que estavam excitadas com a possibilidade de alguma distração, “as distrações eram coisa rara por ali” (MALOUF, 2000, p. 12) [...Distractions were unusual up here] (MALOUF, 1993, p. 5). Jovens se divertiam ao tentar acertar o que Gemmy queria dizer, adultos riam, debochavam e falavam alto e as crianças, sensíveis a essa grande mudança operada em tão pouco tempo, “perguntaram se algum novo código de regras estaria em funcionamento e se a chegada daquele aborígine não significaria o começo de uma situação nova” (MALOUF, 2000, p. 24) “[...wondered if some new set of rules was in operation, and this blackfeller’s arrival among them was to be start of something]” (MALOUF, 1993, p. 15). A única experiência que as crianças conheciam de reuniões comunitárias acontecia na igreja, aos domingos, ou quando convocadas pelo pastor Frazer.

Neste momento inicial de contato com o “branco-negro” lhe são atribuídos muitos adjetivos, tanto para qualificá-lo em sua aparência física, quanto para defini-lo como alguém em estado de inferioridade. Também começam a ser delineadas as diversas posturas tomadas ante o jovem naquele espaço comunitário em formação.

Os demais fatos ocorridos após a acolhida de Gemmy na comunidade, especificamente com a família McIvor, já estão narrados na seção dedicada à fábula do romance. Foram alguns poucos episódios de acolhida e respeito à alteridade e muitos outros de desconfiança e violência. Por fim Gemmy abandona a comunidade. Sua saída e presumível retorno à tribo aborígine destaca a falha na tentativa de uma convivência pacífica com a diferença. A última notícia que Lachlan conseguiu obter de seu amigo foi que tivesse sido morto, poucos anos depois de sua saída da comunidade, num ataque empreendido por colonizadores contra um grupo de nativos.

### 3.2.2 Discussão

Os fatos apresentados sobre a origem de Gemmy salientam a pobreza e as privações a que ele fora submetido desde a mais tenra infância: trabalhando junto a outras crianças numa fábrica e depois sendo criado por um sujeito de postura ambígua em relação ao menino.

A construção da identidade de Gemmy, neste período, se dá de forma muito frágil, pois não é possível afirmar que ele tenha tido autonomia ou agência voltadas para algo que era próprio de si, todas as suas ações e a percepção que possuía sobre o mundo estavam direcionadas à pessoa que lhe provia: Willett. A presença de Willett é tão marcante que após a sua primeira e única ação que representou agência e autonomia – botar fogo na casa e fugir, apesar da inconsciência da força transformadora dessa atitude, Gemmy passa a ser assombrado constantemente com a lembrança de Willett. Durante sua fuga, imagina se Willett não o encontraria; no navio acontece a mesma coisa e até quando é abandonado doente na costa leste australiana se questiona se não seria o momento de ser encontrado por Willett.

Gemmy foi extremamente objetificado em toda a sua trajetória de vida, especialmente no início, quando formava sua personalidade. Tratado como um servo de Willett e não tendo conhecimento de nenhuma outra possibilidade, acreditava estar bem provido. Apesar disso, o excesso de pressão e a constância das surras e maus-tratos, no início de sua adolescência, levam-no a uma ação inesperada, porém, não inédita em se tratando de obras literárias. Exemplo semelhante é encontrado em dois romances que apresentam o fogo como forma de revide e demonstração de agência por parte de pessoas submissas e rechaçadas. Trata-se do romance *Jane Eyre*, escrito em 1847 por Charlotte Brontë, que foi reescrito através do romance *Wide Sargasso Sea*, da escritora dominicana Jean Rhys, publicado em 1966. No primeiro a personagem Bertha Mason, trancafiada num quarto por ser considerada louca, põe fogo na casa; no segundo, a personagem Antoinette Cosway, que pode ser considerada uma reescritura de Bertha, passa a ser a protagonista e ter os fatos narrados através de seu ponto de vista: realiza o ato de incendiar a casa para demonstrar sua força de revide contra os seus opressores.

Em *Remembering Babylon* tem-se um personagem masculino, mas a circunstância de acúmulo de situações opressivas é muito semelhante e a ação violenta é um revide. Gemmy, ao atear fogo ao quarto que servia de abrigo a ele e a Willett, está destruindo tudo que até então lhe causou sofrimento, mesmo que de forma inconsciente.

A relação de amor e ódio estabelecida com Willett faz com que Gemmy deseje o reencontro, mas ao mesmo tempo o tema. Willett com sua voz forte e seus cabelos e

sobrancelhas grandes, vermelhas e cerradas assombra Gemmy, que sempre associa sua imagem e seu retorno com alguma fuga em que seria encontrado: “Ah, então é aí que você se escondeu?” ou com o cheiro de fumaça, remetendo ao momento em que ele pusera fogo no quarto onde viviam, fugindo em seguida.

A dificuldade em estabelecer algum tipo de autonomia na vida de Gemmy também acontece durante os dois ou três anos em que ele esteve no navio. Lá Gemmy aprende algumas poucas coisas, mas tem sempre em mente os flagelos que Mosey e o Irlandês lhe aplicavam. Gemmy fez-se diminuído ante todos no navio, ou seja, queria apenas sobreviver, alimentar-se e tentar abrandar os maus-tratos. Diante de tal condição ele não tinha voz, não expressava o seu sentir e não era capaz de desenvolver nenhum tipo de potencial que lhe fosse peculiar.

No período em que Gemmy esteve no navio não é possível encontrar nada que remeta a uma possibilidade de autonomia ou reconhecimento de sua alteridade. Ele foi mais uma vez objetificado, usando como recurso de sobrevivência a diminuição de si, fazendo-se pouco perceptível à tripulação do navio, até o momento em que adoece e é lançado fora da embarcação, abandonado na costa leste australiana.

A invisibilidade que Gemmy reputou a si mesmo garantiu-lhe a sobrevivência e foi a maneira encontrada para manter a sua integridade, que se encontrava tão fragilizada na condição de órfão, fugitivo e desvinculado. Bhabha (2005, p. 79) afirma que a invisibilidade é uma forma de negação da identidade e uma impossibilidade de reivindicar uma origem para o Eu (ou o Outro), especialmente quando a cultura nos afirma que a identidade existe ante uma visão total do sujeito. A invisibilidade de Gemmy é situação perene: do nascimento à vida adulta não reconheceram-no enquanto indivíduo autônomo ou capaz e sua presença, pouco importante, nalgumas vezes foi ignorada e noutras relegada à marginalidade.

A postura de Gemmy e a relação estabelecida entre ele e os demais neste momento de sua vida representa uma aniquilação, ou seja, reduzir a nada ou anular qualquer ação ou postura que lhe desse visibilidade ou demonstrasse a sua vontade ante os outros. No pós-colonialismo atitudes como essa são desejáveis e promovidas por parte dos colonizadores ou daqueles que exercem opressão sobre outros. O não reconhecimento introduzido pela aniquilação reduz a condição de humanidade:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua

realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida (FANON, 2008, p. 180).

A necessidade de ser reconhecido ultrapassa os valores de status, mas encontra resposta na necessidade de se sentir humano e descobrir sentido para a existência. A negação destes valores na vida de Gemmy torna-o um indivíduo com extrema dificuldade de firmar sua identidade entre os brancos.

Quando do encontro com os aborígenes australianos, Gemmy temeu profundamente estar mais perdido do que nunca, numa parte do mundo que ele jamais imaginara existir. Os nativos e a terra lhe pareceram selvagens, mas sua adaptação veio em pouco tempo e ele passou a assimilar os costumes desse povo. Apesar das restrições que lhe foram impostas, é apenas neste momento que Gemmy se sente mais seguro e não sofre ameaças ou violência.

As ações violentas contra Gemmy foram muito constantes. De acordo com Randall (2007, p. 135) é precisamente a violência que marca a experiência da cultura inglesa na vida de Gemmy e faz sua identidade inglesa inassimilável. A violência que ele encontra na comunidade de colonizadores consolida a constitutiva quebra de sua personalidade, ao invés de repará-la. As formas de cultura inglesa e anglo-céltica primeiro provocam e depois mantêm a divisão que existe na mente de Gemmy, divisão esta que se expressa quando ele acredita que existam dois Gemmys.

Talvez seja possível afirmar que é apenas entre os nativos que Gemmy constitui um tipo de identidade verdadeira, assumindo – ainda que de maneira frágil – agência e autonomia. A integração de Gemmy ao grupo confirma-se pela assimilação da língua, dos costumes, das habilidades e mesmo dos aspectos místicos e religiosos.

A assimilação cultural ocorrida neste período da vida do protagonista revela o quão favorável à sua agência foram os indivíduos com os quais convivia. É através da agência que os sujeitos podem realizar ações e reações ante as condições de sua vida e do mundo. Ashcroft et al. (1998, p. 8) afirma que “(agency) hinges on the question of whether individuals can freely and autonomously initiate action, or whether the things they do are in some sense determined by the ways in which their identity has been constructed” [...]“(agência) depende da questão de como individualmente é possível livre e autonomamente iniciar a ação, ou como as coisas feitas são de alguma maneira determinadas pela forma com a qual sua identidade tem sido construída”].

A oposição entre a condição vivida por Gemmy até então junto a indivíduos brancos e a nova situação entre os nativos leva a questionar quais foram os fatores que determinaram a mudança ocorrida.

Estando entre os nativos, Gemmy sente segurança, pois após o período de adaptação, que segundo ele próprio afirma, não havia sido tão difícil, estava incorporado aos demais. A adaptação de Gemmy evidencia a qualidade de sua personalidade, aberta ao diferente e adaptável. Gemmy não fez de sua identidade de europeu um empecilho para uma nova configuração, não atribuiu diferenças hierárquicas e nem se colocou em condição superior ou inferior. Também não recebeu dos nativos uma categorização que demonstrasse “classificação” de seu status. O que pode ser observado nesta situação na vida de Gemmy é o que Ashcroft et al. (1998) chama de “going native”, ou seja, uma absorção da vida e dos costumes nativos. O autor aponta que essa condição representa um medo para os brancos, pois é uma “contaminação” vinda de uma cultura “degenerada”, ante a oposição binária colonizador/colonizado. De fato, Gemmy é rejeitado pelo medo que a comunidade branca sentia dele, porém, no convívio com os aborígenes, assimilar os costumes foi condição de agência e de construção de identidade.

Apesar do convívio sem conflitos, havia em Gemmy o profundo desejo de trazer de volta algo que lhe havia pertencido, ou seja, fragmentos da cultura de sua terra natal que ele pode reconhecer nos murmúrios sobre presenças estranhas nas terras daquela região. Gemmy sabe que não se tratam de espíritos ou demônios, mas de pessoas vindas de outros lugares, assim como ele.

A razão para que Gemmy tenha o desejo de ir ao encontro daquilo que lhe havia pertencido culturalmente e empreenda uma busca relaciona-se à condição de sujeito híbrido. Para Bhabha (2005, p. 301) é na condição híbrida que se encontra o “futuro intersticial que emerge *no entre-meio* entre as exigências do passado e as necessidades do presente”. É um deslocar-se da condição marcada de ser *um* ou *outro* para se tornar algo que está além e se situa num intervalo. Gemmy sabe que agora possui as duas condições e não é afetado em seu bem-estar por essa razão, apenas anseia buscar reconhecimento ante os brancos.

A busca empreendida por Gemmy para se encontrar com essas pessoas não é uma recusa da sua condição de vida entre os nativos, mas o desejo de conciliar algo que ainda existia nele, ser reconhecido por aquilo que se tornara e por aquilo que havia sido e entre os “sinais” que foi encontrando da presença dessas pessoas diferentes no continente, as palavras são as que parecem ser mais fortes, acreditava que seria através das palavras de sua língua materna, retornando para sua boca, que conseguiria trazer à tona tudo o mais que constituía o

Gemmy que ele havia sido. Gemmy busca o bilingüismo, que segundo Memmi (1977) é necessário e condição de toda a comunicação, porém, é ainda a constatação do quão marginalizada é a língua do colonizado. Gemmy quer reconquistar a língua inglesa que lhe havia pertencido na infância – capaz de lhe conceder espaço entre os brancos e fazê-lo reconhecido.

No momento em que Gemmy recebe a visita de dois homens aborígenes, depois do encontro com a comunidade branca e quando já havia “se adaptado” aos colonizadores escoceses, além de viver um processo revitalizador, ante sua saúde debilitada, estava sendo convidado a retornar para a tribo. O narrador do romance afirma: “Vieram chamá-lo de volta; mas com delicadeza, trazendo algo para nutrir seu espírito” (MALOUF, 2000, p. 151) “[They had come to reclaim him; but lightly, bringing what would feed his spirit”] (MALOUF, 1993, p. 118). Gemmy era bem aceito e querido entre eles, adaptara-se bem, encontrara refúgio, proteção, além de ter tido a oportunidade de ser respeitado, mesmo em suas diferenças. Receber a visita e o sutil convite para voltar atesta estes fatos.

Viver entre os nativos, para Gemmy, foi a adaptação que lhe rendeu mais modificações, mas ao mesmo tempo salienta-se a necessidade de sobrevivência através da busca diária por alimentos e da manutenção básica do abrigo, nada diferente dos períodos anteriores; no convívio com os outros situam-se as diferenças mais acentuadas, pois alcança-se uma condição de aceitação até então não conhecida por ele, especialmente no que se refere as atitudes pacíficas.

O momento posterior, de reencontro com sujeitos europeus, traz de volta a Gemmy a condição de submissão e marginalidade. Agora há um convívio muito mais amplo e diferentes personagens que agem com aceitação plena, aceitação condicionada ou fechamento e recusa total.

O colonizado se aceita e se afirma, se reivindica com paixão. Mas, que é ele? Certamente não o homem em geral, portador dos valores universais, comuns a todos os homens. Precisamente ele foi excluído dessa universalidade, tanto no plano do verbo como de fato (MEMMI, 1977, p. 115).

A condição particular de Gemmy, nem branco, nem “negro”, mas culturalmente híbrido, não consegue ser assimilada pela comunidade de colonizadores escoceses, apresenta-se como uma perturbadora semelhança e ao mesmo tempo uma marcante diferença que causa repulsa. O híbrido é desconcertante:

A voz de controle é interrompida por perguntas que surgem desses espaços e circuitos de poder heterogêneos que, embora momentaneamente “fixados” no alinhamento autorizado de sujeitos, devem ser continuamente re-representados na produção do terror ou do medo. A ameaça paranóica do híbrido é finalmente impossível de ser contida porque destrói a simetria e a dualidade dos pares eu/outro, dentro/fora. Na produtividade do poder, as fronteiras da autoridade – seus efeitos de realidade – são sempre assediados pela “outra cena” de fixações e fantasmas (BHABHA, 2005, p. 168).

Para Bhabha o híbrido é uma ameaça à ordem vigente, numa concepção binária de todas as relações e possibilidade que o mundo apresenta, o indivíduo neutro está no “entre-lugar”, no espaço em que a caracterização não pode ser comum. Como é uma condição ameaçadora, desconhecida, causa medo e o medo gera a negação, a repulsa e a violência.

Ao jovem “branco-negro” não são possíveis relações igualitárias, ele é o diferente, o que causa estranheza e o que está tolhido de direitos. Ações de recusa frequentes e alguma aceitação marcam sua vida na comunidade de colonizadores escoceses. Cada um dos grupos que representa esse tipo de ação em relação a Gemmy merece uma avaliação particular, para evidenciar as condições que levam ao estabelecimento da identidade de Gemmy, bem como a alteridade que existiu nesse convívio.

A postura que a comunidade de colonizadores escoceses na Austrália assume em relação a Gemmy, na maioria das vezes levou à objetificação. Logo no início, quando Gemmy chegou na comunidade, foi alvo de um questionário e todos os adjetivos atribuídos a ele pelo senso comum diminuía-mo, fazendo dele a figura rejeitada e marginalizada, o pobre e infeliz aborígine e selvagem. Acrescido a esse aspecto surgiram as atribuições de ameaça, como se Gemmy possuísse uma ligação muito profunda com os nativos e que essa qualificação tornava-o uma constante intimidação, tanto pelos aspectos espirituais e místicos, que amedrontavam os colonos, quanto pela ameaça física, caso Gemmy fosse um espião dos “negros” a preparar terreno para um ataque.

Ao grupo que objetificava Gemmy e o via como ameaça pertencem as famílias Mason e Corcoran. Jim Sweetman e sua família, apesar da indiferença salientada nas falas de ações do ex-ferreiro, que sempre se colocava numa posição de autoridade moral frente aos demais, podem ser classificados como sujeitos com uma atitude intermediária entre aceitar e recusar a presença de Gemmy. É sabido que ele tenha estabelecido uma postura de “boa vizinhança” com os nativos em geral.

As terras de Jim Sweetman eram das mais isoladas no povoado. Os seus extremos faziam parte dos tradicionais territórios de caça dos nativos e, em certas estações, no jeito esquivo de homens cuja mente não se pode



alcançar, eles ainda cruzavam a região, em completo silêncio na maior parte das vezes. Jim não tinha atritos com eles (MALOUF, 2000, p. 130)

[...His own property was one of the most isolated in the settlement. The edges of it were part of the blacks' traditional hunting ground, and at odd seasons, in the shadowy way of those whose minds you cannot touch, they still passed through it, quietly for the most part. He had no quarrel with them] (MALOUF, 1993, pp. 100 e 101).

Há também o grupo que tratava Gemmy com dignidade e reconhecia nele a condição de sujeito. Assim o fazem os membros da família McIvor - incluindo o menino Lachlan Beatie - , a senhora Hutchence e Leona e o pastor Frazer. O professor George Abbot, apesar da recusa e do afastamento inicial, acabou por reconhecer em Gemmy muito mais de si mesmo do que ousara imaginar.

A aceitação vinda deste grupo de moradores permite colocá-los na perspectiva de sujeitos que estavam dispostos a aceitar aquilo que se propunha como diferente, como uma possibilidade de convívio com o híbrido cultural. Estavam dispostos a construir uma comunidade aberta à hibridização e dispunham-se eles mesmos a sofrer alterações advindas da influência mestiça.

Aceitar o outro é também permitir que ele contribua na configuração identitária do eu. “O sujeito humano tem consciência de si e determina-se como realidade oposta a outras realidades com as quais se relaciona historicamente, com a possibilidade de entendê-las e transforma-las como ser de cultura que ele é em sua inconfundível natureza” (SIDEKUN, 2003, p. 238).

É curioso observar na narrativa que existe uma identificação forte entre Gemmy Fairley, Lachlan Beatie e o professor George Abbot. A personalidade em formação destas três personagens é apresentada na narrativa e em todos eles é marcante a vivacidade, a sagacidade e a perspicácia. Aos três é utilizado o adjetivo “menino esperto”. Talvez seja por isso que Lachlan se identifique com Gemmy desde o início e Gemmy nutra por ele um carinho especial e, pelo mesmo motivo, George, cheio de relutâncias contra a sua condição naquele continente, inicialmente recuse a figura e a presença de Gemmy, mas depois passe a ver em Gemmy muito de si próprio, identificando-se com a pele de Gemmy e reconhecendo a humanidade do jovem, tão parecida com a sua própria. No romance, há algumas palavras que definem a “epifania” do professor Abbot : “foi a isso, a pele, a que George afinal desceu, a partir do reino dos nobres sentimentos” (MALOUF, 2000, p. 226) [...that, the skin, is what he had come down to from the realm of noble sentiments] (MALOUF, 1993, p. 180). Sentir uma familiaridade entre sua própria pele e a pele de Gemmy rendeu ao professor, mesmo que tarde

demais para poder usufruir dessa condição, a possibilidade de aceitação e de respeitar a alteridade de Gemmy, colocando a condição humana do rapaz acima dos preconceitos e estereótipos vigentes.

Gemmy é o sujeito híbrido na comunidade amedrontada e insegura sobre o futuro. Ainda que de forma inconsciente, todos escoceses agora vivendo na Austrália questionavam-se sobre qual seria seu destino, tanto cultural quanto biológico. A extrema aversão à possibilidade de uma hibridização biológica fazia com que eles rechaçassem qualquer aproximação de nativos. Esta atitude é comum nas comunidades de povoadores que se pautam em valores de uma superioridade europeia em oposição a outras culturas e nações, sempre mencionadas como inferiores.

Ser sujeito híbrido ou mestiço culturalmente, segundo Abdala Jr. (2004, p. 11) é “resultado de um grande processo de deslocamentos e de justaposições que rompem com as concepções fixas, sedentárias”. A afirmação conceitua positivamente a hibridização. Porém, esta mesma condição não é aceita junto aos que propagam a fixidez identitária como garantia de pureza e superioridade.

A narrativa de *Remembering Babylon* sempre constitui a condição em que acontecem certos eventos e no momento em que aquela comunidade de colonos escoceses se encontra com Gemmy, a narrativa trata exatamente da quantidade de temores e medos, privações e dificuldades que experimentam as pessoas do lugar. O olhar que remetem ao jovem não pode estar filtrado de seus temores, pois estes haviam chegado com eles ali, por tudo que haviam ouvido sobre terras selvagens, pela cultura que herdaram e pelas dificuldades que sentiam na pele.

Como a comunidade de escoceses na Austrália vive privações e está rodeada de medos e inseguranças, observa-se uma recusa ainda maior do diferente. Por tal razão, o incomum Gemmy encontra tamanha dificuldade em ser aceito. Ele representa alguém com profundo conhecimento da natureza aborígine, bem como da geografia do espaço, da cultura e da forma de sobrevivência. Poucos viram nele um aliado para contribuir na construção da comunidade e um modelo da condição cultural a que estavam sujeitos e iriam assimilar com o passar dos anos, caso oportunizassem uma interação com a comunidade nativa.

Gemmy, como metáfora da população que a Austrália poderia ter dali a alguns anos, é recusado. Os espaços para trocas culturais foram poucos e limitados a algumas pessoas, e estas realmente foram beneficiadas pela abertura realizada. Todos aqueles que se fecharam ao diferente, ao jovem aborígine, recusaram participar de uma mudança e agiram de forma violenta ou indiferente, mas, principalmente, perderam a oportunidade de conhecer algo novo

em suas vidas, ou seja, uma pessoa que já havia vivido a experiência daquela terra e daquele ambiente e sabia lidar com as condições naturais, sobrevivendo a intempéries e abstraindo o melhor que podia ser oferecido pela fauna e flora. Tudo isso seria útil e valioso, mas o medo causou o fechamento da maioria e a geração de conflitos.

A compaixão sentida por Gemmy também não foi produtiva, pois tal atitude reforçou o aspecto inferior atribuído a ele. Recusavam-no pelas diferenças que continha e faziam-no inferior aos olhos deles. Tal postura da comunidade em relação a Gemmy pode ser entendida como um tipo de paternalismo, que na etimologia da palavra indica um governo fundamentado na autoridade paterna. Tal possibilidade interpretativa recebe comprovação nas afirmações de Memmi (1977, p. 72): “o paternalista é aquele que quer ampliar ainda mais, uma vez admitido, o racismo e a desigualdade”. O mesmo autor afirma ainda que sobre o colonizado é construído um retrato e que este é reforçado o tempo todo nas atitudes dos colonizadores que, mesmo quando ambíguas, conseguem se sustentar em argumentos carregados de preconceitos:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. (...) quando acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade (MEMMI, 1977, p. 79).

O retrato que se cria do colonizado é um mito, reforçado o tempo todo pelo discurso e pela criação de uma ideologia contrária, plenamente, à condição humana, agente e de identidade do colonizado. Ao apiedarem-se de Gemmy, as pessoas da comunidade trazem à tona todo o complexo construído mítico de inferioridade do nativo.

Na próxima seção analisaremos o encontro de Gemmy com a comunidade escocesa, com atenção especial à positividade e à negatividade apresentada por diferentes pessoas e grupos diante do jovem.

### **3.3 O encontro entre a comunidade de povoadores escoceses e Gemmy**

Todo o desenrolar do romance *Remembering Babylon* permite afirmar que Gemmy, em decorrência do percurso de sua vida, tornou-se um projeto da realidade possível ao futuro do continente australiano. A condição culturalmente híbrida da personagem revela o potencial caráter culturalmente híbrido a que toda população estava propensa. A Austrália caminharia, a

partir disso, para uma condição de miscigenação entre a cultura europeia e a cultura aborígine, sem prevalência de nenhuma delas, mas com um convívio harmonioso de indivíduos e elementos culturais presentes na vida dos mesmos.

Ashcroft (1998), ao apresentar o termo “hibridização” salienta a sua relevância dentro dos estudos pós-coloniais, como uma nova forma de transculturação dentro das zonas de contato. O que torna o termo mais interessante é que ele permite conceitualizar a cultura de maneira mais ampla, encerrando-a de forma mais plena. Apesar do termo advir de estudos genéticos, indicando a origem de novos seres (animais ou vegetais) a partir da mistura de genes de espécies diferentes, sua utilização torna-se muito coerente nos estudos culturais, ao designar a condição de mistura cultural e biológica presente no mundo.

O encontro de Gemmy com a comunidade escocesa favorece a continuidade de uma ação de hibridização cultural. Vale salientar um profundo medo que perpassava todos os colonizadores, em qualquer parte do mundo, de tornarem-se “degenerados” a partir do contato com indivíduos nativos ou mesmo com àqueles que já fossem mestiços. Diante do pressuposto de serem uma raça pura, os colonizadores europeus encaravam a mestiçagem como uma degradação. O termo “going native” reflete, de acordo com Ashcroft (1998) exatamente este medo de “contaminação” por uma condição biológica e cultural considerada inferior. De acordo com o autor, a oposição binária colonizador/colonizado, difundida pelo discurso, ampara muitas outras oposições, tais como o par de “raça” civilizada e “raça” selvagem. O medo do colonizador de se tornar como o colonizado é ratificado o tempo todo pelo discurso que afirma que o nativo possui apenas aspectos negativos que ao serem assimilados pelos colonizadores acarretarão em uma contaminação, como uma doença que precisa ser prevenida e combatida.

“In-betweenness” é o termo adequado para designar a condição híbrida do protagonista do romance, reconhecendo estar ele no “entre-lugar”, sem se identificar de maneira plena com os aborígines e sem ser aceito novamente junto aos europeus por já ter vivido tempo demais junto aos aborígines. A hibridização cultural, a qual poderia ser vista como uma possibilidade de crescimento, é avaliada como falha e a diferença presente em Gemmy não pode ser aceita entre os moradores da comunidade em formação.

Apesar das afirmações preconceituosas em relação a essa possibilidade de interação e mistura, também há indivíduos que não se fecham totalmente e são capazes de reconhecer a alteridade de outras pessoas. O romance consegue pontuar essas duas dimensões de relacionamento através das ações das personagens.

Valendo-se da hipótese de que Gemmy seria o projeto de uma nova configuração cultural para a Austrália, pode-se observar entre as personagens do romance um grupo que contribuía para que este projeto fosse levado adiante e pudesse se efetivar e outro grupo que de maneira truculenta ou mais sutil fechava-se ao diferente e negava a mera possibilidade de existência desse projeto de hibridização cultural.

Dentre as personagens que aceitavam Gemmy e respeitavam sua diferença destaca-se, em primeiro lugar, a família McIvor. Jock e Ellen, como os responsáveis pela família, respondem positivamente ao apelo de seus filhos e permitem que Gemmy instale-se no telheiro ao lado da casa da família. Por mais simples que pareça essa acolhida, ela é muito significativa, pois é um primeiro passo de abertura, significando que o medo inicial foi superado pela valorização da condição humana daquele jovem.

As crianças da família McIvor também acolhem Gemmy, cada uma a seu modo. A menina mais nova, Meg, apesar de sua pouca idade (talvez exatamente por isso), não vê em Gemmy uma ameaça e se permite estar junto a ele ao mesmo tempo que sua irmã Janet. Para a menina mais velha, a relação com Gemmy tem aspectos afetivos mais marcantes. O olhar que ela lhe lançou no dia em que se encontraram pela primeira vez anunciou e continuou evidenciando uma forma de poder que ela exercia sobre ele. Porém, este poder do olhar da menina é visto de forma positiva, como uma maneira de acolhê-lo. O garoto Lachlan Beatie tem uma relação bem diferente com Gemmy: inicialmente de dominação e imposição; em seguida como responsável por decodificar o que Gemmy queria dizer com suas palavras mal-articuladas e gestos; e, em seguida, como um amigo, de convivência e partilha, de conhecimentos e afetividade, mas sem deixar que os outros percebam isso, pois tinha muito medo de se mostrar afetuoso ante outras pessoas.

Na convivência diária, Gemmy permitia ser guiado pelas crianças e tinham contato com o mundo de pequenas preciosidades que conheciam. Enquanto isso, Gemmy lhes ensinou algumas das coisas que sabia, envolvendo práticas de coleta de frutos e raízes e artesanato. Ao garoto, em especial, ensinou a rastrear.

Mesmo com toda a aceitação da família, pode-se afirmar que o romance evidencia o tempo todo a presença do medo que os acometia. Gemmy, possuindo muito da cultura aborígine, conseguia aproximar-se sem ser percebido e isso assustava Ellen, a mãe. Quanto a Jock, o medo vinha da metonímica ameaça de Gemmy, ou seja, não havia um medo de Gemmy, mas de um ataque provindo de aborígines, talvez amigos dele. Jock lutava o tempo todo contra isso, acreditando ser algo muito irracional, talvez igualado ao que aponta Memmi (1977, p. 50) a respeito do *colonizador de boa vontade*, “a única escolha que lhe é permitida

não é entre o bem e o mal, é entre o mal e o mal-estar”. O mal-estar de Jock, que tanto o incomoda, mas que ele não consegue explicar, é a opção que lhe surgiu para não assumir o “mal”.

No comportamento de Jock e Ellen observa-se uma ambivalência, ou seja, simultaneamente aceitavam Gemmy em sua casa e afirmavam a inofensividade do rapaz ante seus vizinhos e demais moradores e ao mesmo tempo o temiam, como se ele fosse capaz de despertar medos maiores, medos que habitavam o inconsciente coletivo.

Ainda pertencente a um grupo que aceitava Gemmy estavam a senhora Hutchence e a jovem Leona. As duas estavam dispostas a receber todas as pessoas da comunidade e não houve distinção quando Gemmy passou a fazer parte do convívio da casa, tornando-se um ajudante da senhora Hutchence, a fazer caixas de madeira para as abelhas, ou um visitante, junto com as meninas McIvor.

O pastor Frazer é o sujeito que mais aceitou a proposta de assimilação à diferença, sendo, inclusive, o responsável pela elaboração de um projeto escrito, no qual relatava todas as descobertas da terra australiana - feitas a partir de excursões, nas quais era acompanhado por Gemmy. O projeto do pastor sugeria que as pessoas aderissem a ideia de se adaptar à terra e não de transformá-la para que se tornasse mais adequada às exigências que os moradores já traziam consigo do que seria uma terra ideal para se viver.

Aos que aceitam Gemmy depois de um tempo de convivência, encontra-se o professor George Abbot. A aceitação advinda do jovem professor parece ser criada a partir de uma percepção das semelhanças que os uniam. George humaniza-se e se permite sensibilizar pela condição de Gemmy, muito próxima da sua, tanto no que se refere à idade quanto à condição de isolamento. A humanidade de Gemmy toca a humanidade de George e o aspecto hierarquizante tão comum à maior parte dos moradores se esvai.

Comum a todas as personagens que assimilam com mais facilidade a presença de Gemmy e a condição peculiar em que se encontra é a capacidade de reconhecimento da alteridade. Apesar das limitações e medos que tinham, possibilitando colocar em primeiro lugar a condição humana que os unia e assim eram capazes de criar um clima agradável de convivência e aceitavam que se formasse naquela região uma nova configuração cultural, que mesclasse elementos da cultura aborígine e da cultura europeia.

O potencial da sociedade híbrida na comunidade que começa a se formar é reforçado e apoiado pelas ações de abertura, assimilação, respeito e reconhecimento do outro. Valorizar a diferença como um valor positivo ao crescimento do grupo e a facilitação de adaptar-se à nova terra é uma virtude apregoada por poucos dentro da comunidade que não era tão

numerosa e necessitava de apoio mútuo e colaboração recíproca para manter algumas condições essenciais de sobrevivência.

O argumento de que necessitavam um do outro reforça ações de recriminação a Gemmy, como que se fossem norteados por um código de conduta que incluísse a defesa recíproca ante qualquer ameaça. Pautados nessa afirmação, os vizinhos de Jock McIvor recriminam-no e começam a criar certa diferença em relação a ele, já que os McIvor foram capazes de aceitar o “branco-negro” em sua casa.

O grupo que se opunha ao projeto de hibridização cultural na comunidade que surgia estava mais preocupado com suas propriedades e famílias, vendo em Gemmy uma ameaça grave. As pessoas pertencentes a esse grupo evidenciaram sua postura desde o início da trama, quando atribuíram a Gemmy adjetivos como feio, estranho, incivilizado, surdo-mudo, entre outras caracterizações depreciativas.

Os dados presentes na narrativa não permitem dizer quais eram exatamente estes opositores, contrários a uma sociedade miscigenada. É evidente que os vizinhos de Jock faziam parte desse grupo, tanto Barney Mason quanto Ned Corcoran não são capazes de ver Gemmy da mesma forma que a família McIvor. Advêm deles a cobrança constante a Jock, alertando-o para a iminência de um ataque realizado por aborígenes e da possibilidade de Gemmy ser um mediador dessa ação.

O grupo que se opunha a Gemmy e ao projeto de hibridização cultural acreditava ser possuidor de superioridade ante o jovem, fazia planos de trazer para perto de si os nativos, mas para fazê-los servos e empregados. Outro grupo, mais radical, através de ações dissimuladas, queria que Gemmy apresentasse informações sobre a localização e o número de aborígenes, tanto para garantir a defesa da comunidade de colonos quanto para poder agir em conformidade com a política de colonização vigente: matar os aborígenes através de ataques violentos.

Gemmy percebia as intenções dos sujeitos que queriam apenas interrogá-lo para obter informações e consequentes vantagens contra os nativos, por isso não os respondia a contento e sofria as ações de maus-tratos que lhe deferiam. As agressões expressam-se como forma de exteriorizar a negação da identidade híbrida do jovem.

O clímax da rejeição a Gemmy é o ataque que ele sofre, durante a noite, de um grupo do qual não foi possível identificar ninguém. A ausência de uma identificação adequada para os agentes do ataque coloca todos como possíveis responsáveis e envolvidos. O ataque a Gemmy é um ataque a todos os que comungavam com o ideal de assimilação da diferença, é um ataque ao projeto de que a Austrália pudesse vir a ser formada multiculturalmente através

da aceitação da diferença que se apresentava por meio dos nativos, com sua cultura adaptada àquele meio tão pouco conhecido dos europeus. Negar a assimilação da diferença é negar a possibilidade de adaptação à terra através dos conhecimentos próprios dos nativos e propor a transformação do ambiente a fim de se adaptar e se aproximar daquilo que seria um ideal de espaço habitável.

### **3.4 Contribuição de Gemmy à Comunidade de Povoadores Europeus**

Toda diferença é uma contribuição à construção identitária do outro. Seres humanos constroem sua identidade a partir do contato com outros seres e só existem enquanto existir para o outro.

Gemmy, apresentando-se como a diferença ante a comunidade que se forma na terra australiana, ainda tão pouco “explorada” e conhecida é potencialmente a contribuição elementar para que os indivíduos que coabitaram a região pudessem fazer dela o seu lar, adaptando-se às condições naturais peculiares do espaço.

Mesmo com essa possibilidade, Gemmy foi outremizado, ou seja, visto como inferior ante a comunidade branca. Foi tomado como uma ameaça, mesmo estando ele próprio sob ameaça o tempo todo. Temiam ações de violência da parte dele, mas é ele quem sofre violência de diversas pessoas e grupos. Tratavam-no como selvagem e ignorante, porém, ele é o exemplo mais evidente de uma assimilação pacífica e harmoniosa da cultura aborígine.

A presença de Gemmy afetou a vida de cada pessoa da comunidade e sua contribuição, muito além da mera amizade e do vínculo afetivo aos que lhe aceitaram, faz-se eficaz ante a possibilidade de questionar a própria condição de ser numa terra distante, ao construir ali a vida e a cultura, não mais como reprodução da cultura europeia, mas como adaptação às possibilidades presentes no novo espaço geográfico.

O narrador do romance afirma que as causas de maior “espanto” das pessoas ante Gemmy não era a mera diferença encontrada no rapaz, advinda de sua convivência com os nativos, na qual ele se adaptou muito bem, mas da “aterradora” semelhança e identificação. Gemmy era, em primeiro lugar, humano, como cada um dos habitantes. Gemmy foi uma criança europeia e chegou à costa australiana ainda muito jovem, com a idade dos filhos de muitos daqueles que estavam ali. Em segundo lugar reafirma-se a condição europeia de Gemmy. Embora sua aparência não trouxesse mais todos os elementos dessa constatação, era inegável afirmar sua origem entre europeus. A terceira condição de semelhança entre Gemmy



e a população europeia era a presença no espaço desconhecido: ele chegara antes e se adaptara bem. Reconhecer em Gemmy uma espécie de espelho, no qual as pessoas se viam num futuro breve era incômodo, pois ele tinha muito dos nativos e a população, amedrontada com essa possibilidade, negava-o.

Gemmy contribuiu com a coletividade, mesmo não sendo aceito. Ele foi capaz de fazê-los repensar a condição de identidade na nova terra e a aspiração de fixidez que habitava a mente da maioria deles. As contribuições individuais são muito evidentes naqueles que puderam aceitá-lo na convivência, tal como aconteceu com Janet McIvor e Lachlan Beatie.

Para a garota, Gemmy apontou os caminhos de uma convivência com o ambiente natural, ou seja, de valorização da natureza. Um lado místico, muito comum à cultura aborígine australiana, fora assimilado por Gemmy e de alguma forma transmitido a Janet. O momento de epifania da garota junto às abelhas na casa da senhora Hutchence é a prova desta ligação. A partir deste momento, Janet passou a dedicar sua vida ao estudo das abelhas, tanto em cuidados e observação do comportamento delas, quanto em pesquisas e desenvolvimento de cruzamentos, hibridizações e criação de novas espécies. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2003) as abelhas simbolizam o princípio vital, a materialização da alma e a inteligência; desempenham ainda um papel iniciático. A importância das abelhas na vida de Janet e a profunda ligação que a garota teve com elas relaciona-se de fato com esta rica simbologia. Janet é a mulher perspicaz “aprisionada” na colônia, ansiosa por “fugir” do fado de ser como sua mãe, mas que se abre ao diferente e é capaz de mudar sua vida. Partir para a vida religiosa e tornar-se a “irmã Mônica” aparenta uma submissão, mas foi a forma encontrada pela garota de levar adiante seu cuidado com as abelhas e de desenvolver suas pesquisas.

É interessante notar que Janet empreendeu pesquisas de hibridização de abelhas, algo que reporta à condição que poderia ter ocorrido na colonização de seu país.

Para o garoto Lachlan, as contribuições de Gemmy foram marcantes. A ligação entre os dois foi forte desde o primeiro momento, num vínculo afetivo que o garoto recusava assumir ante as demais pessoas. Além disso, Gemmy confiava e recebia confiança em troca e mesmo com a postura de “dominador”, assumida pelo garoto, observa-se que a mudança ocorreu em algum momento, forçando Lachlan a seguir um caminho de maior aceitação a todos os nativos. As profissões de Lachlan em momentos posteriores, quando já era jovem evidenciam a plena assimilação dele à nova terra e a criação de vínculos muito fortes. Como mateiro, construtor de estradas e posteriormente ministro de estado, Lachlan apostou na assimilação das condições da terra a fim de fazer dela uma nação a ser habitada por qualquer indivíduo.

O vínculo afetivo, posteriormente declarado por Janet, quando ela e Lachlan, já adultos, voltam a se falar, mostra o quão fortes foram as marcas deixadas por Gemmy na vida dos dois. Porém, são apenas um exemplo das mudanças ocorridas nas pessoas a partir do momento do encontro com Gemmy. Mesmo não tendo sido um projeto de assimilação que obteve sucesso, a possibilidade do contato e as reflexões surgidas a partir do encontro com o diferente foram capazes de alterar, mesmo que momentaneamente, o curso da vida, dos pensamentos e das ações da maior parte dos moradores daquela nascente comunidade de colonos.

### **3.5 Desfecho do encontro**

O projeto de hibridização cultural metonimicamente apresentado pela presença de Gemmy na comunidade escocesa não resultou positivamente. As negações, violência e fechamento sentidos por ele fizeram-no perder suas forças e sair do espaço de convivência entre os brancos.

A narrativa não afirma de maneira clara que ele tenha voltado ao convívio com os aborígenes, mas essa é a possibilidade mais plausível, especialmente por já ter sido afirmado em outros momentos da narrativa que era entre os nativos que ele se sentia revitalizado e aceito.

A recusa feita pela comunidade escocesa à possibilidade de hibridização fez com que ela, ao contrário, aderisse a um ideal de segregação, ou seja, constituir sua população como biológica e culturalmente branca. Fechados ao diferente, não foram capazes de valorizar e reconhecer o aborígene e nisso resultou uma população pobre de valores nativos. Isso pode ser observado tanto no romance quanto na constituição identitária da nação australiana na atualidade. Menos de dois por cento da população é nativa e os indivíduos híbridos são também minoria. Até recentemente, na década de setenta do século XX, as crianças mestiças eram separadas de seus pais e de suas comunidades nativas a fim de serem criadas por pessoas de instituições religiosas, a fim de que assimilassem a cultura branca, europeia. A justificativa para tal perversa ação era a mesma utilizada em todos os tempos e lugares em que prevalecia uma ação de colonização: hierarquia. Uma pretensa e constantemente reafirmada superioridade branca em oposição a degeneração, marginalidade e inferior condição do “negro” (compreendido como nativo, o “não-branco”).

Gemmy, ao final do romance, caminha rumo a outros espaços, não mais marcados pela “estrada” dos brancos. A suposição de que ele tivesse retornado ao convívio com os nativos fez Lachlan procurá-lo tempos depois e buscar informações junto a outros nativos, que pudessem tê-lo visto. As respostas, apesar de voltadas para a existência de uma narrativa mítica, junto a outros tantos fatos narrados pelo povo, onde não se marcava temporalmente os eventos, remetem todas para um massacre ocorrido apenas dois ou três anos após o afastamento de Gemmy do convívio com a comunidade de escoceses. Nesse ataque, empreendido por colonizadores, um pequeno grupo foi dispersado, na tentativa de fugir e oito pessoas foram mortas, entre eles Gemmy.

A morte de Gemmy, tão pouco tempo depois, salienta a aniquilação do projeto de hibridização cultural representado metonimicamente por ele. O fechamento e a negação ao diferente foram e ainda são a causa de inúmeros conflitos, perdas e violência no mundo todo.

# CAPÍTULO 4

## CONCLUSÕES, RESULTADOS E POSSIBILIDADES

Construir a identidade é um processo contínuo. Aceitar essa possibilidade é condição necessária para a boa convivência entre indivíduos que se acreditam diferentes, especialmente aqueles que encontram nessa diferença justificativa suficiente para marginalizar o outro e considerar-se superior.

Na colonização, processo amplamente utilizado em todo o mundo para que “impérios” dominassem países “menos desenvolvidos” a não aceitação da identidade e da alteridade do outro foi causa de grandes problemas, especialmente a dominação que acabou gerando violência, exploração, pobreza e gerações de indivíduos considerados pelos outros e por si mesmos inferiores e tais indivíduos já acostumados com a condição de subalternos/inferiores agem de forma condizente com a situação que lhes foi imposta, ou seja, a inferiorização.

A literatura pós-colonial, particularmente aquela escrita por indivíduos que vivem na colônia e também sofreram influências do processo de colonização, tem a capacidade de apresentar aos olhos do mundo uma continuação do que sempre foi afirmado, ou seja, uma confirmação da colonização como processo ‘natural’, juntamente com todas as implicações dela advindas, um mundo dividido entre um “eu” e um “outro”, o centro e a periferia, os ricos e os pobres, os civilizados e os selvagens, os brancos e os “negros”, a Europa e o “resto do mundo”. Porém, esta mesma literatura pode fazer a diferença, apresentando ao mundo um novo olhar sobre a realidade, na qual todas as oposições binárias podem ser desconstruídas.

### 4.1 Passos dados

Explorar aspectos referentes à identidade e à autoridade no romance *Remembering Babylon*, de David Malouf, foi o que motivou toda a escrita deste trabalho dissertativo. No entanto, para se alcançar este objetivo e maiores detalhes sobre essas duas condições do ser, enquanto existência e enquanto relação, o trajeto percorrido perpassou detalhes que pudessem levar a uma melhor compreensão do livro e do contexto que o gerou, é o que foi chamado de status literário de *Remembering Babylon*. Nesta proposta foram apresentadas as motivações que levaram a realização deste trabalho, assim como os objetivos, geral e específicos, a metodologia, algumas informações sobre o autor e outras sobre a história da Austrália e da

literatura do país. Ainda fez-se uma descrição da fábula do romance, encadeando tudo aquilo que ocorreu na narrativa, de forma linear.

O que se apresenta no capítulo seguinte é a teoria que embasa a pesquisa, ou seja, autores que versaram sobre a identidade e a alteridade e seus desdobramentos na condição dos seres humanos. Concentram-se nessa parte as definições sobre a constituição da identidade, especialmente pela dificuldade em se definir e delimitar as exatas condições que fazem com que a identidade se construa, exatamente pela profusão de possibilidades. Assim como é complexo determinar, de forma breve, como se constrói a alteridade, avaliando e apresentando afirmações sobre como os indivíduos reconhecem uns aos outros e se relacionam, especialmente ante as marcantes diferenças advindas de mundos culturais diversos, com as consequentes divergências religiosas, linguísticas, comportamentais, históricas e mesmo étnicas.

Verificar as possibilidades que os seres humanos constroem em suas relações interpessoais, valendo-se de sua condição particular e do valor atribuído a si e aos demais, tanto em busca do reconhecimento da igualadora humanidade quanto buscando justificar ações de sobreposição, hierarquização e opressão, através da negação da condição humana do outro, desmerecendo todos os aspectos constitutivos de seu “ser sujeito”. Essa foi a tarefa buscada através do capítulo teórico, apresentando ainda aspectos interessantes para a compreensão do romance, objeto de estudo do trabalho.

O terceiro capítulo passou a analisar o romance em específico, valendo-se especialmente da particularidade do protagonista, sujeito culturalmente híbrido, de nascimento europeu, convivência entre aborígenes australianos e com retorno ao convívio de europeus colonizadores na Austrália. Verificar o que sentiam as pessoas pertencentes às famílias de colonizadores, seus anseios e medos ante o desconhecido, a relação estabelecida entre eles e a relação que estabeleceram com Gemmy, o sujeito culturalmente híbrido.

Fazer este percurso de análise junto às famílias constituiu parte do terceiro capítulo, pois foi valioso verificar a condição de Gemmy por si só, desde as primeiras informações que são possíveis de ser obtidas sobre ele no romance, verificando sua difícil trajetória de vida, até chegar ao momento de seu encontro com os aborígenes. A relação de Gemmy com os aborígenes, apresentada pelo narrador, parece constituir os pensamentos do protagonista e revela uma adaptação que ocorreu de forma breve, sem maiores problemas e com aceitação do grupo nativo. O posterior encontro de Gemmy com os colonizadores escoceses esbarra na dificuldade de reconhecimento e aceitação empreendida pelos colonizadores que temiam profundamente qualquer aproximação com o “lado escuro das coisas”. Mesmo com as

dificuldades surgidas houve quem aceitasse Gemmy e se fizesse próximo dele. Este fato é ressaltado na parte final do terceiro capítulo, mostrando que o reconhecimento da alteridade é possível e que essa ação revela muitos aspectos positivos de convivência harmônica, mostrando ser a tolerância a condição para relações interpessoais saudáveis.

A partir desses passos dados, foi possível chegar a algumas conclusões mais específicas, que remontam à análise do romance e os aspectos mais interessantes sobre a constituição da identidade dos indivíduos e da identidade coletiva. Ainda apresentam-se as conclusões sobre o reconhecimento da alteridade.

#### **4.2 Conclusões específicas**

Constatações mais específicas sobre o romance de David Malouf denotam as grandes possibilidades presentes na obra, ou seja, uma riqueza interpretativa que pode ser encontrada a partir da densidade psicológica das personagens e, conseqüentemente, a densidade das ações e pensamentos dessas personagens. Uma obra literária que assim se apresenta não se limita e não se esgota, sendo sempre uma possível fonte de pesquisa.

Dentre as conclusões específicas destaca-se, em primeiro lugar, a condição dos colonizadores escoceses que foram até a Austrália para construir suas vidas. As peculiaridades do espaço geográfico, muito diferente da terra natal, a presença de nativos e a distância de qualquer centro ou referência geográfica fizeram com que todos eles se preocupassem com a condição de suas vidas e alimentassem medos. Além do dito popular que nos afirma que não é possível amar/gostar daquilo que não se conhece, é possível acrescentar que, muitas vezes, se tem medo e aversão daquilo que não se conhece. E assim agem os colonizadores, amedrontados com a presença de nativos nas terras que passaram a lhes pertencer, adotam a prática do aniquilamento do diferente, negando qualquer possibilidade de relação pacífica, de convivência.

Outra constatação advinda da análise refere-se à atribuição de conceitos fantasiosos e medos presentes na terra natal, especialmente aqueles que povoam o imaginário coletivo, das coisas desconhecidas que habitam a noite e a escuridão, para a população aborígine. Ou seja, todos os mitos que alimentavam os medos mais primitivos e arraigados àquela população, em sua cultura, foram transformados em atributos às pessoas desconhecidas que habitavam a terra em que eles se encontravam agora, como colonizadores.

A pobreza das pessoas que passaram a habitar a Austrália, colonizando-a, assim como as dificuldades que eles enfrentaram nesta terra, poderiam ser indicadores de uma conciliação com os povos nativos, ou seja, ao observarem as dificuldades que enfrentavam e reconhecer a sabedoria existente nos nativos, através dos séculos em que eles já estavam nestas terras, existência esta que já continha as respostas sobre o ambiente, a terra, o cultivo de alimentos, o aproveitamento da flora e fauna nativa, facilitando a adaptação ao que o ambiente oferecia. No entanto, todos eles chegaram até o espaço considerando-se superiores aos nativos e, mesmo dentro de suas grandes limitações e dificuldades, queriam transformar a terra onde estavam, relutando a adaptar-se a ela e negavam qualquer possibilidade de “aprendizado” proveniente dos nativos. A pretensa superioridade dos colonizadores constituiu-se em aspecto perverso, criador de hierarquização, negação, racismo e violência.

Um dos maiores medos dos colonizadores, evidenciado pelo romance, era perder a sua identidade originária, ou seja, deixarem de ser aquilo que sempre foram e que lhes garantia uma segurança sobre a condição nacional deles no mundo. Esta fixidez da condição identitária dos colonizadores foi causadora de problemas. Ademais, a chegada de Gemmy, sujeito culturalmente híbrido, trouxe desequilíbrio aos sujeitos colonizadores. Enxergavam em Gemmy, ao mesmo tempo, uma condição igualadora incômoda: ter origem europeia; e uma diferença repulsiva: ter convivido com os nativos e ter assimilado os costumes aborígenes. Constata-se que a figura de Gemmy, tão aproximadora e repulsiva ao mesmo tempo, desestabilizava a compreensão do mundo e da identidade pessoal que vinham construindo até então. Temiam tornar-se o que Gemmy era, temiam assumir que a identidade nacional que passaram a construir na Austrália pudesse afastá-los de uma “essência” cultural fundadora, original, europeia.

Ainda conclui-se que a negação de Gemmy e dos nativos em geral não é unânime. Há na colônia aqueles que se fizeram flexíveis e que enxergaram em Gemmy uma possibilidade de encontro, de equilíbrio e de aprendizagem. As observações daqueles que puderam assimilar a diferença como possibilidade de crescimento e de mudanças positivas mereceram destaque na análise e garantiram concluir que a convivência pacífica e a possibilidade de se deixar adaptar ao meio e aprender com a experiência do outro facilita a vida e minimiza o impacto advindo da mudança, especialmente a radical mudança geográfica, tal como é apresentada no romance, pela qual passaram os colonizadores escoceses em terras australianas.

Através do comportamento daqueles que aceitaram conviver com Gemmy e estavam dispostos a assimilar os conhecimentos que ele havia adquirido dos aborígenes, conclui-se que

o jovem incorporou um projeto de hibridização na Austrália nascente, ou seja, Gemmy era um ‘exemplum’ daquilo que todos poderiam vir a tornar-se caso permitissem misturar sua cultura com a cultura dos nativos, aproveitando as possibilidades da terra australiana, adaptando-se a ela, sem desejar que a terra se adaptasse a eles e se tornasse uma réplica da terra natal. Essa assimilação cultural também permitiria uma convivência pacífica com os nativos. Foi isso que Gemmy apresentou, quando pode conviver com a comunidade aborígine e assimilou seus costumes. Porém, essa condição foi negada veementemente pelos colonizadores e o projeto não teve seguimento. A morte de Gemmy, sabida através de relatos pouco detalhados e sem constatação real, mas plenamente aceitável como real, evidencia e simboliza a morte do projeto de hibridização. O multiculturalismo proposto foi negado e a prática de aniquilamento do diferente, do “outro”, prevaleceu na Austrália.

O autor do romance coloca em evidência que as fronteiras, culturais, biológicas ou geográficas, que são potencialmente a possibilidade de contato e de trocas, se tornam com mais facilidade uma barreira.

O que é apresentado através da narrativa pode ser constatado na atualidade na composição da Austrália, que conta com uma população predominantemente branca. Dados estatísticos apontam que menos de dois por cento da população australiana é de aborígines. Essa é a prova de que a negação do diferente, do nativo, resultou na violência contra essa parcela da população que era a maioria no período em que os colonizadores chegaram. Visualiza-se a face perversa da colonização.

As muitas questões apresentadas no início deste trabalho, como problematização, não receberam uma resposta direcionada, mas espera-se que o percurso de pesquisa e análise tenha conseguido responder alguns questionamentos, principalmente evidenciando o quão intrincadas são a construção da identidade e da alteridade nas relações humanas e o quão urgente se faz reconhecer a necessidade de respeito ao outro. As muitas guerras, conflitos e violências presentes no mundo, entre povos, grupos e pessoas, são fruto de uma interpretação exclusivista e fechada da identidade e do trato com o próximo. Refletir sobre as relações humanas e colocar-se numa postura aberta, franca e livre de preconceitos conduz à construção de espaços de tolerância, onde existe a valorização e a dignidade do eu e do outro



### 4.3 Perspectivas de pesquisas futuras

Dada a riqueza de possibilidades interpretativas e analíticas do romance, apresentam-se agora algumas perspectivas de temas para pesquisas futuras, tanto a ser empreendidas por mim num doutorado, quanto para outros pesquisadores.

O tema proposto na pesquisa, identidade e alteridade, não se esgotou. Não é possível ter essa pretensão, dada a abrangência e complexidade do mesmo. Pesquisas futuras ainda podem versar sobre essas duas condições presentes no romance.

É ainda viável observar e analisar as condições relativas à língua, tanto a nativa quanto a que se adquire, pois o romance trata disso e a presente pesquisa, apesar de ter citado algo a respeito, não se aprofundou.

O multiculturalismo que se apresenta como possível e como condição presente no mundo desde sempre, mas mais evidente e discutida na atualidade, é ainda interessante tema de pesquisa.

A condição das crianças e adolescentes na colônia está presente no romance e dada a grande quantidade de dados sobre essas personagens, inclusive de densidade psicológica, acredita-se que seja um tema de pesquisa, tanto a respeito da assimilação da colonização pelas crianças, do legado dos pais sobre os filhos na forma de “ver” o mundo e nas observações e constatações das crianças antes os fatos; seus ritos de passagem para a vida adulta e a construção da identidade adulta na colônia.

As mulheres do romance também merecem pesquisa mais detalhada. Janet, Ellen, Sra. Hutchence, Leona, todas elas diferentes e ao mesmo tempo com as particularidades de sua condição feminina numa colônia: independência e opressão, o desejo de liberdade e a mudança somado a perspectivas limitadas, força e enfrentamento. A presença destes atributos e condições de vida às mulheres do romance permite e merece análise cuidadosa.

*Remembering Babylon*, mesmo com a não prevalência de um “final feliz”, positivo ou otimista em relação à colonização da Austrália, enquadra-se na literatura pós-colonial que modula o olhar de maneira diferente para as situações de colonização e de ordem no mundo, pois permite um mergulho profundo tanto na construção da identidade individual das personagens do romance quanto na constituição identitária coletiva, na identidade nacional. Lança um olhar sobre a identidade do híbrido, através do sujeito culturalmente híbrido que teve uma trajetória que o conduziu à marginalização, excetuando-se apenas seu período de vida junto aos aborígenes.

A alteridade do protagonista do romance leva a questionar todas as formas de relação estabelecidas nas sociedades coloniais, das dificuldades em se aceitar aquilo que é diferente e pouco comum, a facilidade de fechar-se e de negar a alteridade do outro quando este não condiz com os valores do “eu”.

O projeto de uma sociedade australiana cultural e biologicamente híbrida é rechaçado, a morte de Gemmy traduz a morte do projeto e a sua negação junto à população do continente. A política do massacre dos nativos respondia mais coerentemente à postura da colonização e era respaldada por todo um construto perverso de hierarquização, no qual a vida dos nativos valia pouco ou nada, na qual a condição de “selvagens” cheios de magias e ligações espirituais com a natureza e com os mortos os tornava ameaças mais severas, dignas de extermínio, para não atrapalhar a colonização.

Mesmo fortemente negados, a hibridização e o multiculturalismo ainda puderam aparecer, através da influência que exerceram em algumas das personagens do romance. Exatamente aqueles que se permitiram “tocar” pela diferença e a aceitaram, mudaram suas vidas, numa conduta mais maleável, respeitadora e menos discriminatória.

Descobrir no outro uma possibilidade de interação e não uma ameaça é mérito e caminho para o respeito e a convivência. Num mundo que se apresenta cada vez mais multicultural e híbrido é impossível agarrar-se a condições fixas de identidade pessoal, nacional ou cultural. A existência dessas identidades é aceita e respeitada, mas não podem ser assimiladas como condição fixa e definida. A diferença presente no “eu” também está presente no “outro” e a não valorização disso, num aspecto comparativo, é fundamental para que a tolerância e o respeito prevaleçam.

Minimizar e eliminar conflitos, violência e guerras parte da atitude da aceitação da diferença. Reconhecer a alteridade é caminho para alcançar a tão propalada paz.

## Referências Bibliográficas

- ABDALA JR., B. *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ABRIL, Almanaque. Edição Mundo. Ano 26. São Paulo: Abril, 2000.
- AMAZON. *Remembering Babylon: A Novel* (1993). Disponível em: [http://www.amazon.com/gp/product/productdescription/0679749519/ref=dp\\_proddesc\\_0?ie=UTF8&n=283155&s=books](http://www.amazon.com/gp/product/productdescription/0679749519/ref=dp_proddesc_0?ie=UTF8&n=283155&s=books). Acesso em: 16 fev. 2009.
- ASHCROFT, Bill. *Post-colonial transformation*. London: Routledge, 2002.
- ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *Key Concepts in Post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.
- BARSA, *Nova Enciclopédia*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998. Volume 2.
- BETTO, Frei. *Alteridade* (2003). Disponível em: [www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=7063](http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=7063). Acesso em: 09 abr. 2009.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias*. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-Colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolo: (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) – 18ª ed.* – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CURTI, L. 2006. Percorsi di subalternità: Gramsci, Said, Spivak. In : CHAMBERS, I. (org.). *Esercizi di potere : Gramsci, Said e il postcoloniale*. Roma : Maltemi *apud* DEL ROIO, Marcos. *Gramsci e a emancipação do subalterno*. Revista de sociologia e política, n° 29: 233-236 Nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a06n29.pdf>. Acesso em 02 mai. 2009.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HUGH, R. *The Fatal Shore: The Epic of Australia's Founding*. New York: Vintage Books, 1988.

KENEALLY, T. *A Commonwealth of Thieves: The Improbable Birth of Australia*. New York: Anchor Books, 2007.

KIRKUS Reviews (1993). Disponível em: [http://www.amazon.com/gp/product/product-description/0679749519/ref=dp\\_proddesc\\_0?ie=UTF8&n=283155&s=books](http://www.amazon.com/gp/product/product-description/0679749519/ref=dp_proddesc_0?ie=UTF8&n=283155&s=books). Acesso em: 16 fev. 2009.

LAROUSSE Cultural, *Grande Enciclopédia*. Vol. 3. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

LETRAS, Companhia das. *Título nos vinte anos de Companhia das Letras* (2006). Disponível em: [http://www.companhiadasletras.com.br/20anos/titulos\\_especificos.php3?cd=10960](http://www.companhiadasletras.com.br/20anos/titulos_especificos.php3?cd=10960). Acesso em: 12 mai. 2009.

LIVRA. *Lembrando Babilônia* (2003). Disponível em: <http://br.livra.com/item/lembrando-babilonia/1540525/>. Acesso em 16 fev. 2009.

LOSNAK, Marcos. A intolerância da civilização. *Folha de Londrina*, Folha Dois. 09/08/2000. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/>. Acesso em 30 abr. 2009.

LUZ, Robson Réus Silva da. Austrália, um país de alto padrão. E os aborígenes? *Mundo Jovem*, Porto Alegre, ano 46, no. 392, Nov. 2008.

MAIS, caderno. *Folha de São Paulo*. 16/07/2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1607200001.htm>. Acesso: 29 abr. 2009.

MALOUF, David. *Lembrando Babilônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MALOUF, David. *Remembering Babylon*. New York: Vintage International, 1993.

MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NERY, Wellington (2007). *O princípio da alteridade*. Disponível em: [falandonalata.wordpress.com/2007/10/06/o-principio-da-alteridade/](http://falandonalata.wordpress.com/2007/10/06/o-principio-da-alteridade/). Acesso em: 09 abr. 2009.

PRATT, M. L. *Os olhos do Império*. Bauru: USC, 1999.

PROCTER, James. *Critical Perspective* (2002). Disponível em: <http://www.contemporarywriters.com/authors/?p=auth66#prizes>. Acesso em: 16 fev. 2009.

RANDALL, Don. *David Malouf*. Contemporary World Writers. Manchester: Manchester University Press, 2007.

- ROSS, Robert L. *Colonial and Post-colonial fiction: An Anthology*. New York: Garland Publishing Inc, 1999.
- SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAMPSON, George. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Third Edition. London: Cambridge University Press, 1982.
- SARTRE, J.-P. *L'Être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1994 *apud* KAHLMEYER-MERTENS, Roberto S. *Jean-Paul Sartre – fenomenologia da alteridade*. s/d. Disponível em: [http://www.consciencia.org/sartre\\_alteridaderoberto.shtml](http://www.consciencia.org/sartre_alteridaderoberto.shtml). Acesso em 08 jun. 2009.
- SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SIDEKUN, Antônio. Alteridade e Interculturalidade. In \_\_\_\_\_ (org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí: Editora Ijuí, 2003, p. 233-295.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In \_\_\_\_\_ (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 73-102.
- SOUZA DE DEUS, Adilson (2007) *Identidade*. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/psicologia/identidade.htm>. Acesso em 09 abr. 2009.
- SOUZA, Lynn Mario T. M. de. O fragmento quântico: identidade e alteridade no sujeito pós-colonial. In: *Letras “Alteridade e Heterogeneidade”*. Santa Maria: UFSM, Jan/Jun 1997, p. 65-81.
- THE NEW YORK TIMES (1993). Disponível em <http://www.nytimes.com/1993/10/19/books/books-of-the-times-a-black-white-man-in-colonial-australia.html?scp=1&sq=There%20are%20passages%20of%20aching%20beauty%20in%20Remembering%20Babylon&st=cse>. Acesso em 17 fev. 2009.
- VEJA online (2000). Veja Recomenda. Livro. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/idade/veja\\_recomenda/260700/livros\\_babilonia.html](http://veja.abril.com.br/idade/veja_recomenda/260700/livros_babilonia.html). Acesso em 16 fev. 2009.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-72.
- ZIZEK, Slavoj. *How to read Lacan*. New York/London: Norton Company, 2006.